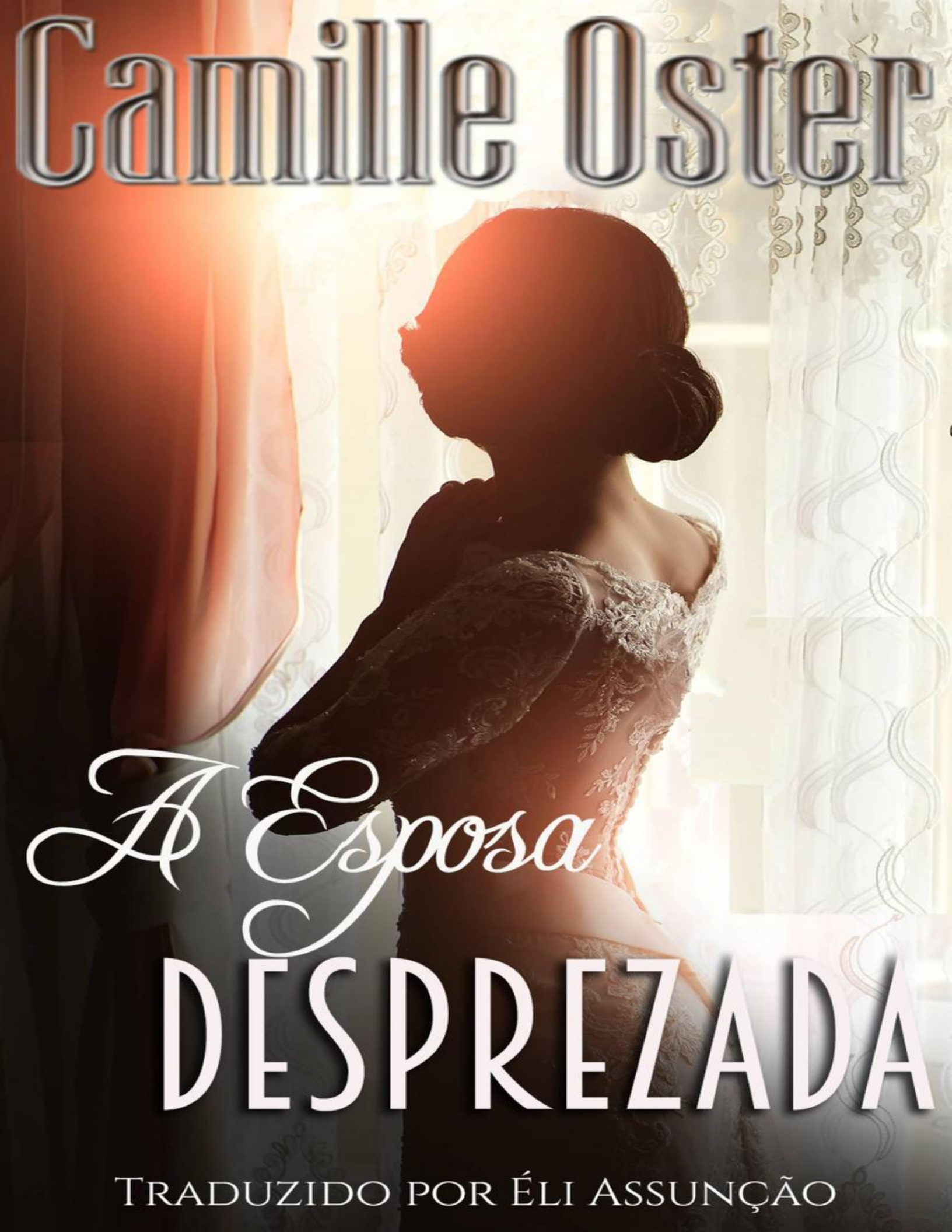


Camille Oster

A woman in a lace dress is shown in profile, looking out a window. The scene is bathed in warm, golden light, suggesting a sunset or sunrise. The woman's hair is styled in a bun, and she is wearing a long-sleeved lace dress. The window has white curtains with a subtle pattern.

A Esposa **DESPREZADA**

TRADUZIDO POR ÉLI ASSUNÇÃO



A Esposa Desprezada

Camille Oster

Traduzido por Éli Assunção

“A Esposa Desprezada”

Escrito por Camille Oster

Copyright © 2019 Camille Oster

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Éli Assunção

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Sumário

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[A Esposa Desprezada | Camille Oster | Traduzido por Wélida de Souza Muniz](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Epílogo](#)

[A Maldição da Mansão Hawke](#)

[A Governanta](#)

[Uma Esposa Ausente](#)

A Esposa Desprezada
Camille Oster

Traduzido por Wélida de Souza Muniz

“A Esposa Desprezada”

Escrito por Camille Oster

Copyright © 2019 Camille Oster

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Éli Assunção

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Copyright ©2019 Camille Oster

Todos os direitos reservados.

Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são fruto da imaginação da autora, ou usados de forma fictícia. Quaisquer semelhanças com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, locais ou eventos é mera coincidência.

Autora Camille Oster

www.camilleoster.com

<http://www.facebook.com/pages/Camille-Oster/489718877729579>

camille.osternz@gmail.com

Capítulo 1

Londres, 1853

SEGURANDO A MÃO do filho com força, Sophie o protegeu da chuva que caía sem parar sobre a sombrinha preta. O vigário não tinha proteção e ficou debaixo da chuva enquanto fazia o sermão fúnebre. Dois homens esperavam pelo término do ritual para que pudessem começar a jogar terra sobre o túmulo do seu marido.

A doença, finalmente, o tinha reclamado, como ela sabia que aconteceria. Mas mesmo assim foi um choque quando aconteceu, era como se ela nunca tivesse realmente acreditado naquela possibilidade. Doug tinha morrido, e o vazio do pensamento fez doer o seu coração. Ela amava o marido. Ele tinha sido um bom homem.

Por que as pessoas ruins continuavam vivendo enquanto as boas morriam? Não havia justiça nesse mundo? Como um homem bom como Doug tivera um fim tão trágico enquanto um homem horrível como lorde Aberley continuava vivo e respirando?

Sophie parou de pensar no ex-marido e segurou o filho com mais força. Para que guardar mágoa? Lorde Aberley tinha, mesmo apesar de tudo o que ele era, dado o presente mais valioso que já lhe deram, e o divórcio a conduziu a um homem que ela realmente amava, e que a amava também.

Muitos tinham visto o seu segundo casamento como uma prova de quão baixo ela tinha caído, casar com um músico pobre e fracassado. O casamento tinha sido comprado, mas isso não o impediu de ser bem-sucedido. Com o dinheiro que Doug recebeu para dar um nome ao filho dela, eles arranjaram os equipamentos musicais e os suprimentos para a loja em Holborn, a qual pagava pelos dois cômodos em que moravam, em um local não muito distante de lá, e acabou que aquela foi uma vida muito feliz.

Seu filho, Alfie, cresceu rodeado pela música e pelo amor. Esse foi o primeiro golpe que ele recebeu da vida e ele a olhava com aqueles olhos azuis muito claros que ela tanto amava.

— Nós ficaremos bem — disse ela com um sorriso triste. — Sabíamos que esse dia ia chegar.

— Ele não vai sentir frio lá embaixo?

— Seu pai está no céu agora. Ele nunca mais sentirá frio.

Alfie não sabia que Doug não era o pai dele mesmo que os cabelos escuros e os olhos da cor do gelo mostrassem que não havia laços de sangue entre os dois. Mas ela ainda não estava preparada para discutir a verdadeira paternidade com o menino. Era melhor assim. Melhor um pai morto que o amava do que ele saber que era a descendência de um homem monstruoso e cruel.

— Venha, meu amor, está na hora de ir — disse, e começou a se afastar. Parecia cruel simplesmente deixar Doug para trás, mas tinham que fazer isso. Doug morreu e não fazia sentido fingir que não era verdade. De certa forma, a morte dele tinha sido um ato de misericórdia. A doença tinha sido cruel no final, e agora ele não sofria mais.

Precisava abrir a loja. Ela tinha ficado fechada com muita frequência nestas últimas semanas. Contando os gastos com o funeral, as finanças tinham sofrido um golpe expressivo.

A carruagem de aluguel esperava por eles, conforme foi pedido, e os levou embora do cemitério. Foi um longo trajeto até Holborn e eles foram em silêncio. A chuva praticamente escondia a cidade. As ruas estavam vazias e grande parte do barulho tinha se calado. Era um clima que favorecia o pesar. Era quase como se toda a cidade estivesse sofrendo a perda de um homem amável.

Suspirando, Sophie puxou o filho para si. Eles ficariam bem. Tinham a loja, os quartos e dinheiro suficiente para a educação de Alfie. Não havia nada de que estivessem necessitando. Eles só seguiriam em frente.

A carruagem de aluguel os deixou em frente à loja, e Sophie tirou a chave de bronze da bolsa *reticule* e destrancou a porta. A saia preta molhava o chão de tábua corrida enquanto ela e Alfie entravam. Alfie foi correndo para os fundos, em direção ao recanto onde ele gostava de ficar. O pesar o deixara perdido e, por vezes, ele precisava ficar sozinho.

Ela desprendeu o chapéu e o colocou no cabideiro e então foi até a porta para virar a placa de “Fechado”. Não haveria muitos clientes naquele dia, mas ansiava por um pouco de normalidade e estar na loja era o mais próximo de normal que conseguiria.

Pegou a vassoura e varreu o chão, depois tirou o pó das partituras. Havia instrumentos pendurados nos ganchos ao longo das janelas. Era uma loja iluminada, situada em uma esquina. No inverno era muito frio por causa do grande número de janelas: era o preço que tinha que pagar pela luz, mas Sophie preferia que fosse assim.

*

— Está tudo em ordem, Sra. Duthie — disse o Sr. Lawrence, de pé, com seu terno escuro, atrás da mesa de mogno do seu enorme escritório mal iluminado. Sophie nunca gostou do lugar. Tinha passado muito tempo ali cuidando de assuntos desagradáveis. O advogado a tinha auxiliado quando o pai morreu, com o casamento e o divórcio, e agora com a morte do segundo marido. — A senhora só precisa assinar aqui.

A crinolina do traje de luto se moveu quando ela se inclinou para assinar o documento com a pena de metal que o Sr. Lawrence tinha lhe oferecido.

— Está tudo certo. A loja e tudo o que há lá dentro são seus, desde que pague o aluguel em dia.

O Sr. Lawrence tinha a tendência de dizer o óbvio, como se ela nunca tivesse pensado que teria que pagar o aluguel; aparentemente, nunca ocorreu a ele que ela vinha pagando todas as despesas da casa nos últimos seis anos.

— Obrigada, Sr. Lawrence — disse, ainda grata ao homem, pois ele tinha oferecido seus serviços a um preço diferenciado devido às suas atuais circunstâncias. A piedade do homem tinha sido despertada quando lorde Aberley se divorciou dela e ele a manteve como cliente mesmo quando ela praticamente não tinha como pagá-lo.

Ele deu um sorriso forçado enquanto pegava o documento.

— Está livre para se casar novamente, caso for do seu desejo, e de acordo com as suas instruções, seu filho agora é o principal beneficiário do seu testamento no caso de alguma calamidade vir a

acontecer com a senhora. — O testamento tomava também providências para o cuidado dele. A vida lhe ensinou que ela precisava ser precavida no que dizia respeito aos cuidados das pessoas. Por vezes demais se viu esbofeteada pelos propósitos que outras pessoas tinham para ela.

— Não, não quero mais saber de maridos — disse com um sorriso contrito.

O Sr. Lawrence piscou. Ele não entendia que uma mulher escolheria reduzir as chances e limitar a renda em vez de preferir os cuidados providos por um marido.

— A senhora é ainda muito jovem.

— Não me sinto tão jovem neste momento.

— Tenho certeza que com o tempo virá a pensar de outra forma.

Ela duvidava, mas não havia por que dizer isso ao Sr. Lawrence. Para ele, como para muitas pessoas, um marido era o único meio de subir na vida, e de conseguir cuidados. Mulheres solteiras, e viúvas, eram apenas um aborrecimento para a sociedade.

Neste momento, para ela, as coisas eram diferentes. O estigma do divórcio já não existia mais, era bem melhor ser viúva do que divorciada.

— Muito obrigada pelos seus serviços, Sr. Lawrence. Como sempre, o senhor foi inestimável.

O homem sorriu. Mesmo sendo pomposo e arrogante, ele tinha um bom coração e ela era o receptáculo da caridade dele.

— É melhor eu voltar para Alfie.

— Sim, é claro. — O Sr. Lawrence também era uma das poucas pessoas que sabia que Sophie estava grávida antes de se casar com Doug Duthie. E Doug, sendo a alma perdida e solitária que era, não teve ninguém para notar ou comentar que o filho da esposa tinha nascido bem antes.

Foram de estranhos a um casal que desfrutou da paternidade juntos. O leito conjugal só se tornou um lugar para dormir à medida que a doença de Doug piorava. Sophie tinha aceitado. Mas aquilo afligia Doug ainda mais, mas não havia muito o que ele pudesse fazer para remediar a situação.

Despediu-se do Sr. Lawrence e saiu do escritório esperando que levasse um tempo até que precisasse vê-lo novamente. O homem

ainda estava aborrecido pela recusa direta de lorde Aberley de prover qualquer suporte a ela depois do divórcio, mas Sophie estava resolvida a não aceitar o dinheiro, ou qualquer outra coisa, dele. Aquela foi uma época de sua vida que preferia esquecer.

Por um curto período, teve ao seu alcance todos os meios, cada luxo do mundo, mas aquilo não a fazia feliz. Era muito jovem e esperançosa na época, não entendera que lorde Aberley não era um príncipe que saíra dos contos de fadas para levá-la a uma vida bela e luxuosa. A verdadeira face do seu casamento só ficou clara para ela depois do divórcio. Lorde Aberley não tinha se casado com ela por livre e espontânea vontade. O intenso ódio que ele sentia por ela ficou logo aparente. Na maior parte do tempo, ele simplesmente se recusava a notar que ela estava lá.

Ainda não sabia os detalhes do acontecido, mas lorde Aberley se casou sob coação, e pouco depois de a irmã dele morrer no parto, ele abriu o pedido de divórcio. Era óbvio que havia algum elo entre esses acontecimentos.

Capítulo 2

Enquanto tomava um gole de *whisky* puro malte, Tristan analisava as cartas que tinha em mãos e o seu oponente, o cansativo lorde Haddock, que acreditava que a própria sorte era melhor do que realmente era.

— Quatro rainhas — disse Tristan, colocando as cartas sobre a mesa do antro de jogatina que não aguava as bebidas. Era algo tão simples, mas muitas pessoas não podiam entender como ele tomava suas decisões sobre onde passaria tempo baseado apenas naquilo. Uma perfeita lógica que escapava a muitos.

— Diabos, homem — disse Haddock. — Você tem uma danada de uma sorte.

Sim, bem, ele realmente tinha sorte nas cartas; ou a habilidade de ver a rodada como um todo, quando necessário. Olhando para baixo, analisou as cartas. As rainhas o encaravam também. Não tanta sorte no que dizia respeito às mulheres. As mulheres só eram agradáveis quando se pagava por elas. E esse fato não era um problema por ali. Todo tipo de mulher estava disponível, por um preço.

E ele tinha se juntado a cada tipo, mas naquela noite, não queria se dar ao trabalho. A mais básica das boas maneiras estava fora do seu alcance, principalmente quando tinha a ver com mulheres. Se pudesse passar sem aquela necessidade básica, passaria. Aquilo nunca tinha lhe favorecido, muito menos as mulheres.

Em casa, enfiado em uma gaveta, estava o anel de noivado que tinha pegado de volta. De início, aquela vaca gananciosa havia insistido em ficar com ele, mesmo depois de ele tê-la forçado a admitir que ela tinha seduzido o Conde de Pilkerton na esperança de que ele pediria a mão dela. Mesmo tendo concordado com o noivado, a ávida rameira tinha ambicionado um título mais importante. Soube que a aposta dela tinha dado certo.

Tristan não pôde se obrigar a relevar aquela indiscrição, mesmo que não tivesse grandes esperanças de qualquer tipo de lealdade. Talvez devesse apenas ter seguido em frente com o casamento

enquanto teve a oportunidade, então poderia engendrar um herdeiro, mesmo se não tivesse certeza que fosse seu.

Mulheres eram criaturas interesseiras e mesmo protegendo-se contra elas, tinha sido vítima – mais de uma vez. Sob ameaças de acabarem com a reputação da irmã, tinha sido obrigado a se casar com aquela primeira criatura. Os embusteiros o tiveram nas mãos, e ele não teve outra escolha que não casar com uma messalina de baixo escalão sem meios ou berço. Tinha sido a coisa mais vergonhosa pela qual já passara.

A morte da irmã pusera um fim àquela farsa, e a qualquer coisa que aqueles vagabundos tinham contra ele. Um irmão e uma irmã. Bem, aquilo não foi nada útil para eles no final das contas, e as bebidas neste lugar eram muito caras para gente daquela laia. Não tinha visto rastro deles desde então, o que era bom, pois provavelmente os teria açoitado.

Não, não teria. Nunca desceria tão baixo ao ponto de tornar público o desdém que sentia pela mulher com quem tinha sido coagido a se casar. Em particular, no entanto, qualquer miséria que se abateu sobre eles teve sua total aprovação.

O problema era que precisava de uma mulher para ter um herdeiro, mas havia fatores alarmantes. Nenhuma das amantes que teve ao longo da vida ficou grávida. Uma bênção sob muitos aspectos, mas ao contrário de qualquer homem em sua posição, que tinha gerado uma verdadeira ninhada de crianças, legítimas ou não, ele nunca tinha produzido uma única em todos os seus trinta e oito anos de idade. Sua situação era preocupante, pois lorde Forthworth tinha caído morto de repente, e o homem era apenas quatro anos mais velho que ele.

A necessidade de um herdeiro tinha se tornado vital. Foi de ter ficado tão ofendido por ter sido obrigado a se casar com uma mulher abaixo do seu status, a considerar se casar com qualquer mulher só para que pudesse engravidá-la.

Estava exagerando, mas, eventualmente, teria que se atar a alguma criatura vil para poder realizar seu dever mais importante e mais urgente. Isto dito, ele poderia muito bem pensar em não honrar a família e só deixar o título cair no esquecimento. Gerações de lordes Aberleys se revirariam em seus túmulos.

Talvez ele ainda não tivesse percebido com exatidão o quanto desprezava as mulheres. Elas eram muito agradáveis a curto prazo, quando ele as provia com o que queriam: dinheiro. Diziam que homens que tinham irmãs eram mais dóceis com o sexo frágil, mas o jeito fútil e insípido da irmã não o tinha deixado muito empático. Ainda assim, a pessoa que mais gostava era uma mulher, Minette, e embora tivesse muito carinho por ela, ele sabia muito bem o quão mercenária ela era quando queria alguma coisa. Ela, no entanto, era tão aberta sobre seu esquema maquiavélico, que ele não conseguia desprezá-la. Era a mentira e os engodos o que o deixavam realmente enojado. E ela também o aceitava pelo que ele era, o que era raro. Infelizmente, Minette era uma em um milhão e não havia outras como ela. Já havia procurado em todas as partes.

A morte da irmã era algo que ainda girava em sua mente. Para começar, tinha sido um alívio quando não teve mais que lidar com o fardo da indiscrição dela. Não que ele sentisse falta da irmã, mas à luz da sua amizade com Minette, uma parte dele se arrependia pelo que podia ter sido. Ele a amara, de alguma forma, mesmo que revirasse os olhos para a maior parte das coisas que ela dizia e fazia. A idade o devia estar amaciando, já que agora suspeitava que era possível amar alguém mesmo não sentindo qualquer respeito pela pessoa.

Até mesmo Minette não contrariaria quem dissesse que ele era um homem cruel. Era uma consequência da forma com que foi criado, nunca viu motivo para dizer o contrário. A perda da irmã, ou talvez o conhecimento de que nunca tinha lamentado por ela, era a única coisa que lhe fazia pensar.

Mulheres dançavam no palco, erguendo as saias e mostrando as meias de babados, as ligas e a roupa de baixo. O calor familiar o aqueceu, mas recusou-se a se deixar levar. Preferiu observar os jovens salivantes, que viam as mulheres como criaturas maravilhosas. Já fazia tempo que Tristan se maravilhara com alguma coisa.

Erguendo a mão, ele pediu outra dose de *whisky*.

— Quer jogar uma partida? — um homem disse e Tristan desviou o olhar das meninas dançantes.

— Lorde Torpington. É um prazer vê-lo.

Outro homem se juntou a eles. Ele lhe pareceu familiar.

— O senhor já conhece o meu irmão, Charles Lawrence.

— É claro — Tristan disse e meneou a cabeça. Agora ligou o nome ao rosto. Um advogado que tomou parte nos trâmites do seu divórcio. Alguém deveria representá-la, então Tristan não guardou rancor contra ele. — É um prazer vê-lo.

Uma garota sorridente deu as cartas e eles começaram a jogar. Tristan tinha uma mão mediana, mas sabia que Torpington tinha baixa tolerância ao risco. Ele se remexeu no assento, desconfortável. Sendo incapaz de controlar as emoções, o homem não deveria tentar a sorte nas cartas, mas as pessoas não gostavam de ouvir o que era melhor para elas.

— Fiquei sabendo que o senhor está fazendo algumas aquisições no Congo. — Bem, era óbvio que alguém andou conversando.

— Venho procurando por negócios interessantes.

— Adoraria ouvir o que o senhor acha de investimentos nessas regiões.

E Tristan preferia não dar esse tipo de informação. Por que compartilhar seu conhecimento e compreensão com os outros? A razão dos investimentos não era tomar decisões que outros não tomaram? Tristan não respondeu, preferiu rearranjar as cartas.

O *whisky* chegou e ele tomou um bom gole.

— E o senhor, Sr. Lawrence, o que anda acontecendo nos sagrados átrios da justiça esses dias?

— A Lei de Saúde Pública está trazendo uma série de questões à luz.

— É mesmo? — Tristan disse, totalmente desinteressado. — Tentando fazer as pessoas pararem de causar danos a si mesmas?

— É mais complexo que isso — o homem declarou, olhando feio para ele. — É frequente que pessoas inescrupulosas causem mal às outras por pura ganância. — Este homem não gostava dele, não que isso o incomodasse o mínimo. Ele tinha sido o defensor da sua querida ex-mulher, e pelo que parecia, ainda era. O que ela fizera para ganhar tal lealdade? Era certo que ela não tinha meios para conservar um homem assim.

— O senhor era advogado da antiga lady Aberley, não é mesmo? — Tristan inquiriu, sabendo muito bem que era verdade. Só queria ver como ele reagiria. Exercia um pouco de humor negro ao se referir a ela como lady.

— Ainda sou.

Tristan ergueu as sobrancelhas. Não estava a par disso.

— Ela ainda está maus lençóis?

— Não sei nada sobre maus lençóis. O marido dela faleceu.

Tristan não ficou surpreso por ela ter conseguido ludibriar algum homem para se casar com ela. Tinha ouvido algo do tipo. Certamente não era ninguém de importância.

— Camarada de sorte.

— Tuberculose — o advogado disse com certa rigidez em volta da boca.

Não era uma morte fácil. Tristan preferiu ficar calado. Não havia dúvida de que agora ela estava sem um centavo, totalmente desamparada. Isso significava que ela bateria à sua porta com um chapéu na mão? Ele bufou.

— Espero que o senhor a tenha aconselhado dizendo que não há nada que ela possa ganhar com a própria história.

— Ela não está pensando nisso — o homem disse. — Acredito que ela tem a intenção de se sustentar.

— Por favor, diga — Tristan disse com um sorriso de desdém. — Como exatamente ela pretende fazer isso? — Talvez ela finalmente tenha chegado ao nível a que sempre pertenceu: o de mulheres que se vendiam por dinheiro.

— Uma loja de instrumentos musicais, acredito.

— Uma loja de instrumentos musicais? — Não era o que esperava ouvir. Vindo dela e do irmão, tinha esperado algo ilícito ou completamente ilegal. Até mesmo ser levada para a Austrália teria sido uma surpresa menor do que ela possuir uma loja de música.

— Isso lhe dá meios suficientes para sustentar a si e ao filho.

— Filho? — Tristan repetiu. Também não tinha sabido disso, embora tenha se certificado de saber o mínimo possível sobre a ex-mulher.

— Até mesmo pela educação dele.

Tristan colocou o copo sobre a mesa sem dar um único gole.

— Educação. Quantos anos ele tem?

— Seis, acredito.

Seis. Isso significava... Os cálculos não faziam sentido em sua mente. Ela engravidara na noite de núpcias?

— Quando ele nasceu? — A tensão e o calor inundavam cada parte do seu corpo, e sentiu um aperto no peito.

O Sr. Lawrence deu de ombros.

— Nunca falamos disso.

Tristan observou o homem sabendo que ele nãoalaria nada mais, prendendo a informação como prendia as cartas junto ao peito.

Seis, repetiu baixinho. A mente estava aos berros, dizendo que havia algo de muito importante ali.

Capítulo 3

Os quartos pareciam desolados, como se eles também estivessem de luto. Havia uma quietude, como se todo mundo sentisse que o sofrimento de Doug tinha chegado ao fim, e isso era uma bênção. Colocando um pouco de carvão no fogão, Sophie preparou um ensopado para o jantar.

Enquanto crescia, não tinha sido preparada para cozinhar. Era uma época boa quando seu pai estava vivo, mas com a morte dele, a fortuna tinha minguado. Muitas das meninas com quem tinha crescido a viam como um conto desses que têm lição de moral, um conto de fadas que se transforma no mais absoluto desastre. Só que, não foi um desastre. Ela tinha recursos para sustentar a si e ao filho. O fato podia valer muito pouco nos salões mais elegantes, mas significava muito para ela.

Em uma das cadeiras estava a roupa de cama que acabara de chegar da lavadeira, o que fez com que arrumar a cama fosse a sua próxima tarefa, logo depois que eles jantassem.

Alfie se sentou à mesa com o livro de leitura que ela tinha pegado para ele. Ele queria começar na frente na escola e Sophie tinha se maravilhado com o quanto ele era pragmático. Sob certos ângulos, a personalidade dele era totalmente diferente da de Doug.

Servindo o ensopado em dois pratos, eles comeram à mesa, ambos aproveitando o silêncio da sala, longe do agito da cidade. Nunca fazia silêncio em Holborn. Era uma vizinhança respeitável o suficiente, o bairro dos comerciantes e dos mercadores. Sophie gostava de lá. Não ficava tão ao leste quanto Spitafields e Cheapside, mas era uma boa vizinhança para aqueles que queriam trabalhar duro e ter uma vida sossegada.

O Movimento da Temperança era forte e manteve os piores desordeiros longe de Holborn. Sophie tinha ido para algumas reuniões. Mas cuidar de Doug tinha restringido as suas saídas, até mesmo para os concertos que ele tanto amava.

Parecia desleal dizer isso, mas havia um monte de coisas que poderia fazer com Alfie agora, como visitar o Crystal Palace, o

zoológico e andar de barco pelo Tâmis. A vida deles praticamente girava em torno da doença de Doug, mas talvez já fosse hora de explorar a cidade um pouco mais.

Alfie estava entretido com o livro, os lábios se moviam enquanto ele tentava ler. Ele era tão independente, recusava-se a deixar que ela o ajudasse. Como sempre, queria fazer as coisas por conta própria, era uma questão de satisfação pessoal.

Às vezes, ficava imaginando o quanto ele tinha do pai. Para ser honesta, sabia muito pouco sobre o homem que foi seu primeiro marido; ao contrário de Doug, de quem ela conhecia cada sonho, cada esperança, cada anseio. Foi atingida por uma onda de tristeza, mas logo a reprimiu. Era triste demais e não podia mais suportar sofrimento. Então, por agora, iria simplesmente ignorar seus sentimentos.

Era mais fácil pensar em lorde Aberley. Um homem bonito, sem dúvida, sombrio e misterioso com aquele constante olhar de desgosto. Ela realmente tinha pensado que um conto de fadas estava se tornando realidade quando o irmão lhe informou que ela se casaria com aquele homem. O mais belo que já tinha visto.

Mas ele nunca deixou de ser desgostoso ou misterioso. Nada do que fazia agradava a ele, e só lembrava dela quando estava bêbado, como se lidar com a esposa fosse algo desagradável. O fato de que eles nunca tiveram uma lua-de-mel deveria ter sido um sinal, mas era jovem e ingênua demais naquela época.

E então, em um passe de mágica, ela tinha sido obrigada a ir embora da casa dele, sem levar absolutamente nada. Até então, não tinha entendido muito bem o que estava acontecendo. O divórcio tinha sido mencionado enquanto a carruagem a esperava para levá-la aos aposentos de solteiro do irmão.

O irmão tinha gritado e berrado, a culpara; e ela tinha acreditado em tudo aquilo. Pensara ter feito algo muito errado, e não entendia o que tinha sido. Questionou cada aspecto de si.

E quando descobriu que estava grávida, o irmão ficou completamente lívido, e Sophie tinha se sentido a mais vil das criaturas. Acreditava que nunca poderia perdoar o irmão por tê-la feito se sentir daquela forma. Mas agora estava mais forte.

Afastou-o de suas vidas tanto quanto foi possível, e não foi muito difícil, já que ele não conseguiria ganhar nada com ela e com Doug. Foi o irmão que a presenteou com Doug, era um meio de não ter um filho fora dos laços do casamento. Foi a melhor coisa que ele já tinha feito por ela, mesmo que Oliver visse isso como uma consequência de um fracasso absoluto.

Havia alguém batendo à porta, e Sophie fechou os olhos. Era só pensar no diabo que ele aparecia.

— Olá — Oliver chamou, abrindo a porta com familiaridade. Entrando na sala, ela viu que ele parecia mais janota que nunca em sua casaca preta e usando uma cartola. Estava vestido como um cavalheiro pronto para uma noite de diversão, mas o traje estava um pouco gasto nas bordas. Aquele era o seu irmão: sempre com a pretensão de ser melhor do que realmente era. — Sophie, meu amor, sinto muito pelo seu amado marido. Mas sempre soubemos que era inevitável, não? Doente do jeito que ele estava, mas aguentou firme até o fim, não foi? — Oliver disse enquanto caminhava pela pequena cozinha. — Detesto ver você em tal miséria, mas se ver livre daquele fardo possibilita novas oportunidades para você. Venderemos a loja, é claro.

— Não faremos isso — Sophie disse.

Oliver se virou para ela com as sobrancelhas erguidas pela surpresa.

— Mas, Sophie... — ele começou a falar como se ela não entendesse.

— Eu vou ficar com a loja. Ela vai sustentar a mim e a Alfie.

— Você é uma mulher linda.

— E você não vai me vender como se eu fosse um cavalo premiado. Eu sou uma viúva com renda própria. Você não tem nenhuma autoridade sobre mim.

— Renda? Você chama isso de renda? — disse ele com um gesto de desdém. O bom humor dele estava se desfazendo bem rápido e ela podia ver que ele xingava em seus pensamentos. O irmão se acalmou. — Você sofreu um trauma. Eu entendo. E não está pensando com clareza.

— Não, eu estou pensando com muita clareza. Eu sou a única responsável por minha vida agora, e você não tem outra função que

não ser o meu irmão. Não vou me casar novamente. E com certeza não vou participar de nenhum dos seus embustes.

Ele se sentou na outra cabeceira da mesa e cruzou as pernas. Sorrindo como se estivesse achando graça dela.

— Você mudará de ideia com o tempo.

— Se for este o caso, eu mesma escolherei o meu marido. Você não terá voz ativa neste assunto. — Ela manteve a cabeça erguida, desafiando-o. Ele precisava entender que ela não era mais uma garotinha sujeita aos caprichos dele, nem idiota o bastante para acreditar que ele realmente queria o melhor para ela. Para o irmão, ela era apenas um trampolim, mas estava decidida a não entrar naquele jogo de novo.

— Você acha que será feliz sendo uma lojista pelo resto da vida? E quanto a Alfie? Que oportunidades você está negando a ele por causa desse seu patético pensamento de que há nobreza na pobreza? Você está sendo ridícula.

— Eu já decidi o que vou fazer — Sophie declarou e se recusou a ceder. Oliver não esteve por perto para saber que ela tinha mudado: não era mais a garotinha maleável que um dia foi.

Ele se levantou bruscamente, amaldiçoando.

— Por que você sempre está falhando comigo?

— Porque a missão da minha vida não é fazer as coisas por você. E não vou fazer isso agora, então é melhor você se conformar com o fato de que sua irmã é uma humilde lojista.

— Você sempre foi uma decepção — disse ele com crueldade. Oliver tinha a tendência de perder a compostura quando as coisas não saíam do jeito que ele queria e culpava quem estivesse por perto. Provavelmente ele tinha feito o mesmo com a pobre esposa, cuja fortuna ele já tinha feito desaparecer. Pobrezinha. Homens como o irmão nunca entenderão por que uma mulher se agarra com todas as forças à independência. Teria que ser um homem muito maravilhoso para fazê-la pensar na possibilidade de voltar a se casar; e com certeza não seria para qualquer benefício que o irmão procurasse para si mesmo.

A porta bateu enquanto ele saía e Alfie olhou para ela com preocupação.

— Não precisamos de mais ninguém em nossas vidas — disse a ele. — Estamos muito felizes, não estamos?

— Eu não quero outro pai — disse ele depois de um tempo.

Foi apunhalada pela culpa. Quanto tempo mais deveria esperar para contar a ele que Doug não era o pai dele de verdade? Não agora quando a dor da perda é ainda tão recente.

— Somos só eu e você, meu amor — disse. — Não precisamos de nada mais, não é mesmo?

— Não — disse ele com um sorriso amarelo. Felizmente, Oliver nunca tinha investido muito em seu relacionamento com Alfie, então ele tinha pouca influência sobre o menino.

Sorrindo, ela tentou esconder o quanto estava com raiva do irmão. Como ele tinha coragem de ir ali para tentar usá-la novamente? Ele acreditava mesmo que ela permitiria que ele a conduzisse a outro desastre? Só Deus sabe o que ele tinha em mente. Ela ainda era uma divorciada, o que significava que o prometido tinha que ser alguém bem desagradável para aceitar uma falha dessas na noiva. Talvez Oliver não estivesse pensando em casamento. Seu estômago revirou. Não pensaria nisso. Não voltaria a dar ouvidos a ele, e se ele voltasse, deixaria as coisas muito claras para que ele entendesse. Sophie agora era uma mulher independente e não abriria mão daquilo por qualquer um.

Capítulo 4

Baixando a navalha, Tristan pegou a toalha de mão com o Sr. Smyth e secou o rosto. Apesar da noite que teve, ele conseguiu se barbear sem se cortar. A conversa da noite passada ainda dava voltas em sua cabeça.

— Parece que a antiga lady Aberley tem um filho — disse casualmente, principalmente porque precisava dizer em voz alta. Talvez devesse chamá-la de senhorita Sophie, embora agora ela tivesse algum outro nome do qual não podia se lembrar, ou nem sequer sabia. Deveria ter perguntado. A notícia sobre a criança tinha sido muito assombrosa para que ele se preocupasse com coisas mais práticas.

— Entendo — Smyth disse. Smyth sempre ouvia, mas nunca começava a conversa. Às vezes, a perspectiva do idoso era bastante valiosa. Uma pessoa confiável para quando não havia mais ninguém com quem pudesse falar.

Smyth lhe entregou a camisa branca e engomada que tinha acabado de ser passada, ainda quente do ferro.

— Seis anos de idade — Tristan prosseguiu.

— Há chance de ser seu?

— Quem pode saber? O tempo sugere que existe a possibilidade. — Houve algumas vezes em seu casamento quando ele se obrigou a cumprir com o seu dever. Não era algo de que tinha gostado muito, já que aquele casamento era algo que jamais desejara. Até ali, o dever de engendrar um herdeiro o tinha forçado, assim como o forçara recentemente a pedir a astuta e manipuladora senhorita Cecilia Hartright em casamento.

— Um herdeiro livraria o senhor da necessidade de fazer outra incursão casamenteira — Smyth disse com o mesmo tato e seriedade de sempre.

— Sim, isso é — Tristan respondeu. Na verdade, isso resolveria muitas coisas. O título sempre vinha com restrições. Sendo o único herdeiro, ele não tinha podido viajar, pois algo inesperado poderia acontecer, e com a morte do pai o dever para com o título tinha se

intensificado ainda mais. Um herdeiro significava que a obrigação tinha sido cumprida.

Também significava que ele não precisaria se contentar com uma noiva para a qual não suportava olhar.

— O que lady Woolwich opinou sobre o assunto? — Smyth perguntou.

— Não disse a ela. — Minette não se aguentaria de curiosidade. Provavelmente veria tudo com bons olhos, já que pensava que ele fosse um misógino.

Ele e Minette tinham sido parte do mesmo grupo quando jovens e a amizade tinha perdurado. Havia alguns benefícios em ter uma amiga, particularmente no que dizia respeito aos conselhos sobre como lidar com as mulheres.

Se contasse a ela sobre os últimos acontecimentos, ela o faria ir atrás da criança, mas Tristan sentia certa incerteza com esta perspectiva.

Quando jovem, suas expectativas quanto à família tinham sido bem diferentes do que acabou acontecendo. Esperava ter uma esposa que amava e uma família feliz. O problema foi que não encontrou ninguém a quem pensou amar, e então o seu casamento tinha sido um desastre desde o momento em que o nome da garota foi mencionado. Sophie. Até mesmo o nome dela o deixava enojado.

Assim que se livrou dela, pôs os olhos em Cecilia Hartright, que vinha de uma boa família, de um lugar certo e da classe social certa. Mas isso não a fez se comportar melhor que a humilde Sophie, infelizmente. Agora tudo o que podia ver era a ganância e o ardil. Ou as meninas eram muito obtusas ou eram as mães as gananciosas ardilosas.

— O que você fará? — Smyth perguntou.

— Sobre o quê?

— Sobre a criança.

A criança. Será que era dele? Não seria difícil descobrir se a criança tinha sido concebida durante o casamento. Se fosse o caso, Tristan provavelmente poderia identificar a noite que a tinha gerado, porque cumpriu seu dever pouquíssimas vezes. Mas poderia se assegurar de que Sophie tinha sido sincera em sua afeição? Não havia afeição ali, então não era algo inconcebível ela ter um amante

em algum lugar. Neste caso, ela deve ter sido bem discreta, porque Smyth teria lhe reportado qualquer atividade fora do comum.

— Se a criança foi concebida durante o casamento, então eu posso reclamá-lo como meu herdeiro. — Seria um escândalo, mas, até então, todos os seus envolvimento com mulheres tinham acabado em escândalo. — Ela é uma lojista — disse ele com escárnio. — É mais que provável que eu só tenha que oferecer uma quantia pelo garoto e ela vai aceitar feliz e contente.

— Talvez — disse Smyth, da forma que ele fazia quando não concordava muito com alguma coisa. Havia mais que Smyth não estava se permitindo dizer.

— Uma criatura daquela estirpe... ela venderia a própria mãe em troca de uma bolsa de ouro.

Smyth ficou calado.

— Acredito que já faça algum tempo que a mãe dela morreu.

Tristan revirou os olhos. Smyth tendia a ser distraído pelos fatos quando Tristan fazia as suas conjecturas. A questão era: de quanto teria que ser a oferta?

— O menino pode até mesmo estar adoentado, já que viveu por anos em uma casa com um tuberculoso.

— Você não está comprando um cavalo, milorde.

— Mas parece que estou.

— Se a criança for mesmo sua, e sendo tão jovem, ele vai precisar da mãe.

— Eu já estava sem a minha mãe muito antes dessa idade. — Certo, Minette realmente o acusava de ter uma pedra de gelo no lugar do coração. — E sobrevivi.

— Como quiser, milorde. — Era provável que Smyth fosse concordar com a declaração de Minette.

Um filho a quem ele poderia ensinar a investir, a administrar homens e dinheiro. Seria uma educação que poucos têm. A ideia de poder investir em uma pessoa era estranha.

O problema era que ele não tinha ideia de onde a criança estava, só tinha a informação de que a mãe tinha uma loja de instrumentos musicais em alguma parte de Londres. Ele poderia perguntar ao Sr. Lawrence, mas pela cara do homem na noite passada, Tristan suspeitava que ele não seria nada solícito. Ainda assim, ele poderia

enviar uma proposta para que o advogado levasse para a cliente dele, mas neste investimento em particular, não tinha certeza se queria se comprometer sem ter a oportunidade de dar uma olhada antes. Não se tratava de minas no Congo. Este era o menino que poderia vir a ser o seu herdeiro. E quem sabe que tipos de problemas uma pessoa como Sophie poderia criar?

— Devo ver o menino — decidiu Tristan. — Mas eu não sei onde ele está.

— O Sr. Joseph pode ser capaz de contratar um homem para investigar as lojas de equipamentos musicais até Sophie ser encontrada.

— Sim — Tristan disse distraidamente. — Esta provavelmente é a melhor abordagem.

*

Uns dez dias depois, chegou à sua casa uma carta enviada pelo investigador contratado pelo Sr. Joseph, o homem de negócios de Tristan. E havia lá um endereço de Holborn.

Deixando a missava de lado, Tristan começou a bater os dedos sobre a mesa. Durante grande parte da sua vida adulta, a pressão para produzir um herdeiro sempre esteve presente, e agora havia a chance de simplesmente adquirir um.

— Smyth — chamou ele, e o homem apareceu. — Prepare a carruagem. — Poderia ir à cavalo, mas queria privacidade para o que ia fazer. — Não, melhor, contrate uma carruagem.

Não se jogava cartas bem se colocasse todas na mesa, então não iria na carruagem onde está o seu brasão. O anonimato era a melhor solução até ele conseguir controle sobre a situação e decidisse o que fazer.

A carruagem levou dez minutos para chegar. O veículo até que era confortável, um pouco melhor que uma carruagem de aluguel comum, e eles partiram para o longo trajeto até Holborn, as ruas ficavam cada vez mais congestionadas à medida que eles seguiam para o leste, e então para o norte.

Depois de um tempo, o condutor parou e Tristan se inclinou para a frente para poder olhar pela janela. Eles estavam bem em frente à loja de instrumentos musicais, que ficava em uma esquina, e as janelas amplas foram de muita ajuda. Ele podia ver todo o interior da loja, e localizou Sophie instantaneamente: mais velha, mais madura do que se lembrava.

O cabelo estava preso em um coque singelo e ela usava um vestido azul que era simples tanto no modelo quanto no tecido. Por alguma razão, não tivera nenhuma expectativa de vê-la, mesmo ele tendo ido até ali.

Com uma vassoura na mão, ela varria o chão. Uma tarefa servil bem apropriada para os da laia dela. No entanto, as marcas da depravação não se mostravam no rosto dela, conforme esperava que fosse o caso, mas lá estava a tristeza. Seria pelo marido ou pela perda da posição em uma sociedade superior à que vivia agora? Ela ainda usava a aliança de ouro no dedo.

Enquanto ele observava, ela parou de varrer e sorriu quando um cliente entrou na loja. Depois de ouvir o pedido dele, ela foi até uma das estantes e procurou umas brochuras que deveriam ser partituras, então foi até a mesa e a embrulhou em papel pardo. Moedas foram entregues a ela e então ela sorriu com simpatia para o cliente antes de colocá-las na gaveta.

Por um momento, ele imaginou que cara ela faria se ele entrasse lá. Não podia nem imaginar. Só lhe ocorreu agora que ele não a conhecia muito bem, não ao ponto de poder prever as expressões que ela faria.

E então um menino saiu dos fundos da loja. Cabelos escuros e olhos da cor do gelo, assim como os dele.

E Tristan expirou. Não havia dúvida de que o menino era dele. Era como uma olhar para uma versão mais nova de si mesmo.

Sophie o puxou para os braços e o menino aceitou o gesto com indiferença, até que ela falou e ele olhou para ela. Beijando-o na cabeça, ela se afastou e tirou uma moeda da gaveta. O menino a aceitou com avidez e Sophie sorriu enquanto o observava sair correndo da loja para ir comprar o que quer que fosse que lhe tinha sido prometido.

Tristan sentiu o impulso de agarrá-lo quando ele passou correndo por ele.

Aquela criança era sua, era seu filho.

Não havia dúvida. Sophie deu à luz ao seu filho. A raiva começou a fazer uma aparição. Por que ela não o informara? Mas a resposta estava muito clara. Porque ele teria que usar esta informação como uma oportunidade de explicar a ela exatamente aonde todos aqueles ardis a levaram. A lugar nenhum. Na verdade, ele não a teria deixado entrar para que ela pudesse lhe contar. Tinha dado a ordem de que ela não poderia entrar na casa sob nenhuma circunstância.

Agora havia uma criança. Arrepios percorreram a sua pele. O menino era seu herdeiro: o futuro do nome e do título Aberley. Agora só precisava reconhecer o menino como dele.

Capítulo 5

Sophie sentia saudade de Doug todo santo dia, mas também estava grata pelo sofrimento dele ter chegado ao fim. Era uma estranha mistura de sentimentos que às vezes eram difíceis de conciliar. No entanto, eles teriam que se ajustar a uma vida diferente.

Todos os dias recebia condolências dos clientes, que realmente eram pessoas muito gentis. Os músicos tendiam a ser pessoas mais reservadas, mas eles sentiram muito ao ficarem sabendo sobre a morte de Doug.

Alfie estava animado para começar a estudar. A escola não ficava muito longe da rua onde moravam, e finalmente chegou o dia em que Sophie o deixou lá enquanto ia para a loja pela manhã.

Ficou aliviada por não ter visto nem rastro de Oliver, e isso foi uma bênção. Estava claro que eles nunca chegariam a um acordo, mas ela também sabia que ele voltaria com alguma outra proposta, provavelmente para ela ser amante de algum rico. Oliver não entendia que ela não dava valor para as mesmas coisas que ele; e ela tinha certeza que não seria um peão para que o irmão pudesse conseguir o que queria.

Ela e Alfie tinham tudo o que precisavam, e ela iria proteger aquilo com todas as suas forças, mesmo que isso significasse manter Oliver bem longe das suas vidas.

O ar da manhã estava fresco quando ela entrou na loja. Os donos das mercearias estavam colocando as mercadorias para fora, já fazia muito que as padarias tinham aberto. Seus clientes normalmente não acordavam cedo. Era difícil que alguém entrasse na loja antes das onze, mas a parte da manhã era boa para fazer a limpeza, rearranjar e posicionar as mercadorias novas.

Ela também teve a sorte de vender um piano outro dia, o que preencheu as finanças já exauridas.

Destrancou a porta e a deixou aberta para que o ar circulasse na loja. O cheiro do papel no qual as partituras eram impressas era bem aromático e, como ela tinha muitas, era bom arejar a loja logo pela manhã.

Estava quieto lá dentro, e Sophie se sentou no banquinho de madeira que ficava atrás do balcão. Sentia saudade de passar tempo com Doug ali. Com a habilidade que ele tinha, ele podia aconselhar os clientes muito melhor que ela, mas aprendeu muitas coisas com ele, o suficiente para administrar a loja por conta própria. E sentia falta da música dele. Ele adorava tocar e o fazia todas as noites, até que ficou fraco demais.

Uma sombra apareceu em sua visão e ela soube que alguém tinha entrado na loja. Sorrindo, ela se voltou para a pessoa, e ficou surpresa ao ver o Sr. Lawrence. Ela piscou algumas vezes. Ele nunca tinha vindo à sua loja antes e ela ficou preocupada na mesma hora.

Ele parecia levemente ameaçador em seu terno escuro de corte elegante.

— Sra. Duthie — disse ele, e tirou o chapéu.

— Sr. Lawrence — respondeu ela, com um sorriso inseguro. — Espero que não haja nada de errado com o pecúlio. — A preocupação que a abateu foi tão forte que começou a ficar enjoada. A última coisa que precisava neste momento eram mais problemas. Parecia que eles estavam apenas começando a se recuperar de uma tristeza severa e de um período desgastante. *Por favor, não permita que o prazo da moratória tenha chegado ao fim*, ela orou.

— Não, não — disse ele, olhando ao redor da loja. — Está tudo bem com o pecúlio.

Suspirando aliviada, ela se deixou relaxar, mas apenas um pouco, pois ele estava ali por alguma razão. A imagem de lorde Aberley se arrastou em sua mente, mas não conseguiu imaginar por que. Ele não queria nada com ela, mas sempre existiu aquele medo de que ele fosse aparecer e destruir tudo, vigando-se pelo dano que ele achava que ela tinha causado a ele. E então havia um outro medo mais premente no que dizia respeito a Alfie.

Mesmo antes de a gravidez começar a aparecer, Doug tinha chegado com a proposta de casamento, dizendo que assumiria a responsabilidade pela criança e que seria o pai dela em todos os sentidos. Ela tinha poucas opções, e provavelmente teria acabado em uma *workhouse*, as famigeradas casas de trabalho para

indigentes, onde a pobreza e a doença acabaria matando os dois. Oliver podia não cuidar dela, e o estigma de ter uma irmã com um filho nascido fora do casamento iria acabar com ele também, algo que ele não conceberia. Além do mais, ele tinha persuadido Doug a se casar com ela, e aquela foi a única coisa boa que Oliver já tinha feito por ela.

A mente de Sophie tinha ido para longe e ela voltou a se concentrar em qualquer que fosse a situação alarmante que tinha trazido o advogado à sua loja naquele dia.

— Como posso ajudá-lo? — perguntou enquanto se levantava do banco e ia até onde ele estava.

— Vim trazer uma proposta. — Ele não parecia muito feliz e ela ficou ainda mais preocupada.

Era Oliver que estava tentando atingi-la por intermédio do advogado? Não, ele nunca foi tão discreto a esse ponto.

— Certo — disse ela, tentando manter a voz estável.

— Lorde Aberley — Sophie fechou os olhos e desejou estar em outro lugar — deseja assumir os cuidados com Alfie — prosseguiu o Sr. Lawrence.

— De jeito nenhum. O senhor pode dizer a ele que não.

Embora ela visse por que o Sr. Lawrence a tinha procurado para tratar desse assunto em vez de chamá-la para ir ao escritório como normalmente fazia.

— Tive a sensação de que a senhora reagiria assim. É uma oferta generosa, uma grande soma para...

— Para quê? — disse ela, com rispidez.

— Para a senhora abrir mão dele.

Sophie arregalou os olhos. Sempre tivera medo de que lorde Aberley fosse aparecer com uma proposta dessas. Por um tempo não tinha esperado este desenrolar, até que ouviu dizer que o noivado dele tinha chegado ao fim. Se ele tivesse um filho não iria querer nada com Alfie. A criança não teria um bom pedigree, teria dito ele.

— Diga a ele para se casar e produzir o próprio filho. Ele não terá Alfie. Nem por cima do meu cadáver. — O sangue aqueceu e ela não pôde mais ficar parada. — Nunca. Mesmo se eu morrer, garantirei que lorde Aberley não fique com ele. Podemos fazer isso?

— Eu lhe asseguro que poderemos tomar providências com instruções específicas para que lorde Aberley não tenha direito à criança. — O Sr. Lawrence pareceu bem feliz com a ideia. — Não estou chocado em lhe dizer que ele espera que a senhora aceite a proposta.

— Bem, por tudo o que me importa, ele pode muito bem gritar isso aos quatro ventos. Alfie é meu e é filho de Doug, e permanecerá assim.

— Transmitirei seus sentimentos a lorde Aberley, se me permite.

— Faça o que achar melhor, só não volte aqui com alguma outra proposta ridícula. Estou falando muito sério, apenas por cima do meu cadáver e nem mesmo assim.

— Posso ver que a senhora é contra a ideia.

— Acredito que isso seja um eufemismo.

A vontade de se movimentar era tão grande que Sophie não conseguia ficar parada. Como ele se atrevia a fazer uma proposta para comprar o filho dela? Nunca.

— Como herdeiro de lorde Aberley, seu filho teria uma posição muito privilegiada.

— Sob os cuidados de lorde Aberley — disse ela. — O senhor o conhece?

— Sim.

— O senhor colocaria uma criança sob os cuidados dele? — Talvez estivesse falando com a pessoa errada, mas como mãe, ela teria que estar completamente louca para deixar uma criança sob os cuidados de um ser tão frio e insensível. — Nenhum dinheiro no mundo valeria isso. Alfie está muito bem do que jeito que está. Ele não precisa de um título. Um conceito totalmente obsoleto por tudo o que me diz respeito. Ele tem seis anos. E com certeza não precisa ser criado por um monstro.

— Se é assim que a senhora se sente, transmitirei sua opinião a lorde Aberley.

— Certifique-se disso — disse Sophie com um meneio de cabeça e erguendo as costas. Pedindo licença, o Sr. Lawrence saiu e a loja ficou subitamente calma e vazia. Parecia que o momento de paz que tinha encontrado chegara ao fim. A pior coisa possível tinha acontecido. Lorde Aberley tinha decidido que queria Alfie, mas ela

se certificaria de que teria que estar morta antes de permitir que aquele homem horrendo transformasse o filho em uma versão mais jovem de si mesmo.

Pessoas como lorde Aberley pensavam que o poder, a riqueza e o título que possuíam significavam tudo. Um homem como ele pensaria que ela abriria mão do filho em troca de dinheiro. As vantagens que ele teve na vida normalmente davam a ele tudo o que desejava, mas ele não teria Alfie. Em primeiro lugar porque aquilo era desprezível, e em segundo lugar, ele achar que ela abriria mão do filho só mostrava que o homem não tinha nenhuma noção sobre mães. Ele pensar que aquilo era uma possibilidade só mostrava o tipo de pai que ele seria.

Tinha a esperança de que aquela história pararia por ali e que lorde Aberley entenderia que ele não teria o que desejava. Ele só estava fazendo isso porque queria um herdeiro, um ser humano que ele manteria afastado até que fosse a hora de servir aos propósitos dele.

Dinheiro, e a busca por riqueza, era a fonte de todos os problemas da sua vida. O dinheiro nunca lhe trouxe felicidade, e mesmo nas épocas mais difíceis, ela tinha sido feliz com Doug. Tinham um ao outro e isso era tudo o que precisavam. Sempre tiveram o que comer e nunca passaram frio.

Os indigentes suportavam muitas coisas ruins nessa cidade e, se não fosse por Doug, o menino que lorde Aberley queria reclamar para si teria sido um por causa da própria negligência dele. Lorde Aberley podia oferecer riqueza, mas Alfie viveria em uma casa fria, sem um grama de amor. Como pessoa, ele estava muito melhor em suas circunstâncias mais humildes, uma em que eles tinham tudo de que precisavam. E o mais importante, sem contato com o tipo de homem que estava sempre perseguindo ou guardando o próprio dinheiro.

Capítulo 6

Ao voltar para casa de sua cavalgada no Hyde Park, Tristan viu a correspondência perfeitamente arrumada sobre a mesa do vestíbulo. Convites, que ele ignorava. Sendo um homem solteiro com recursos, sempre havia convites para eventos nos quais mulheres aliciavam as insípidas filhas. O salão das damas não era um lugar onde ele queria passar tempo. Ele nunca ia, exceto quando lady Woolwich exigia a sua presença, mas, dia após dia, ele ainda recebia convites para eventos aos quais não compareceria.

Talvez fosse à estranha festa de caça, mas não gostava muito de viajar. Preferia ficar no clube, e até mesmo nos mais exclusivos antros de jogatina. Ele gostava de seguir certa rotina no que dizia respeito às suas atividades. Talvez a vida finalmente tenha suprimido aquela parte dele que quando jovem queria explorar todos os recantos do mundo. Agora ele só desejava não ser perturbado.

Havia uma carta vinda do escritório do Sr. Lawrence. Bem, o menino não tinha aparecido à sua porta, então, ao que parecia, aquela embusteira estava querendo mais.

Levando a carta para o escritório, ele rompeu o selo e abriu o papel que continha a caligrafia firme do advogado.

“A Sra. Duthie, antiga lady Aberley, recusou, veementemente, a sua oferta”, era tudo o que dizia, excerto pelo *“atenciosamente, Sr. Lawrence”*.

Veementemente, o que aquilo queria dizer? Obviamente não era um bom resultado para a negociação.

Sentando-se em sua cadeira, ele ruminou a carta tentando entender o que aquilo significava. Recusou. O aborrecimento começou a dar as caras. Por que tinha esperado que ela facilitaria as coisas? Da sua perspectiva, ela estava jogando um trunfo, então não era muito surpreendente que ela estivesse resistindo.

Talvez, no final, as coisas não saíssem a favor dela. Se houvesse uma forma de ele reclamar o menino sem dar a ela um único xelim, ele faria isso. Seria infinitamente mais trabalhoso e ele não tinha certeza se teria tolerância para isso. Só queria que os

trâmites acabassem o mais rápido possível. Parecia que teria que aumentar a proposta.

Por um momento, pensou em escrever uma carta, mas decidiu ir ao escritório do Sr. Lawrence, e pediu para o Sr. Smyth mandar o cavaliário preparar o seu cavalo. Smyth foi cumprir a tarefa, deixando Tristan na casa completamente silenciosa. Seria inconcebível ter uma criança barulhenta ali. Crianças não eram algo que Tristan tinha visto desde a infância; na verdade, mesmo naquela época, havia muito poucas crianças em sua vida. O menino teria que ser enviado para Sommerfield Hall, onde um tutor cuidaria da criação dele.

A infância do próprio Tristan tinha sido assim. Anos passados com mestres sérios e singelos em Sommerfield Hall, duas vezes por ano ele era inspecionado pelo pai. Só teve o mínimo de liberdade quando foi para Oxford, até que o pai morreu, então ele teve que assumir seu dever com o título e a propriedade. Os dias despreocupados foram deixados para trás em detrimento da administração da propriedade e dos investimentos.

Não manteve nenhum dos amigos que fez em Oxford, exceto, curiosamente, a irmã de um deles, que se casou com lorde Woolwich. Por alguma razão, sua amizade com Minette tinha perdurado.

De certa forma, os homens da sua classe competiam entre si: alguns tinham títulos mais importantes e mais riqueza, mas poucos tinham aumentando a fortuna da mesma forma que Tristan. Isso o fez ser respeitado nos altos círculos da sociedade.

Pela janela, pôde ver o cavalo sendo trazido e então se levantou e foi até a porta onde Smyth o esperava com seu chapéu e seu casaco na mão.

— Não demorarei — informou Tristan. — Pretendo estar de volta para o jantar.

— Muito bem, milorde — disse Smyth, da mesma forma de sempre.

As ruas estavam um pouco mais cheias do que tinham estado pela manhã, as damas preferiam se aventurar em seus passeios pelo Hyde Park às horas mais tardias. O escritório do Sr. Lawrence

não ficava muito longe e ele encontrou um cavaleiro para tomar conta do seu cavalo.

— Estou aqui para ver o Sr. Lawrence. Informe a ele que lorde Aberley está aqui — disse ele assim que entrou no escritório e foi atendido pelo escrivão. O funcionário desapareceu e voltou dizendo que o Sr. Lawrence estava terminando de atender um cliente e que o receberia em um instante.

A sala era escura e sorumbática. Tristan tinha certeza de que cairia no sono se tivesse que passar o dia ali, mas os funcionários trabalhavam com diligência.

— Lorde Aberley, que agradável surpresa — disse Lawrence enquanto se aproximava dele.

— Isso dificilmente pode ser considerado uma surpresa, não?

— Não, talvez não. Por favor, venha ao meu escritório. Gostaria de algo para beber?

— Não, vamos logo com isso.

Lawrence o conduziu até o escritório, também escuro e sorumbático, que tinha madeira suficiente para que parecesse o interior de um navio.

— É melhor não fazer rodeios — começou a dizer. — O que ela quer?

Lawrence se sentou atrás da mesa. Tristan não gostava de ficar sentado como se fosse um requerente precisando que esse homem o ajudasse, mas o fez. Era como poderia lidar com a Sra. Duthie. O nome combinava com ela, decidiu, era digno de uma peixeira ou algo do tipo.

— Acredito que as palavras exatas foram: “Nem por cima do meu cadáver”.

Tristan ficou parado por um momento, absorvendo a informação.

— Então o que a convencerá?

— Acredito que a dama — ela com certeza não era uma dama — acha que o senhor seja um monstro e confiar a criança ao senhor seria a mesma coisa que entregá-la ao diabo.

Tristan ergueu as sobrancelhas.

— Então ela não fará isso de bom grado. É o que o senhor está dizendo?

— Sim — disse o Sr. Lawrence, claramente desfrutando de toda a situação. Segundos e terceiros filhos sempre tiveram aquela amargura que os fazia querer criar contendas por ressentirem de seus irmãos mais velhos e mais afortunados. O Sr. Lawrence com certeza não era uma exceção.

— Então deveremos forçá-la.

— Bem, isso será difícil. Ela é a mãe da criança e o tribunal não tem o hábito de tirar crianças das mães.

— Eu sou o pai da criança. É óbvio que ele seria muito mais beneficiado ficando comigo.

— A Sra. Duthie discorda, mas isso não é tão relevante quando o fato de que, legalmente, Alfred Duthie, a criança em questão, é filho legítimo de Douglas Duthie.

— Mas isso não é verdade. Ele é obviamente meu filho, foi concebido enquanto estávamos casados.

O Sr. Lawrence afagou o queixo.

— Exceto que ele nasceu nos laços de um outro casamento e é o nome de Douglas Duthie que está escrito como pai no registro de nascimento. O tribunal tomará isto como fato e mais, o senhor não tem nenhum direito sobre a criança. Se o casamento não tivesse ocorrido, ele seria uma criança ilegítima e seria difícil legitimá-lo, mas como ele é o filho legítimo de outro homem, é altamente improvável que o tribunal vote a seu favor.

O aborrecimento foi ficando as garras a cada palavra que ouvia.

— A criança é minha. Isso é indiscutível. Qualquer um poderia dizer só de olhar para ele. As similaridades são inegáveis. O menino é uma versão mais nova de mim mesmo.

— Infelizmente, isso é irrelevante. Como a concepção dessa criança foi em uma época muito próxima ao início do casamento da Sra. Duthie e o marido, o tribunal não revogará a legitimidade dele, especialmente se a Sra. Duthie discordar. Infelizmente, o Sr. Duthie não está aqui para atestar o contrário.

O corpo de Tristan era uma fogueira de desgosto. Não podia ser. Ninguém diria que a criança não era dele, porque era óbvio que era.

— Ela conseguiu — disse ele por fim.

O Sr. Lawrence não discutiu e por um momento, Tristan sentiu vontade de socá-lo. Ela não se safaria de roubar o herdeiro dele.

— E se ela abrir mão da criança? — disse Tristan assim que conseguiu controlar as emoções.

— Então, mesmo se os tribunais discordarem, o senhor terá o direito de adotar a criança, mas, para isso, será necessária a anuência dela, o que, dado os meus encontros com ela, ela deixou bem claro que você nunca terá.

— Então ela precisa ser convencida. Ela não pode oferecer nada para a criança, e eu posso oferecer tudo.

— Aparentemente, a lady achou a sua oferta ofensiva.

— Ela não é uma lady — disse Tristan com rispidez, sabendo que tinha soado petulante, mas o seu humor estava aos frangalhos.

— Peço desculpas, a antiga lady.

Dado que Lawrence era advogado dela, ele não era a pessoa certa para discutir ações alternativas. Este homem era legalmente ligado ao lado dela na briga.

— O senhor vai ter notícias dos meus advogados com informações sobre como prosseguiremos com isso — disse Tristan por fim, e se levantou. Ele saiu sem dar seus cumprimentos e marchou para o lado de fora, onde sentia que poderia respirar.

Ou a mulher estava fazendo um bom jogo ou acreditava mesmo que ele não fosse adequado para criar essa criança. Que pensamento mais disparatado. Ele ser inadequado... ela era uma mera lojista. Isso só podia ser rancor e amargura por ter sido privada, muito rapidamente, da alta posição que tinha atingido. E ela estava descontando no filho. Só aquilo era um indicativo de que ela era uma mãe terrível. Que mulher recusaria a oportunidade de que o filho herdasse uma riqueza incalculável: um título e uma propriedade secular? Aquilo era um total absurdo.

Era óbvio que a mulher não podia pensar que ele era mesmo um monstro. Como ela poderia? Nunca a tratou com crueldade. Nunca bateu nela, sequer a tinha xingado; tinha até mesmo sido considerado todas as vezes que precisou cumprir com o seu dever. Ao menos ele acreditava que tinha sido o caso. Precisava da coragem do álcool para superar a repulsa por ser forçado ao ato. Talvez tenha dito algo odioso para a mulher; ou mais provavelmente, tenha sido por que ele disse para ela partir sem levar nada consigo, quando o poder que ela, e o irmão embusteiro, tinha sobre ele já

não existia mais. Talvez isso a tivesse ajudado a pintá-lo como um monstro.

Capítulo 7

Saber que lorde Aberley estava a par da existência de Alfie era desconfortável. Uma ansiedade persistente tinha abalado a paz que ela finalmente sentia depois de ter superado a angústia e a preocupação que fizera parte de sua vida por tanto tempo. Agora isso. Só conseguiu umas poucas semanas de paz.

Às vezes, Sophie imaginava se o mundo a odiava. E pensar que ele faria uma oferta para que ela vendesse o filho. Era um absurdo, porém era uma representação perfeita daquele sujeito. Apesar de ter sido angustiante na época, o divórcio foi o maior favor que aquele homem fez para ela. Por que ele não podia simplesmente ficar longe da vida dela?

Tirando a panela do fogo, ela serviu o rico ensopado nas duas tigelas que estavam sobre a mesa. O pão estava fresco e macio. Era uma ótima refeição e Alfie estava entretido com a lousa que tinha sido emprestada pela escola.

— E como é o professor? — perguntou ela enquanto se sentava. Conhecera o Sr. Proctor quando foi matricular Alfie. Ele não era um homem dado aos sorrisos, mas tinha uma boa reputação em educar garotos.

— Rígido.

— Neste caso, é melhor você fazer o que ele pede. — Ela tinha alguma experiência com professores rígidos. *A Escola de Sandra Lawry para Moças* tinha uma diretora que aplicava severas reprimendas até mesmo para as menores das infrações. Era uma boa escola para meninas que vinham de família respeitáveis. Mas, com a morte do pai, sua vaga lá foi rapidamente cancelada. O único dia que a diretora Sandra Lawry foi bondosa com ela tinha sido o dia em que a sua matrícula fora revogada. Sophie ainda era agradecida pelo tato que a mulher demonstrou. Tinha sido uma pequena gentileza em um período realmente difícil.

Tão pouco da riqueza era possuída pela pessoa que tinha feito algo realmente relevante para merecê-la. Era pura sorte, na maior parte do tempo, tudo dependia da família em que se nascia, e

também ao fato de o provedor continuar vivo. Perder a fortuna era algo muito recorrente. Bem, isso nem sempre era verdade, mas pelo que Sophie sabia, a riqueza dificilmente tinha a ver com a pessoa que a possuía.

Uma pena que nem todo mundo pensasse assim. Olhou para o filho, ergueu a mão e afastou o cabelo negro da testa dele. Ele parecia tanto com o pai, mas não deixaria esse menino encantador se tornar frio e indiferente como ele. Era pedir demais. Lorde Aberley teria que procurar um herdeiro em outro lugar.

O fato de ele não ter casado realmente a surpreendeu. Assim que se livrou dela, e da sua péssima origem, por que ele não encontrou uma mulher adequada e da mesma classe social que ele? Lorde Aberley era um homem rico e bonito, e provavelmente havia muitas mulheres dispostas a fazer vista grossa para a frieza dele em troca dos privilégios que ele ofereceria. Ou melhor, havia muitas mães que o veriam como um bom marido para suas filhas. Ainda assim, por algum motivo, ele permaneceu solteiro.

Podia-se dizer que ele não estava pronto para ser um marido quando se casou com ela, seja qual fosse a razão que o irmão usou para forçá-lo ao casamento. Assim como ele não estava pronto para casar agora já que estava querendo fazer de Alfie o seu herdeiro em vez de ter o próprio filho com uma esposa, o que lhe parecia uma solução muito mais razoável.

— Hora de dormir — disse ela enquanto terminavam de comer. O assento duro do sofá-cama no canto da cozinha se levantou revelando um colchão macio e Alfie vestiu o pijama e foi para a cama levando o giz e a lousa. O fogo o manteria aquecido durante a noite e a luz banharia o aposento até bem depois que ele dormisse.

— Boa noite, meu homenzinho — disse ela, e o beijou na testa. — Não comece a escrever agora. Se eu ouvir sons de rabisco, vou tomar a lousa de você.

Alfie colocou o objeto na mesinha ao lado do sofá-cama, mas ela suspeitou que ele fosse pegá-la assim que ela entrasse no quarto.

Dando um último olhar severo, saiu da cozinha e entrou no quarto onde a cama ocupava uma parede inteira. O cômodo não tinha lareira, então era bem frio. Não se deu ao trabalho de acender uma vela, preferiu fazer uso da luz da lua enquanto se despia e

então se deitou na cama fria. Suspirando, ficou de costas e olhou para teto. Como sentia falta de Doug ali. Era só ela agora e a cama parecia que nunca mais ficaria quente.

*

O dia não começou bem. Alfie estava mal-humorado e cansado, e Sophie percebeu que tê-lo deixado com a lousa tinha sido um erro. Ele estava com uma determinação de aprender as letras que não o permitia parar. Aquela característica não viera dela, aquela obstinação em realizar uma tarefa assim que a visse. E agora ele estava sofrendo por causa da teimosia que o manteve acordado e treinando muito depois de ela ter se retirado.

— Não cause problemas ou você correrá o risco de ser apresentado à bengala do Sr. Proctor.

— Sim, mamãe. — Até mesmo naquela frase ela pôde ver que ele estava sem paciência nenhuma. Por um momento imaginou se deveria levá-lo para casa, mas decidiu que ele precisava lidar com as consequências de suas ações.

— Você está cansado e por isso está impaciente. Você precisa se controlar hoje, ou arrumará problemas. É por isso que não deve ficar acordado até tarde. Essa é a consequência e agora você precisa lidar consigo mesmo e com o seu cansaço.

Alfie fez que sim e correu para o portão da escola. Tão ansioso para aprender e dominar todo o conteúdo. Com um sorriso, Sophie se afastou e seguiu para a loja. Era uma curta caminhada de cinco minutos. Um carrinho espirrou lama na saia de Sophie e ela amaldiçoou baixinho. A principal tarefa da manhã seria limpar a lama da saia.

A loja ainda estava silenciosa. O tempo nublado que fazia naquela manhã sugeria que aquele seria outro dia sem movimento. As janelas faziam com que não estivesse escuro o suficiente para que fosse necessário acender qualquer tipo de luz, mas ainda assim a loja parecia sorumbática.

Começou a cair uma chuva fina lá fora, o que só serviria para deixar as ruas ainda mais lamacentas. Os vendedores se amontoavam sob as marquises e os clientes corriam para as suas casas. Sophie foi para os fundos da loja para limpar a lama da saia, mas foi interrompida quando a sineta da porta tocou. Um cliente tinha entrado.

Largando o pedaço de trapo, Sophie foi em direção à frente da loja e viu a sombra do homem parado no meio da loja. Mesmo antes de vê-lo, sabia que era ele: lorde Aberley. Foi o cheiro que secretamente lhe contou que era ele quem estava lá ou foi apenas a frieza que emanava dele?

Por alguma razão, ele tinha saído de Belgravia logo de manhã para ir até lá, e só podia ser por uma razão. Ele não aceitou a rejeição da proposta.

Parando onde estava, ela imaginou se deveria simplesmente voltar para onde estava, mas ele sabia que ela estava lá. Ele sempre foi grande desse jeito? O homem parecia ocupar grande parte da loja. A capa escura que estava sobre os ombros dele o fazia parecer ainda maior e mais ameaçador.

— Lorde Aberley — disse ela com um sorriso que não alcançou os olhos. — Que surpresa vê-lo. Presumo que você não esteja aqui para falar sobre apetrechos musicais. — O que ele não estava. A música não tinha importância para ele, até onde sabia nunca o tinha tocado ou inspirado de alguma forma.

— A senhora sabe muito bem por que estou aqui — disse ele, a voz profunda e decidida com aquele sotaque das classes mais abastadas que ela tinha ouvido quando o viu pela primeira vez no dia do casamento deles.

— O Sr. Lawrence não o informou que a minha resposta é não?

— Parece que a senhora continua sendo a mesma criatura irracional de antes.

— Sim, bem, foi um prazer vê-lo. As ruas estão um pouco enlameadas hoje, então é melhor o senhor voltar para Belgravia o quanto antes.

— Ele é meu filho.

Sophie não disse nada, pressentindo que o Sr. Lawrence deveria tê-la aconselhado caso algo assim acontecesse. Dar a entender que

Alfie era filho dele enfraqueceria a sua posição? Era algo que lorde Aberley poderia usar contra ela? Lorde Aberley era esperto e nunca deveria ser subestimado. Ela sabia muito bem disso.

— Ele é meu filho — disse ela por fim.

— Eu darei a ele uma casa grande, a melhor educação e perspectivas tão boas que a senhora não pode nem imaginar.

— Eu já morei na sua casa e não desejaria tal destino a ninguém, que dirá a uma criança.

— A senhora sequer tem fundos suficientes para velas? — disse ele bufando.

— Eu gosto de ficar no escuro — disse ela com as costas retas e o queixo erguido. — Mas para sua informação, tenho fundos suficientes para tudo de que preciso.

Lorde Aberley deu um passo à frente, os passos dele ecoaram pela loja.

— Esta loja — disse ele com desdém. — Parece estar bem movimentada.

— Músicos não costumam acordar cedo. — Ela não gostou da aproximação dele. Era como se ela estivesse com medo dele, ele nunca tinha sido violento com ela, mas ela se lembrava muito bem da censura que emanava dele.

Mas ele não veio em sua direção, em vez disso, ele andou pela loja olhando as mercadorias.

— Você não vai ficar no meu caminho — disse ele finalmente. Até mesmo durante o casamento ela não o conhecera muito bem, mas sabia que ele era cruel até os ossos. Isso se tratava do filho dela e, por ele, ela enfrentaria um urso se fosse necessário.

Capítulo 8

Ela usava o mesmo vestido que Tristan a vira usando da primeira vez que foi até a loja. Algodão simples de uma cor que ficava entre o azul e o lilás.

— Onde está o menino? — perguntou ele.

— O menino tem nome e ele não está aqui. O nome é Duthie, diga-se de passagem, assim como o pai dele.

Tristan virou a cabeça e a olhou com atenção. O Sr. Lawrence deve tê-la informado sobre os direitos legais que ela tinha.

— Que futuro a senhora irá prover para o menino?

— Um feliz — declarou ela, com firmeza. Ela parecia um pouco frágil, mas as costas estavam retas como uma vareta. A expressão era obstinada, como uma leoa defendendo a cria, para dizer o mínimo. Não tinha pensado que ela seria um problema. Talvez devesse ter previsto isto. Mas podia-se dizer que ele não era muito familiarizado com mães.

— Como o futuro dono de uma loja de equipamentos musicais?

— É uma profissão bastante honrada.

— A senhora perdeu o juízo? Eu ofereço a ele rendimentos de milhares de libras por ano, não uma renda escassa com a qual ele mal poderá viver.

— Vamos esclarecer as coisas — disse ela, aproximando-se. — Toda a elegância com a qual o senhor se rodeia, a mesquinharia da sociedade ao seu redor, prefiro que Alfie seja senhor de si mesmo, e que tenha uma vida confortável, a ele entrar em contato com toda a falsidade que o senhor representa.

— Falsidade? Não sei do que a senhora está falando.

— Certo. E quanto ao amor? Vamos falar sobre o amor.

— A senhora só pode estar delirando.

— Amizade. Vamos falar sobre as suas amizades diversas e profundas. — A amizade dele com lady Woolwich veio à sua mente, mas não era nela que ela estava pensando. Caso contrário, seria um exagero dizer que ele tinha amigos. Havia pessoas úteis e inimigos, e, entre eles, nada que fosse digno de nota.

— E a senhora acha que uma loja de equipamentos musicais oferece isso a ele? Só pode estar louca. Não entende o quão precária é a sua situação? A senhora está a um passo da *workhouse*. É irresponsabilidade da sua parte negar a ele o futuro que eu posso oferecer.

— Seria irresponsabilidade da minha parte colocá-lo sob seus cuidados. Você mal é um ser humano. E com certeza não serve para criar uma criança. Podemos não ter acesso a todos esses pormenores, mas estamos muito bem do jeito que estamos. Não há nada aqui que seja da sua conta. Alfie não será seu herdeiro. Não há dinheiro no mundo que me fará mudar de ideia. Encontre outra coitada com quem se casar, de preferência uma criatura que dê valor ao que o senhor tem a oferecer, e conceba o seu próprio filho. O senhor não vai levar o meu.

— Ou talvez eu só precise esperar um pouco para que a senhora aprenda o quanto o mundo é cruel com as viúvas.

— Não tão cruel quanto é para as divorciadas.

Tristan franziu os lábios. Como inimiga, ela era inflexível ao pensar que estava certa, rebatendo seu sensível argumento com opiniões irrefletidas. Com o tempo ela veria o quanto estava sendo pouco razoável. Ou ela ainda sentia amargura pela perda da posição social quando ele se divorciou dela? Aquilo fazia sentido. As pessoas costumavam ficar incrivelmente obtusas por causa de uma perda, e era o filho da Sra. Duthie que estava sofrendo por causa do rancor dela.

Tinha que haver algum meio de tomar o menino daquela mulher. A diferença de classes sociais tinha que dar alguma vantagem a ele. Infelizmente, o fato de esse homem, Douglas Duthie, estar no certificado de nascimento era um problema. Mas que talvez pudesse ser consertado.

Não, infelizmente, pessoas demais sabiam desse arranjo para que a troca pudesse ser feita. O Sr. Lawrence seria implacável, e o homem não seria convencido a ver as coisas do mesmo jeito que ele. A mudança no registro de nascimento talvez estivesse descartada, mas havia outras formas de ele afastar a antiga lady Aberley da vida do filho dele.

— Talvez eu só precise esperar que a senhora veja o quanto o mundo pode ser implacável.

Ela tinha sido mimada por esse homem que tinha se casado com ela, algum tuberculoso fracote. O que fazia dela uma mãe que mantinha o filho em uma casa com um homem que sofria de uma doença fatal e contagiosa. Talvez conseguisse usar algo assim para atingir o seu objetivo.

O dinheiro, obviamente, não resolveria as coisas, ou foi o que ela deu a entender. A riqueza e a ganância foram os motivos para ela e o irmão surgirem na sua vida. Talvez fosse mais fácil convencer o irmão dela.

Sem dizer mais nada, ele se virou e saiu do ambiente sufocante daquela loja miserável, para evitar abordar como ele realmente se sentia sobre o caráter dela. Depois de tudo o que ela tinha feito, era ridículo ela empinar o nariz para a riqueza e o privilégio em favor dessa intransigência de que estava protegendo o filho. Pessoas como ela, e o irmão, venderiam a própria mãe para conseguir dinheiro.

O irmão era o comparsa dela e talvez precisasse se concentrar nele.

A carruagem esperava do lado de fora. Dessa vez, ele sentiu que seria apropriado levar a própria. Enquanto ia para lá, teve até a esperança de que houvesse uma chance de ele voltar para casa com o menino, mas a ex-mulher estava resolvida a causar problemas.

A recusa dela lhe pareceu genuína ou ela era uma atriz soberba. De qualquer forma, o irmão a faria encontrar a razão. Ele devia isso ao filho. Afinal das contas, precisava lutar pelo que fosse melhor para o menino, especialmente porque o pobrezinho foi fadado a ter uma mãe tão pouco racional.

— Acredito que faremos um desvio até a casa de lady Woolwich.
— Era um pouco cedo para visitas, mas, sob as atuais circunstâncias, ela não se importaria. Lady Woolwich sempre foi uma boa conselheira quando ele não sabia muito bem como lidar com algum problema; e ele certamente estava enfrentando um verdadeiro obstáculo com a figura contrita que estava de pé com os

braços apertados em volta de si dentro daquela loja de música escura e sem clientela.

Entrelaçando os dedos, ele se sentou e esperou o cocheiro sair. Não tinha certeza se algum dia na vida tinha conhecido uma pessoa tão problemática quanto Sophie Duthie. É certo que ela era bastante recatada quando eles se casaram, quando ela estava tentando cair em suas boas graças, mas aquilo tinha sido uma encenação porque, agora, ela era espinhosa demais.

Finalmente chegaram e ele se anunciou para o mordomo de lady Woolwich, quem o levou para a sala matinal que ficava em frente aos jardins muito bem cuidados nos fundos da casa.

— Tristan, querido — disse ela, enquanto desfilava com o vestido amarelo e o cabelo preso em um penteado mais simples do que tinha se acostumado a vê-la usar. — O que o traz aqui tão cedo?

— Eu fui vê-la.

— Quem? — perguntou Lady Woolwich enquanto se sentava e arrumava as saias.

— A antiga lady Aberley.

— Oh, certo. — Minette estava muito mais interessada agora.

— Ela diz que não vai entregar o menino. Mas procurarei o irmão dela. É mais provável que o homem tenha bom senso. Nada fala mais com ele do que o dinheiro.

— Mas não com a mãe.

— Ela disse que faria um desserviço à criança se a colocasse sob os meus cuidados, ou algum disparate do tipo.

O mordomo trouxe o chá em uma bandeja de prata e Minette o serviu.

— Agora ela é viúva — disse ela, finalmente.

— Por que isso faz diferença?

— Bem, uma viúva costuma ver a si mesma como alguém que tem mais... liberdade.

— Sobre o que você está falando? — perguntou ele, virando-se para a amiga que lhe entregava uma xícara.

— Uma viúva é menos devota a alguém, principalmente se ela se vir como uma pessoa independente. — O que, infelizmente, Sophie pensava ser, já que é dona daquela lojinha ridícula. — Ela

pode não seguir os desejos do irmão se ela pensar que isso vai contra o bem-estar da criança.

— É ela quem está agindo contra o bem-estar da criança, condenando-o à pobreza pelo resto da vida. Que tipo de mãe faz uma coisa dessas?

— Acho que uma mulher que tenha uma opinião muito ruim sobre você.

Sim, bem, isso é, mas ele não sabia por que.

— Eu nunca abusei dela, mesmo que o comportamento dela tenha sido desprezível. É claro que ela foi atirada da casa assim que a vantagem que eles tinham já não existia mais. — Sentiu uma picada de desconforto por causa de todo aquele assunto. Tinha sido sórdido e indecente, e só chegou ao fim por causa da tragédia. — Ela ainda sente rancor.

Tomando um gole de chá, Minette fez aquela lenta subida de queixo que fazia quando discordava de alguma coisa. Levou um tempo para que ele entendesse o significado daquele gesto, mas era óbvio que ela discordava.

— Ela pode muito bem acreditar que você não seja muito carinhoso.

— Carinhoso? Não seja ridícula. Eu contratarei uma babá e uma preceptora competentes para que cuidem de qualquer necessidade que ele venha a ter.

— Uma preceptora e uma babá não substituem uma mãe.

— Então talvez seja a separação o que a aflige. Eu não quero aquela mulher na minha casa.

— Então vocês nunca chegarão a um acordo — declarou Minette enquanto pegava um biscoito na bandeja. A mulher realmente estava se opondo a aquilo? Talvez como mãe ela não queira abrir mão dos cuidados da criança. Infelizmente, Minette falava com certeza. Será que Sophie lutaria contra qualquer coisa para não ser separada do filho? Isso seria um problema.

Capítulo 9

Sophie ficou de vigília perto da janela para o caso de lorde Aberley resolver aparecer de novo. Não podia evitar. Não importa o quanto tentasse se concentrar em outras coisas, ela sentia a necessidade de vê-lo chegar. No pouco tempo que passaram juntos, não conseguiu conhecê-lo bem, mas foi o suficiente para saber que ele era persistente.

Sua cabeça dava voltas e mais voltas. Legalmente, ele não tinha direito. Por que o diabo daquele homem não se casava? Pela sua experiência, ele não era um desses eternos solteiros a que alguns se referiam como fogosos, mas talvez ele fosse, ao que parecia era um ato que ele preferia fazer com uma certa quantidade de álcool no sangue. Quem sabe o que ele fez depois que ela foi embora de casa?

Um alarme soou em sua cabeça e ela procurou pelo problema que obviamente tinha visto e a mente estava tentando chamar a sua atenção. Olhando pela janela, ela viu o irmão se aproximando, ele estava usando uma cartola marrom-claro e um terno de cor similar. Oliver costumava se vestir como um dândi quando as finanças permitiam. Era óbvio que ele estava conseguindo dinheiro em algum lugar, porque a roupa parecia imaculada.

Não se atrevia a perguntar o que o irmão fazia por dinheiro.

Por um momento chegou a cogitar trancar a porta e fingir que não estava lá, mas, bem naquela hora, ele olhou para cima e a viu. Um sorriso cândido se espalhou pelo rosto dele. Algo o deixara feliz.

A sineta da porta tocou enquanto ele entrava e Sophie fechou os olhos.

— O que quer que seja, a resposta é não.

— Você ainda nem sabe o que eu vou dizer. — Mas o sorriso ainda mostrava que ele estava excessivamente satisfeito. — Todos os seus problemas foram finalmente resolvidos.

— Não, nada foi resolvido — disse ela inflexível, sabendo agora que lorde Aberley tinha ido procurar o irmão. O que é ainda mais

perturbador é Oliver sequer ter pensando em vender Alfie para aquele homem.

— Você nunca vai adivinhar quem eu encontrei ontem à noite.

Ela tinha uma boa ideia. Cruzando os braços, voltou a olhar pela janela e observou os arredores. Vendedores ambulantes elogiavam as suas mercadores, carrinhos e carruagens passavam.

— Eu não vou vender o meu filho — disse ela com tanta rispidez que a voz ecoou na quietude da loja.

— Quem falou em vender? Uma casa fantástica, uma excelente educação, um futuro com mais riqueza do que ele jamais vai precisar. E, é claro, nós também seríamos providos. Ele ofereceu duas mil libras. Não é vender, Sophie. Alfie terá a oportunidade de viver uma vida com a qual nós só podemos sonhar.

— E ser criado por aquele homem. Você sabe como ele é?

— Eu sei que ele paga as contas com bastante generosidade.

— A resposta é não.

— Você não pode dizer isso, Soph. Esta não é uma oportunidade que aparece todos os dias. Só seria melhor se descobrisse que uma tia solteirona da qual nem sabia da existência está lhe deixando a propriedade de herança.

Sophie bufou. Provavelmente era algo com que Oliver vinha sonhando há anos.

— Alfie e eu estamos bem. Eu não o entregarei para ser criado por um monstro insensível.

— Monstro? Do que você está falando?

— Ele é insensível. Não há nenhuma alegria naquela casa. E você — disse ela, brandindo o dedo para ele. — Você não tratará Alfie como se ele fosse seu cofre. Ele não existe para lhe garantir vantagens. Ele é seu sobrinho e você deveria estar preocupado com o bem-estar dele.

— Eu estou. Você é a única que parece não estar interessada no bem-estar dele.

— Por que você é tão encantado com essas pessoas? — Desafiou-o Sophie. — Elas são horríveis. Todas elas. Miseráveis, egoístas e não se importam nenhum pouco com quem magoam. Você está tão cego pelo dinheiro deles que sequer vê a quem está adorando.

— Parece Doug falando — disse Oliver, com indiferença.

— E acontece que eu concordo com ele. — Doug tinha opiniões muito fortes sobre o que era a felicidade e que a riqueza não causava nada além de ganância. — Não permitirei que meu filho seja criado em uma casa gélida com ninguém além dos criados cuidando do seu bem-estar. Eu sou a mãe dele. O lugar dele é comigo.

— Você está sendo egoísta — acusou Oliver.

— Egoísta? — disse ela, aproximando-se dele. — É você quem espera lucrar com o próprio sobrinho. Bem, eu lhe prometo uma coisa: você não vai lucrar à custa de Alfie. Você não conseguirá nada com ele. Eu me certificarei disso, e eu estou pedindo para você sair daqui agora, só por você estar tentando, e não volte mais.

Oliver a olhou como se ela tivesse enlouquecido. Para ele, ela provavelmente estivesse, mas já tinha chegado ao limite com Oliver conduzindo-a pelo mau caminho. Ele nunca tinha boas intenções. Ela tinha sido o trampolim dele para a riqueza e agora ele estava tentando fazer o mesmo com Alfie. O pior era que ele não via, ou não se importava. Todo mundo que não seguia os planos dele era egoísta. Tinha sido assim desde que eram crianças. Se ela não consentisse, ele se recusava a ser irmão dela. Bem, agora era a vez dela recusar.

A sineta soou e a porta bateu enquanto ele saía. Ele estava com raiva. Oliver costumava intimidá-la com aquela raiva com bastante frequência, mas agora ela se recusava a ser intimidada. Sua lealdade era do filho, e talvez já fosse hora de Oliver aprender isso. Era hora de lorde Aberley saber também; e quem mais ousasse tentar manipulá-la. Ela não ajudaria mais nas maquinações de ninguém.

Virando-se, ela olhou para a loja e sorriu enquanto um rapaz entrava. Os calos nos dedos mostrava que ele tocava algum instrumento de corda.

— Olá — disse ela, animada. — Posso ajudá-lo?

Ele estava procurando a canção da qual todo mundo estava falando. Às vezes aquilo acontecia, uma nova canção tomava a cidade de assalto e ela venderia cópias e mais cópias de partituras.

Nesta época, ela deixava as cópias na mesa para onde o estava levando.

Aceitou o pagamento e sorriu enquanto o cliente saía, então sentiu o sorriso desaparecer quando voltou a ficar sozinha. Havia muitos desafios na sua vida agora, e hoje ela percebeu que talvez deveria mesmo cortar os laços com o irmão. Ele era a única pessoa que ela tinha além de Alfie, mas agora ela precisava ser forte pelo filho.

Guardou as moedas na gaveta e olhou para o dinheiro que mantinha lá. Uma parte dele iria para o Sr. Lawrence antes que tudo isso acabasse. Parecia que ela mal conseguiria se manter, todo o dinheiro desaparecia ao mesmo tempo que entrava. Mas faria o que fosse necessário para proteger Alfie.

Se estivesse minimamente convencida de que lorde Aberley estivesse interessado em Alfie por que ele era o pai dele, ela talvez tolerasse um relacionamento entre eles, mas ele queria um herdeiro; alguém para manter longe dos olhos e da mente, para quem, mais tarde, pagaria um estipêndio para que continuasse da mesma forma até que chegasse o dia que ele realmente precisaria do herdeiro, então ele seria arrastado para o funeral do pai e receberia um título.

Tinha visto a evidência com os próprios olhos. O homem com quem se casou tinha sido o produto, e ele acreditava que mães ficariam felizes em entregar os filhos em troca de uma recompensa. Um homem assim não poderia ficar a cargo da criação de Alfie. Só por cima do seu cadáver que ela entregaria o filho amável e gentil para tal monstro. Então, quanto quer que fosse que tivesse que pagar para o Sr. Lawrence para assegurar a proteção do filho, ela pagaria, e provavelmente acabaria endividada.

Por que não a deixavam em paz? Parecia que no momento em que começava a ir à tona, alguém a puxava para o fundo, e ela ainda tinha que lidar com o luto. O desespero a ameaçou por um instante, mas não podia ceder.

Fechou a gaveta com força, se ergueu e respirou fundo. Eles ficariam bem. Tinham um ao outro e isso era tudo do que precisavam. Alfie era feliz, e a fazia feliz. Se tivesse que manter todos os predadores longe dele, faria isso só para assegurar que aquele sorriso nunca deixasse o rosto do filho.

Ainda assim, ela sabia que seu nêmesis não tinha terminado o ataque. Ele voltaria, mesmo que ela não soubesse como. Talvez com uma quantia ainda maior. Ela quase ficaria decepcionada com ele, se ele assim o fizesse. Isso só mostraria que ele realmente não entendia o coração de uma mãe. Talvez não entendesse. Ele não teve uma, afinal de contas. Saber daquilo a deixou um pouco mais empática quando se casou com ele, mas aprendeu bem rápido o quão frio e cruel um menino criado sem mãe poderia se tornar.

Capítulo 10

As ruas escuras de Londres abrigavam todo tipo de perigos e prazeres, mas esta noite Tristan estava a caminho de um lugar que raramente frequentava. Um lugar notório pela depravação e pela embriaguez. Era um lugar aberto a todo tipo de homem com dinheiro para gastar. Mais desordeiro que os estabelecimentos onde ele normalmente ia. Quando jovem, este tipo de lugar lhe tinha mais apelo.

Mas não estava lá pelas mulheres ou pela bebida. Esta noite, estava procurando pelo canalha do irmão da antiga lady Aberley. Não havia chegado nenhum bilhete esta tarde, o que o incitou a procurar pelo homem. O que ele estava pensando ao achar que lidar com ele seria mais simples? Nada do que dizia respeito àquele homem era fácil ou proveitoso.

Finalmente a sua carruagem parou do lado de fora do estabelecimento onde as tochas acima da porta queimavam no alto das duas colunas que conduziam às escadas. Era incrível o lugar ter sido chamado de *O Pelicano*, nome este que estava escrito em letras douradas sobre a porta. Um porteiro o deixou entrar, mas a respeitabilidade do local terminava ali.

Foi atingido pelo barulho assim que subiu a escadaria que conduzia ao enorme salão onde ficava a área principal do clube. Cada centímetro de lá era vermelho e dourado, e havia mesas espalhadas pelo espaço enorme e cavernoso. Jovens machos e libertinos encarquilhados preenchiam cada cadeira, para não mencionar as mulheres trajando seda e cetim com decotes tão baixos que chegavam a mostrar os mamilos.

Este era o tipo de lugar onde ele esperava encontrar Oliver Bancroft.

— Olá, bonitão — disse uma mulher, colocando a mão em seu braço. — Parece que você poderia tirar proveito de um pouco de companhia. — As bochechas pintadas com carmim e os lábios vermelhos escondiam a idade dela.

— Não esta noite — disse Tristan com rispidez. Essas damas pintadas não eram a sua fraqueza. Elas o faziam sentir-se tão ordinário quanto suas belezas artificiais.

A mulher o amaldiçoou enquanto se afastava balançando os quadris e procurando o próximo cliente. Se fosse procurar por companhia feminina esta noite, certamente não seria ali. Mas era óbvio que não havia escassez dessas mulheres naquele local. Outra já estava vindo abordá-lo, e ele foi para o outro lado, procurando nas mesas pelo rosto que buscava.

Oliver Bancroft estava sentado jogando cartas com um grupo que Tristan não conhecia.

— Sr. Bancroft — disse ele enquanto se aproximava e o homem ergueu o olhar, por um segundo viu o tormento nublar os olhos dele. Não era por aquilo que Tristan estava esperando. Será que Sophie também o convencera sobre os seus delírios?

— Lorde Aberley, que surpresa — disse o homem com um sorriso contrito. — Quer juntar-se ao jogo?

Olhando para a mesa, Tristan viu que eles jogavam Faraó.

— Eu não jogo jogos de azar. — Ele preferia muito mais os jogos de habilidades. Preferia não se envolver com jogos sobre os quais não teria nenhum controle quanto ao resultado. Ainda assim, ele se sentou à mesa e, com o dedo, fez um pedido para uma das garçonetes. — Fernet-Branca — disse ele, e ela se afastou enquanto meneava a cabeça.

— Gostaria de uma atualização sobre o assunto que discutimos na última vez em que nos vimos. — Da última vez tinha encontrado o homem ali. Conhecidos que transitavam em círculos mais notórios quando sentiam o desejo lhe informaram que Oliver Bancroft poderia ser encontrado ali. — Acredito que tenha apresentado minha proposta à sua irmã.

— Ela não a ouvirá — disse Oliver finalmente, evitando olhar para ele. — Na verdade, ela me disse para não voltar mais lá.

O desgosto se espalhou pelo rosto de Tristan. Não por que ele se importasse o mínimo com a briga entre o homem e a irmã, mas mais porque parecia que Oliver não tinha nenhum controle sobre ela.

— Então a quem ela ouvirá?

Oliver deu de ombros.

— Mulheres são ilógicas. — Foi tudo o que ele disse. Tristan teve dificuldade para rebater aquele argumento. — Ela pensa que é independente. Não há nada pior do que quando elas pensam que são independentes. Perdem todo o bom senso. E, mais uma vez, não é culpa minha ela ter uma opinião tão ruim sobre o senhor. Essa é uma cruz que terá que carregar — acusou-o Oliver.

— Eu nunca a maltratei, mas eu estava em todo o meu direito de levar em consideração o seu comportamento crasso e desprezível.

— Bem, eu não posso ajudar com Sophie. Ela não quer ouvir. Prefere viver na pobreza do que ver o filho associado ao senhor. Coloca em dúvida a sua declaração de que a tratava bem.

— Eu não ficarei aqui ouvindo essas vis acusações — disse Tristan com seriedade. Alguém como Oliver Bancroft fazendo ataques ao seu caráter era completamente inaceitável. Mas, conforme o esperado, o homem era um covarde e recuou antes que ele pudesse ser cobrado pelo que tinha declarado.

— O mel atrai mais as moscas que o vinagre — disse Oliver por fim. — Se quer que uma mulher faça algo pelo senhor, há formas mais fáceis de convencê-la. — Tristan podia ver a embriaguez nos olhos do homem. — Sussurre palavras doces no ouvido delas e elas estarão nas suas mãos, dispostas a qualquer coisa que pedir. O senhor conseguiu fazê-la abrir as pernas uma vez, talvez consiga de novo.

— O senhor está sugerindo que eu seduza a sua irmã? — disse Tristan, enojado; não sabia se pela ideia ou se pelo irmão dela sugerir que ele fizesse isso com a própria irmã. Isso só confirmava que estava lidando com pessoas baixas e precisava afastar a criança deles antes que o menino fosse totalmente arruinado.

— Se quiser que uma mulher faça algo, essa é a forma mais fácil. — Oliver tomou um bom gole de sua bebida e colocou mais dinheiro na mesa esperando pela nova rodada. *De quem será que era o dinheiro que ele estava apostando?* Pensou Tristan.

Apesar do mau gosto da sugestão, ela tinha mérito, era só que Tristan tinha zero experiência com sedução. Não era um passatempo ao qual se dedicava. Além de sacudir a bolsa de dinheiro, havia muito pouco que fazia para conseguir uma mulher.

Exceto Cecilia Hartright, mas para ser honesto, aquilo tinha sido mais o bom tamanho da sua propriedade. Por isso que uma propriedade maior ganhou a afeição dela, no final das contas.

O tipo de sedução a que Oliver Bancroft se entregava: por poder, manipulação e controle, era algo em que Tristan não tinha habilidade. Só o fato de ele abominar mentir para alguém, incluindo para si mesmo, provava que era uma estratégia à qual não poderia se dedicar. Seduzir mulheres fazendo falsas promessas não era uma arte em que fosse versado, e era pouco provável que fosse funcionar com Sophie. A única razão para ela ter se submetido a ele, em primeiro lugar, foi por que era seu dever de esposa. E, por conseguinte, o dever foi a única razão para ele tê-la procurado, para início de conversa.

Era aquele mesmo dever que o arrastava agora.

Sem dizer uma única palavra, deixou a mesa e saiu do clube. Não havia nada a ganhar ali, a não ser descobrir a profundidade da degradação que a família Bancroft se afundaria para conseguir o que queria. O problema era que ele não conseguiria entender bem o que Sophie queria. Independência, o irmão dela disse. Talvez ele conseguisse entender, de certa forma. Houve anos em que Tristan tinha ansiado por independência. Na verdade, não conseguiu alcançá-la, e não alcançaria até que tivesse um herdeiro. Rindo, ele pensou que eles queriam a mesma coisa. Só que estavam em desacordo, porque ele precisava que ela desistisse do que queria para ele alcançar o próprio objetivo.

— Casa — ordenou ao condutor enquanto a carruagem parava perto dele. Fechando-se lá dentro, ele deixou toda a devassidão d'O *Pelicano* para trás.

Sophie o contrariava porque ela tinha independência para tal, mas aquilo era uma mera ilusão. Não havia segurança em uma loja de varejo. Talvez precisasse provar aquilo para que ela ouvisse a voz da razão. Eles estavam um passo mais perto de uma *workhouse* do que jamais estiveram. A situação precária em que se encontravam era algo que ela devia temer. Sua proposta não poderia ser recusada por causa de uma coisa que poderia ruir a qualquer momento. Um sem fim de coisas poderia acontecer a um

pequeno negócio pouco rentável. Se ela ficasse doente, ela e o filho estariam em uma *workhouse* antes de o mês chegar ao fim.

Mostrar a ela o risco talvez fosse uma solução melhor do que desenvolver estratégias para seduzi-la. Obviamente, ela era uma mulher atraente, sempre tinha sido. Ele sempre estivera bem ciente da beleza dela. Como o irmão dela, ele realmente acreditava que ela a usava para conseguir o que queria. Exceto que agora ela queria independência e acabou por dar as costas para todo mundo.

Infelizmente, a senhora Duthie não era tão forte ou tão independente quanto acreditava, e as boas intenções que ela tinha para com o filho a faziam aceitar a sua oferta. Não seria muito difícil convencê-la.

— Smyth — disse Tristan enquanto entrava na casa. — Preciso ver o meu homem de negócios.

— Já passa da meia-noite. Deseja que eu mande alguém à casa dele para acordá-lo?

— Ah, não, suponho que isso possa esperar até de manhã. Mande uma mensagem ao amanhecer dizendo para ele vir. Temos assuntos a tratar. Posso cuidar de mim mesmo. Volte para a cama — ordenou ele, e Smyth trancou a porta da frente.

Sentindo-se mais leve, Tristan subiu as escadas e foi para o quarto.

Capítulo 11

A constante vigília na janela da loja se mostrou frutífera, mas não queria ter estado certa quando viu o brasão Aberley em uma carruagem que circulava pela rua. É claro, não havia razão para ele estar ali só de passagem.

Enquanto observava, viu a carruagem parar e a porta preta se abrir. Primeiro avistou o cabelo escuro de lorde Aberley que saiu antes de colocar o chapéu. Os olhos dele a encontraram imediatamente na janela e ele tocou a aba do chapéu com a ponta dos dedos para cumprimentá-la.

Com os braços cruzados, Sophie se recusou a responder. Por que ela não ia em frente e fechava a porta? Porque seria uma atitude infantil. O que precisava era encarar este homem.

— Lorde Aberley — disse ela enquanto ele atravessava a porta. — Que agradável surpresa. Posso presumir que está aqui para comprar uma partitura?

Por um momento, ele ficou calado e parado na porta, então a fechou. Sophie desejou que ele não tivesse feito isso. Não gostava de ficar a sós com ele, mesmo naquela loja que era praticamente um aquário. Não que esperasse que ele fosse representar algum perigo para a sua segurança, mas ele estava ali por uma razão, e era pouco provável que ele tenha ido até ali desarmado, figurativamente falando.

— Foi tão gentil de sua parte ir falar com o meu irmão — disse ela de forma concisa. — Espero que ele tenha lhe transmitido a minha decisão.

Os passos de lorde Aberley ficaram mais pesados enquanto ele se aproximava e Sophie desviou o olhar para a rua. Não gostaria que ele se aproximasse mais. Era estranho pensar que tinha sido casada com esse homem; que vivenciara a intimidade com ele algumas vezes. Tinha dado o seu melhor para sentir alguma coisa por ele, mas nunca conseguiu, o que se provou uma bênção. Mas como alguém poderia sentir algo por um homem tão indiferente?

Lembranças de Doug e de sua gentileza vieram à mente.

— Vim apelar para o seu bom senso — disse ele, por fim, com voz clara e profunda.

Sophie riu daquela reação inesperada. O homem estava mesmo iludido, mas ele pensava que ela iria mesmo vender o filho por determinada quantia, então não deveria estar surpresa.

— Acreditei que eu já tivesse tomado uma decisão. É a sua intenção arrumar uma esposa? Você se livrou da que tinha com bastante rapidez.

— Eu desprezo a mentira.

— Mentira? — disse ela. Bem, talvez tivesse sido. Ela não sabia o que tinha incentivado aquele casamento, então talvez houvesse alguma mentira envolvida. Por alguma razão, este homem tinha permitido que Oliver impingisse uma esposa a ele, e tinha algo a ver com a irmã dele, porque, assim que ela morreu, o divórcio foi iniciado. Oliver, de alguma forma, tinha chantageado lorde Aberley para que ele se casasse com ela.

— A senhora diz que não houve nenhuma mentira envolvida no nosso casamento?

— Provavelmente tenha havido. Eu só não estava a par. — Era jovem e ingênua naquela época. Um lorde bonito ia se casar com ela. Era um conto-de-fadas se concretizando. Exceto que o príncipe era feito de gelo, e que ele tinha aproveitado a primeira oportunidade que teve para se livrar dela. — Penso que concordamos que este foi um acontecimento infeliz e que nunca mais devemos voltar a falar dele.

— Exceto pelo fato de que uma criança foi fruto desse casamento.

— Não, o filho é meu. Nenhum tribunal do mundo discordaria de mim, já que ele poderia muito bem ter sido filho de Doug. — Dado que ele nasceu apenas mais ou menos um mês antes.

— Exceto pelo fato de que ele é exatamente igual a mim.

Sophie deu um passo atrás e deu as costas para ele. O Sr. Lawrence tinha dito que a lei não se importava com quem Alfie se parecia. Doug era legalmente o pai dele. Aquilo era uma inverdade e odiava ter parte nela, mas não tinha escolha.

— E agora eu ofereço a ele uma vida muito melhor do que a que a senhora poderia dar, e a senhora, de forma irracional, a recusa.

Até mesmo a sua família pensa que a senhora está sendo irracional.

Bem, Oliver seria quem realmente venderia Alfie por uma riqueza e posição que ele sentia que era devida a ele.

— Eu poderia dizer o mesmo do senhor — disse ela finalmente, e virou-se para ele. — Estou oferecendo a ele uma vida que o senhor jamais poderá prover.

— Uma vida que está a um passo da pobreza? Se a senhora tiver sorte. Só precisa que uma coisa dê errado para o seu castelo de cartas ruir. É aí que a senhora espera que eu venha ao seu resgate?

— Não espero nada do senhor que não seja a sua ausência. O senhor se deu muito bem até agora, então volte para o que estava fazendo.

Afastando-se, ele caminhou lentamente pela loja, verificando a mercadoria.

— Sua situação é precária. Parece que a senhora não entende isso.

Ela entendia muito bem, mas esperava e economizou para que a vida e o sustento deles não fosse destruído. Não era uma situação ideal, mas era o que tinham, e teria que fazer dar certo.

— Qualquer coisa poderia acontecer e acabar com tudo — disse ele. Havia um aviso na voz dele, mas não conseguiu entender o que ele estava insinuando. — Como um novo senhorio aumentando o aluguel. Ou ele simplesmente não querer uma loja de equipamentos musicais em seu estabelecimento. Esta é uma excelente localização e a senhora mal consegue se manter.

— Mas eu estou me mantendo.

— A propósito, eu sou o dono do prédio agora — disse ele, virando-se para ela com um sorriso para que pudesse ver a expressão dela. Homem odioso. — Eu poderia tirar a senhora daqui amanhã mesmo, caso eu desejasse.

Sophie permaneceu com as costas retas e a cabeça erguida. Por um momento não soube o que fazer. Ele era dono do prédio? Isso a colocava totalmente nas mãos dele, como ele já sabia.

— Viu, a riqueza consegue todas as coisas de que a senhora precisa.

— E de alguma forma, não conseguiu uma esposa para o senhor — disse ela, mudando o assunto para algo um pouco mais seguro. Ele a repreendeu com o olhar.

— A razão de tudo isso é conseguir o que eu quero sem precisar de uma esposa, eu acho — disse ele. — Realmente acho a ideia desagradável. Vocês mulheres são criaturas tão mercenárias.

— Se Alfie fosse uma menina, o senhor não teria interesse nenhum em roubá-lo.

— Eu não estou roubando nada, estou simplesmente reclamando o que é meu.

— Ele é uma criança — disse ela, aumentando a voz. — Ele não pertence ao senhor. Ele não é um objeto. E é por isso que eu não vou permitir, por tudo o que há de mais sagrado nesse mundo, que o senhor crie o meu filho. O senhor é um ser-humano desprezível e eu estou pedindo para que saia da minha loja.

— Tecnicamente, a loja é minha. — Ele, com certeza, não seria incitado a sair.

— Bem, eu sugiro que venda o prédio agora mesmo.

— E por que eu faria isso?

Deu um passo à frente para se assegurar de que ele ouviria.

— Porque se o senhor fizer qualquer coisa para ameaçar a minha loja... — Ela respirou fundo, tentando se acalmar, irritada por ele tê-la feito perder o controle. — Deixe-me informá-lo como as coisas serão.

— Por favor, faça isso.

— A posição que eu e Alfie estamos agora, e o senhor não tem nenhum poder ou relevância para nenhum de nós, legalmente ou de qualquer outra forma, se nossa vida aqui se tornar insustentável, teremos que vender todos os meus ativos, e eu tenho o bastante. E então compraremos duas passagens para a América, ou para a Austrália, e iremos começar uma nova vida.

— Austrália? Com cada um dos condenados dos quais conseguimos nos livrar?

— E, ainda assim, todos eles são mais bem comportados que o senhor. Mas sim, nós iremos embora da Inglaterra e é provável que nunca mais voltemos, então, não me pressione, porque eu farei exatamente isso. Não tenho nada que realmente me prenda aqui, e

eu farei o que achar que seja melhor para o meu filho. E, para ser honesta, eu acho que a ideia de um mundo sem o senhor e os outros da sua laia tem muito mais apelo.

— Falou como um desses cartistas inveterados.

Ela não era cartista, mas simpatizava com a causa deles. Quem não simpatizaria por aqueles que ganhavam o pão com o seu trabalho suado? Mas os objetivos dela eram diferentes.

— Tive experiência o bastante com o seu tipo para saber que não há nada que eu almeje entre vocês. Nada.

Com toda seriedade, se ele se tornasse problemático demais, teria que fazer exatamente o que ameaçou fazer e simplesmente ir embora da Inglaterra. Seria estressante e assustador ir para um país desconhecido por um futuro que não poderia prever, mas, se fosse necessário, faria exatamente isso.

— A senhora é ridícula — proferiu ele finalmente. Era a vez dele de perder o controle.

— Então, vá em frente, aumente o aluguel o quanto desejar. Faça o que acha que deve fazer e eu responderei à altura.

— Como diabos eu fiquei atado à mais irracional mulher de toda a criação?

— Isso é com o senhor e a sua irmã e com o que quer que o meu irmão tenha usado contra vocês. Era, e ainda é, algo que eu não quero me dar ao trabalho de saber.

A raiva reprimida fez o homem na frente dela tensionar, e ela soube que ganhara essa rodada do que quer que esse jogo perturbador e distorcido fosse.

— E como a senhora sabe que eu não irei atrás de vocês? — disse ele finalmente, e Sophie fechou os olhos, exasperada.

— O senhor nunca conseguiria viver sem os confortos da sua vida mimada. E só está fazendo isso porque acha que é uma forma fácil de resolver os seus problemas. Bem, não é. Eu não vou lamber as suas botas. Lutarei até o meu último suspiro. Não é assim que conseguirá o seu herdeiro, então desista.

— Não! — disse ele rispidamente, a voz ecoou pelas paredes da loja.

— A pior coisa é que — disse ela — eu sei que o senhor está fazendo isso principalmente porque é vingativo.

Agora foi a vez de ele erguer as sobrancelhas.

— Alguma vez já pensou que eu tenho algumas obrigações para com o meu filho?

— E o senhor? Já? — desafiou ela.

— Deixá-lo passar por dificuldades e pobreza só porque a louca da mãe dele não me deixa cumprir minhas obrigações.

Sophie voltou a cruzar os braços.

— Então é melhor o senhor nos deixar em paz, e eu espero que nada venha e perturbe nosso pequeno idílio.

— A senhora está louca — disse ele, e saiu pisando duro, deixando a porta aberta em seu caminho para fora.

A vitória pareceu vazia, mas ainda era uma vitória. Ele fez o pior que podia e ela o tinha encarado. Agora só esperava que ele levasse a ameaça a sério, porque ficava aflita só em pensar em se afastar de tudo o que conhecia e navegar para terras desconhecidas.

Capítulo 12

— A mulher só pode estar louca — disse Tristan enquanto andava para lá e para cá no salão de Minette. Por um lado, não queria falar daquilo, mas também não poderia *não* falar.

— Talvez devesse pensar mais friamente — disse Minette, sentada com o seu vestido de seda verde com listras marfim. — Você comprou o prédio para ameaçá-la. Eu diria que nenhum de vocês está sendo lógico neste momento.

— Talvez eu devesse ver até onde ela levará esse blefe.

— Ugh — disse Minette e revirou os olhos enquanto apoiava a xícara de porcelana sobre a mesa. — Acalme-se, meu amigo. Na verdade, eu nunca o vi agindo assim. Normalmente você é bastante controlado.

— Como alguém deveria agir quando está lidando com a completa insanidade?

— Com calma e compostura.

— Como eu posso deixar que uma mulher assim cuide do meu filho?

— Talvez devamos considerar, com calma, as objeções dela — sugeriu Minette. Tristan não queria levar Sophie em consideração. Ele queria enfurecer-se, e andar para lá e para cá até fazer um buraco no tapete de Minette. — Sente-se e tome um pouco de chá.

— O chá dificilmente fará qualquer coisa para tratar a insanidade dela.

— Bem, talvez faça — disse Minette de forma enigmática.

A contragosto, Tristan se sentou, mesmo estando com energia o bastante para correr, ou lutar boxe. Não praticava boxe desde seus tempos em Oxford, e até naquela época imaginava se aquela não era uma atividade sem muita lógica.

— Ela é mãe e está agindo como uma mãe protegendo o filho.

— Ela não está protegendo...

Minette o fez calar.

— O que significa que ela vê você como uma ameaça para o filho dela.

— Isso é ridículo.

— E o que ela disse?

Tristan não queria falar daquilo, mas Minette estava com aquele olhar severo.

— Ela disse que eu era frio.

— Você é frio. E o que mais?

— E que jamais permitiria que uma pessoa como eu criasse o filho dela. — Era embaraçoso falar daquilo. — Que não há nada de admirável em mim ou nos da minha laia.

Minette ficou perdida em pensamentos por um tempo e Tristan aproveitou a oportunidade para se levantar e voltar a andar para lá e para cá.

— Então ela acredita que a criança sofrerá se ficar aos seus cuidados. Que você é frio e que o menino nunca receberá o amor e o carinho de que precisa. Ela tem uma boa razão. Você não transborda bondade humana.

— Não criarei nenhum fracote que precisa que segurem a mão dele para fazer qualquer coisa. Isso não me causou nenhum mal.

— É óbvio que a Sra. Duthie não concorda com isso.

— O menino tem seis anos, não é um bebê agarrado às saias da mãe.

— Bem, não é provável que você vá convencê-la com suas teorias sobre a paternidade.

— O que eu tenho que fazer? Mimar o menino até que ele não tenha mais nenhuma força de caráter?

— Parece que suas teorias sobre criar filhos são inaceitáveis para a Sra. Duthie. Vocês discutiram sobre como essa criança será criada?

— Não, é claro que não.

— Talvez ela seja apaziguada se vocês negociarem a forma como a criança deveria ser criada.

— Não há como negociar com aquela mulher. Você não a conheceu. Ela é... exasperante. Que mulher não quer que o filho tenha a melhor oportunidade na vida?

— Imagino que isso dependa da sua definição do que é o melhor. Mas, pelo que entendi, a raiz do problema é, principalmente, você tentando separar mãe e filho.

— Eu não quero aquela mulher na minha casa seguindo cada passo meu.

— Lidar com a mãe geralmente é parte de ser pai. É uma negociação constante entre ambas as partes. Os homens gostam de acreditar que são os cabeças da casa, mas são as mulheres quem *dirigem* a casa.

Infelizmente, havia verdade no que Minette dizia.

— Talvez você só precise ajustar a oferta, antes que a faça fugir para as colônias.

Ele realmente poderia tolerar aquela mulher na sua casa? Era extremamente atípico ter a ex-mulher morando na casa. A reputação de Sophie não existia, então aquilo dificilmente seria uma afronta.

— Se você quer a criança, terá que ficar com a mãe também.

— Não penso que isso importa. Ela já decidiu contra mim — disse Tristan por fim. — Ela acredita que a vida dela é perfeita para a criação de uma criança. — Loucura sobre loucura.

— Você terá que ser cuidadoso se pretende obter mais alguma vantagem sobre ela. Não acho que ela tenha feito uma ameaça vazia. Se o irmão dela for tão desprezível quanto você diz, não deve haver nenhum laço familiar prendendo-a aqui. Nem pai, nem mãe para segurá-la. Você precisa agir com bastante cuidado.

— Sim, talvez você esteja certa — disse ele, odiando o fato de ela estar certa, mesmo ele sabendo que ela estaria. Minette se provou uma excelente conselheira nas poucas vezes que ele a procurou com tal finalidade.

Ele realmente teria que lançar mão de ter aquela mulher na sua casa? Era intolerável, mas, provavelmente, Minette estivesse certa quando disse que Sophie não se separaria do filho. E ele poderia muito bem escondê-los na propriedade por meses a fio. Não era como se Sophie quisesse qualquer coisa dele. Ela e o filho poderiam ficar em Dorset enquanto o menino era educado. Mas, ainda assim, ela não ouviria qualquer proposta que ele fizesse. Era teimosa como uma mula e igualmente inflexível.

Dando um beijo na mão dela, Tristan se despediu da amiga. A maior parte da raiva tinha amainado e ele precisava pensar muito

bem sobre como proceder. Ainda não tinha uma resposta, mas ela não tardaria.

A carruagem o levou para casa enquanto percorria o tumulto das ruas. Por alguma razão, Sophie declarou que preferia ficar em companhia dos batedores de carteira e dos salafrários do que em uma carruagem confortável em companhia dele, mas eles eram pais da mesma criança. Talvez ele tivesse sido muito simplista ao pensar que ela entregaria o menino sem mais. Se dependesse do irmão dela, ele entregaria o menino, mas Tristan tinha cometido um erro ao colocar Sophie e o irmão no mesmo saco.

O menino vinha com a mãe, e ele precisaria se acostumar a isso. Ao que parecia, tê-la na casa seria uma realidade. Ela não era esposa, nem preceptora. Nem ao menos uma hóspede, o que a deixaria em uma posição estranha junto à criadagem. Não havia posição para uma ex-mulher em qualquer casa.

Era uma solução incômoda, mas que escolha tinha? Obviamente, ele poderia se casar e gerar outro herdeiro, mas esta criança, Alfie, era dele e ele sentia uma obrigação para com o menino que ia muito além do fato de ele ser o seu herdeiro. Que tipo de homem ele seria se abandonasse o filho só por causa da mãe problemática? A criança não era a culpada pela fraqueza da mãe.

Assim que chegou em casa, procurou o Sr. Joseph em seu pequeno escritório.

— O investigador voltou com alguma coisa interessante?

O homem ergueu o olhar como se estivesse assustado por ter alguém ali.

— Não, nada particularmente importante. Parece que a Sra. Duthie leva uma vida bem pacata. Não há nada sobre ela ou o marido que seja digno de nota, a não ser pela morte dele. Nada distorcido. Até mesmo os impostos estão pagos.

Tristan mordeu a bochecha enquanto pensava no que tinha ouvido. Parecia que ele não tinha nenhuma vantagem.

— Mude o foco para o irmão dela. Deve haver sordidez o bastante ali para manter o homem ocupado por um bom tempo.

— Este seria o Sr. Oliver Bancroft — disse o Sr. Joseph, escrevendo o nome em um pedaço de papel. — Irei me comunicar com o investigador.

— Bom, excelente — disse Tristan enquanto saía do pequeno escritório do seu homem de negócios.

Vagou pela casa não sabendo o que fazer. Ainda estava desinquieto por causa do confronto com Sophie, mas a raiva tinha desaparecido. Precisava relaxar toda aquela agitação, mas nada incitou o seu desejo. Não estava de bom humor para ir até o clube, e muito menos para beber.

A calma da casa era completa, o único som que ouvia era do relógio que ficava no corredor principal. Normalmente, seus investimentos eram uma ocupação, mas não conseguiria se concentrar.

Parte dele queria ir correndo para Holborn e discutir com a sua irascível ex-mulher. Ele ainda queria censurá-la por causa da postura insensível que ela estava tendo, privando o filho do futuro que deveria ter. Devia haver um limite para os pais poderem impor sua histeria a uma criança. Até mesmo para insinuar que ele era um pai indigno, o que era ridículo. Que tipo de florzinha ela estava tentando criar? O menino precisava de uma orientação apropriada, e era óbvio que Sophie não estava apta a prover aquilo.

Como ele se sentiria se a própria mãe tivesse imposto uma decisão assim a ele; que o privasse da propriedade, do título e da posição só por causa de algum disparate sobre haver dignidade na pobreza? Seria inconcebível. Essa não era uma decisão que ela tinha o direito de tomar pelo menino. O menino, com certeza, não agradeceria a ela pela baixa posição e a pobreza. Talvez ela só precisasse entender este pormenor.

Capítulo 13

Estava quase escurecendo quando Sophie foi para casa com Alfie, quem estava contando sobre as lições daquele dia e sobre o menino que tinha se envergonhado na frente de toda a sala. Ela o ouvia tagarelar e sorria. A vida dele era tão descomplicada e não havia nada desagradável. O foco dele estava na nova escola.

No caminho, Sophie parou e comprou presunto com um dos vendedores. Eles teriam pão e presunto junto com a sopa que ela tinha feito no dia anterior.

Quando voltou a se virar, ele estava acariciando o cachorro de um homem.

— Podemos ter um? — perguntou ele, como já tinha feito muitas vezes antes. No passado, os pulmões de Doug tinham sempre sido a razão para que eles não tivessem um cachorro, mas agora isso não era mais um problema.

— Não, eu sinto muito. Não posso ter um cachorro na loja e seria injusto deixar o pobrezinho sozinho o dia todo.

— Ele pode ir para a escola comigo.

Sophie sorriu com a simplicidade com a qual Alfie via o mundo.

— Acho que o Sr. Proctor não permitirá. Vamos, precisamos nos apressar — disse ela. Assim que escurecia, as ruas ficavam muito menos seguras. Se pudesse evitar, dificilmente saía depois de escurecer. Com Doug, não era algo tão ruim, mas agora era só ela e não podia se dar ao luxo de que algo lhe acontecesse. Infelizmente, lorde Aberley estava certo sobre aquilo. Imprevistos poderiam colocar um fim àquele idílio e ela precisava resguardá-los.

— Talvez domingo possamos perguntar ao Sr. Fontescue, o que mora no final da rua, se podemos passear com o cachorro dele. Ele deve gostar da ideia.

Alfie gostou da sugestão e pegou a mão de Sophie enquanto eles iam para casa esquivando-se de carroças e cavalos. Passaram por um carrinho de frutas e Sophie decidiu comprar uma laranja para eles dividirem. Elas eram caras, mas não havia nada que

amasse mais que a fruta fresca e succulenta. Sempre a fazia imaginar de que lugar exótico ela tinha vindo.

Colocando-a na mochila de Alfie, eles seguiram caminho, mas uma figura trajando uma capa os estava esperando do lado de fora da porta que levava aos aposentos deles. O homem olhava para baixo, mas dada a qualidade do chapéu, ela sabia que se tratava de um cavalheiro. Olhando rapidamente ao redor, ela viu a carruagem com o brasão de lorde Aberley.

Apertou a mão de Alfie com força e o menino a olhou enquanto ela tropeçava. Respirando fundo, ela continuou a andar. Este homem não desistiria? Esperou que a discussão que tiveram da última vez fosse selar o assunto, mas ele estava de volta um dia depois. Este seria um acontecimento recorrente?

— Lorde Aberley, que prazer vê-lo — disse Sophie, forçada. — Está de passagem? — Não custava nada ter esperança.

Rapidamente, ele ergueu o olhar, mas os olhos dele só ficaram nela por um instante, e então procuraram por Alfie. Seu instinto foi puxar o menino para trás da saia, mas de que adiantava?

— Olá, Alfred — disse lorde Aberley, falando mais com Alfie do que com ela. Então ele voltou a olhá-la. — Dificilmente estaria de passagem por aqui. — Ele deu um olhar mordaz para aquela declaração ridícula e Sophie se viu corar levemente. Ele voltou a olhar para Alfie. — Nós não nos conhecemos. Eu sou lorde Aberley, o seu pai.

Sophie arfou e Alfie olhou para ela, confuso. Era óbvio que ele tinha ouvido a declaração. Virando-se para ele, ela ficou de cócoras.

— Alfie, acho que é melhor você entrar e eu vou lidar com este homem. Entre, agora. — Tirando a chave do bolso que tinha costurado na saia, ela a entregou a ele, e o menino, relutante, entrou enquanto ainda olhava para o homem.

Quando a porta se fechou, Sophie se concentrou em lorde Aberley. Dando um passo à frente para empurrar o peito dele com as duas mãos.

— Como teve a coragem de dizer isso para ele? O senhor não tinha o direito.

Segurando-a pelos pulsos, ele os colocou para baixo. Empurrá-lo tinha sido uma reação instintiva. Agora ele prendia os seus pulsos e

os dois estavam perto demais. Ele tomava todo o espaço, o aroma dele era persistente. Uma remota e vaga familiaridade que se obrigara a esquecer. Para não mencionar a intimidade fria e mecânica que compartilharam.

— Ele é meu filho.

— Ele não é. O nome dele é Alfie Duthie, e ele nasceu...

— Ele é exatamente igual a mim. A senhora não tem o direito de impedir que eu conheça o meu filho.

— O senhor quer dizer o seu herdeiro — disse ela com desgosto enquanto torcia os pulsos, mas ele ainda não a soltava.

— E a senhora não pode impedi-lo de saber quem é o pai dele. A senhora não tem esse direito — repetiu ele. — Como se sentiria se isso fosse feito com a sua pessoa?

Na verdade, nunca pensou por aquele lado.

— Eu entenderia se a intenção fosse a de me proteger.

— Ou isso é pura amargura?

— Amargura pelo quê? — disse ela para aquele absurdo.

— Por me divorciar da senhora.

— Não, com certeza não. Isso tem a ver com o seu caráter.

O aperto em seus pulsos diminuiu, e ela se soltou dele, voltando a empurrá-lo com toda a sua força.

— Não — disse ele, apontando para ela e Sophie quis agarrar o dedo dele e quebrá-lo.

— O senhor não tem o direito de confundi-lo assim.

— Eu tenho todo direito. Moralmente, a senhora tem uma obrigação com o menino.

— Oh, obrigação. Quer falar sobre obrigações? Eu sou obrigada a assegurar a saúde e a felicidade daquele menino. O senhor só quer usá-lo para os seus propósitos.

— A senhora quer dizer sustentá-lo, educá-lo e dar a ele os meios para que tenha um futuro confortável.

— Eu estou fazendo tudo isso muito bem — disse ela.

— A senhora só pode estar brincando, ou realmente acredita nessa insensatez?

Uma pessoa parou perto deles. A Sra. Rawley, sua vizinha idosa.

— Você está bem, querida? — disse ela, olhando para lorde Aberley com severidade.

— Não interfira, madame — disse Aberley, conciso. — Isto é entre mim e minha esposa.

Sophie arfou ao ouvir aquela declaração. Por um momento sua mente empacou, então ela se virou para a Sra. Rawley com um sorriso plácido.

— Eu não sou esposa dele — o que provavelmente não deixou as coisas melhores. — Somos divorciados.

— E eu estou aqui pelo *meu* filho, o que a senhora continua me negando.

— O homem está delirando — disse Sophie, tentando permanecer calma. Isto não faria nenhum bem à sua reputação na vizinhança. Lá em cima, ela viu Alfie olhando para eles da janela. O que ele estaria pensando? Devia estar para lá de confuso por este homem que ele nunca tinha visto e que não sabia que existia, chegar e dizer que é pai dele. Como Aberley pôde ter feito algo assim a eles? — Está tudo bem, Sra. Rawley. Eu cuidarei disso.

A Sra. Rawley olhou para o homem com suspeita antes de atravessar a porta e entrar no prédio. Haveria perguntas sobre o acontecido durante as semanas seguintes.

— É o senhor quem está delirando. Eu *não* sou sua esposa. Eu tive um casamento longo e feliz com um homem que não era o senhor.

— Foi apenas um deslize.

— Se esta é a sua forma de fazer a minha vida insuportável, o que eu disse antes ainda está de pé. Nós partiremos.

— O que eu também não aprovo. A senhora não tem o direito de manter o menino longe de mim. Não importa a sua opinião sobre a minha pessoa, eu sou o pai daquele menino — disse ele, apontando para a janela. — E isso é uma ligação e um fato que não tem nada a ver com a senhora. Não pode negar isso a ele, não importa o quanto queira. Ele tinha o direito de saber.

— Por favor, vá embora — disse ela, e, por um momento, eles ficaram ali calados, apenas olhando um para o outro.

— Eu não vou desistir. Ele é meu filho e eu vou ser desleixado com os meus deveres para com ele se eu permitir que o relegue a uma vida de pobreza só por causa da sua amargura.

— Isto não tem nada a ver com amargura — disse ela, cortante.
— O senhor se divorciar de mim foi a melhor coisa que já me aconteceu. Por causa disso, eu encontrei um homem gentil, que foi um excelente pai para Alfie.

— O homem nunca foi pai dele, e ele está morto agora, no caso de você não ter notado.

Sophie ficou ainda mais irada.

— Deixe-nos em paz.

— Não — disse ele enquanto Sophie foi em direção à porta. A mão dele em seu cotovelo a impediu de prosseguir. — Quaisquer que forem as obrigações que tem como mãe, eu também as tenho como pai. A senhora não pode simplesmente me cortar da vida dele só porque quer. Como pais, a senhora tem uma obrigação para comigo.

Sophie bufou e puxou o cotovelo. Infelizmente, ela sabia que havia alguma verdade no que ele estava dizendo. Esteve tão presa ao fato de proteger Alfie do homem na frente dela que não tinha considerado a perspectiva de Alfie. Este homem era o verdadeiro pai dele, e aquilo tinha sido revelado a ele, queria ela ou não. Ainda assim, ela não concordava que aquilo fosse considerado como obrigação dela. Este homem não traria nada bom para a vida de Alfie, mas ele ainda era o pai do menino.

Havia tanto a explicar quando chegasse lá em cima. Alfie devia estar tão confuso agora.

— Certo, será do seu jeito — disse ela por fim. Notou que a Sra. Rawley olhava para eles da outra janela. — Eu direi a ele o exato jeito com o qual o senhor trata as pessoas, como nosso casamento foi e terminou: comigo sendo jogada na rua sem que me fosse dita uma única palavra. E eu direi a ele a razão exata do seu interesse nele. Como o senhor deseja criá-lo sozinho e sem atenção numa casa afastada sem ele ter a mãe por perto, nada além de uma prisão confortável, sem amigos ou qualquer outra pessoa que ele já conheceu. Que deseja fazer dele outra versão da pessoa fria e miserável que o senhor é. Que está aqui só porque não pode tolerar a ideia de se casar e ter outra pessoa na sua vida com a qual seria forçado a lidar. Talvez ele entenda por que eu nunca falei do senhor.

O homem só olhou para ela.

— Ele nunca entenderá. Este não é um relacionamento entre pais e filhos.

— O que sabe sobre relacionamentos?

— Eu sei que filhos têm o desejo de conhecer os pais — disse ele, enfático. Havia mais naquela declaração do que ele deixava transparecer. Aberley afastou o olhar. Por um momento, ela pôde ver além da casca endurecida que era aquele homem. — Ao contrário do que a senhora pensa, eu não quero que o menino seja infeliz.

— E ainda assim isso foi parte da sua proposta desde o momento em que o senhor apareceu.

— Talvez haja algumas coisas que eu esteja disposto a alterar — disse ele, e Sophie bufou. — Como a separação de mãe e filho.

Pensar que teria que lidar, frequentemente, com essas brigas frustrantes foi como uma bofetada.

— Não, vá embora — disse ela instintivamente. Era muito para lidar. Por favor, só vá embora, implorou em sua cabeça que já estava doendo a essa altura. Sem olhar para trás, ela atravessou a porta correndo. Por que não podiam manter a felicidade que já tinham? Por que este homem tinha que entrar em suas vidas como um elefante enfurecido, destruindo tudo o que encontrava no caminho?

Capítulo 14

Sophie olhou, sem parar, de um lado para o outro enquanto destrancava a porta da loja, como se aquele homem fosse acossá-la com novas acusações elegantes a qualquer momento. Ele parecia vir sem avisar, sempre que queria.

Mas isso não importava. Ele aprenderia que ela não seria intimidada ou persuadida para se curvar à vontade dele. Não ia acontecer.

Um menino apareceu.

— Mensagem, dona. — Havia um papel na mão dele e ele não o entregaria até que ela pagasse, então pegou dois pences em um bolso escondido no seu vestido.

Devia ser de Oliver, porque Aberley nunca a faria pagar pela mensagem. Ele sequer pensaria em algo assim.

Sophie pegou a missiva e entrou na loja.

Fui preso e levado para Coldbath Fields. Preciso da sua ajuda.

O pavor fincou as garras em Sophie. Isso tinha que ser obra de Aberley. O maldito. Como ele pôde fazer algo tão desprezível? Por um momento, não soube o que fazer. Correria para ajudar Oliver, ou iria confrontar Aberley por ser um lamentável covarde que tinha atacado o irmão dela pelas costas? Se ele queria alguma coisa, ele poderia muito bem se recompor e enfrentá-la como o homem que ele dizia ser. Aquilo era desonesto e desprezível.

Não, tinha que ajudar Oliver primeiro, mas a sensação de pavor só aumentou enquanto saía da loja e a fechava mais uma vez. Não haveria ganhos naquele dia e aquilo faria falta. Sempre parecia ter algo interferindo na sua capacidade de ganhar a vida. Esse foi apenas o último acontecimento.

Acenou para uma carruagem e embarcou. Nervosa, aguardou enquanto o veículo a levava para onde ela sabia ser a prisão dos devedores. Oliver estaria fora de si, completamente incapaz de lidar com tal absurdo.

A carruagem parou na entrada de visitantes. Parecia que ela não tinha sido a primeira pessoa que ele tinha levado até ali, e ela ficou parada olhando para aquele imponente prédio de tijolos. Era uma construção enorme e retangular com janelas pequenas e estreitas.

Um guarda pigarreou.

— Mova-se — disse rispidamente e Sophie sentiu como se estivesse sendo arrebanhada como uma vaca. Seguiu caminho e passou pelo pátio onde carroças descarregavam repolhos. Sophie tremeu ao pensar que tipo de comida seria servida a Oliver. Ele iria morrer de fome.

Um homem em uma escrivaninha a olhou enquanto ela se aproximava.

— Nome do prisioneiro? — perguntou ele.

— Oliver Bancroft.

O homem sorriu maliciosamente e Sophie suspeitou que Oliver tinha sido um incômodo, mas estes homens não ouviam súplicas. Provavelmente gostavam de ver tipos como Oliver recebendo o seu castigo. Não encontraria simpatia ali, pensou.

O homem fez um meneio de cabeça para outro que veio até ela e a pegou pelo braço, levando-a como se ela mesma fosse uma prisioneira. Queria sacudi-lo, mas ao mesmo tempo não queria ser rude no caso de isso fazer com que esses homens sentissem mais prazer em fazer a vida de Oliver ainda mais desconfortável.

Foi levado até uma pesada porta de ferro que tinha uma enorme chave que o guarda tirou de um chaveiro de tamanho considerável. A fechadura girou com dificuldade, o som dos mecanismos ecoou pelas paredes.

Oliver estava sentado perto de uma mesinha. Não havia nada além de uma mesa e duas cadeiras. Sophie correu até ele e eles se abraçaram. O medo e a aflição estavam estampados na cara do irmão. Por tudo o que ele representava, odiava vê-lo dessa forma.

— Eles me prenderam — disse ele. Mas não havia surpresa na voz dele, ele sabia que aquilo estava por vir, ela percebeu. — Eu sinto muito, Sophie. Eu sinto muito ter que fazer isso com você, mas você tem que aceitar a oferta de lorde Aberley.

— Não, eu não posso fazer isso.

— Eu vou morrer aqui — disse ele, a carranca tomava todo o rosto dele. — Não posso terminar os meus dias aqui. Eu nunca sairei. Depois que você entra, nunca mais sai. — Pegando a mão dela, ele implorou. — Você tem que concordar com ele.

— Não — disse ela. Ela não era responsável por isso. Oliver tinha feito aquilo. A bagunça era dele e ele simplesmente a procurou e pediu para que ela arrumasse a bagunça que ele causou. Era o que ele sempre tinha feito. — Estamos falando sobre o futuro de Alfie. Não vou comprometê-lo.

— Isso fará dele um homem rico. Por que você está sendo tão obtusa? Eu não entendo. Você irá me sacrificar só para contrariar aquele homem?

— Ele é horrível. Você está me pedindo para...

— Ele é o pai de Alfie. Goste você ou não, esta é a verdade. Você se casou com ele.

A raiva fez as bochechas dela corarem.

— Você me obrigou.

Uma gargalhada profunda saiu dos lábios dele.

— Você pulou à chance de se casar com um lorde. Não é como se eu a tivesse forçado.

— Eu não fazia ideia que você o tinha forçado. Eu era tão idiota.

Eles ficaram calados por um momento.

— Eu sinto muito — disse Oliver. — Eu não sou o melhor dos irmãos. Eu tentei. Eu consegui para você o melhor marido que eu pude encontrar. Eu não pensei que ele se divorciaria de você.

Ela sabia muito bem que ele procurava obter vantagem quando arranjou aquele casamento com Aberley, mas as intenções dele fariam dela uma mulher rica com uma vida confortável. Ou ao menos ela gostava de acreditar naquilo.

— Eu entendo se você escolher me deixar aqui — disse ele, afastando as mãos. — Você está com raiva de mim.

— Não se trata de raiva. — Mas sim, estava furiosa com ele. Como ele pôde ter feito isso com ela? — Quanto você deve?

— Quinhentas, mais ou menos.

— Quinhentas libras? — disse ela, boquiaberta.

— Não preciso pagar tudo, por volta de trezentas libras e eles me liberam. — Ele voltou a pegar as mãos dela. — Por favor,

Sophie. Não me deixe aqui. Eu serei bom. Prometo. Encontrarei um trabalho e lhe pagarei.

— Eu não tenho trezentas libras.

— Mas você pode conseguir.

— E levará quanto tempo para eu terminar em uma *workhouse*? Tanto eu quanto Alfie?

Oliver baixou a cabeça.

— Eu sei. Eu sinto muito. Acredito que você tenha que aceitar a oferta de Aberley. Alfie estará protegido pelo resto da vida.

— Alfie está muito bem. Você que é uma ameaça para ele. Você fez isso, e deve pagar por isso. Eu não sou sua guardiã. Não sou responsável por saldar as suas dívidas. Não, eu não posso ajudá-lo.

— Levantando-se, ela foi cambaleando até a porta e bateu. O guarda veio logo em seguida e ela deixou a sala, incapaz de olhar para o irmão.

Seu coração estava partido. Como ele pôde fazer isso com ela? Por que os homens estavam sempre magoando-a? O pai ao morrer, o irmão... bem, sempre. Aberley. Até mesmo Doug ao morrer nos braços dela. Às vezes, sentia como se estivesse completamente sozinha.

As lágrimas corriam por seu rosto enquanto ela era escoltada pelo guarda indiferente. Ninguém se importava nesse mundo. Todo mundo buscava apenas os próprios interesses. E agora Oliver deixava a responsabilidade de salvá-lo para ela, o que significava que ela teria que vender a loja, a única segurança que tinha no mundo. Como ele pôde ter feito isso com ela?

A desesperança tornava as pessoas egoístas. Ela sabia disso. Tinha feito um trabalho muito bom deixando aquele tipo de desespero afastado, mas aqui estava ele e ela não tinha feito nada para merecer o que estava acontecendo.

Poderia simplesmente dar as costas para o irmão; deixá-lo definhando na prisão, onde ele provavelmente pegaria uma infecção pulmonar? Aquilo acontecia e normalmente era uma bênção. Mas ela tinha o poder para salvá-lo, mas isso lhe custaria muito. Significava aceitar a oferta de Aberley, porque sem a loja não haveria como ela se sustentar.

Quando chegou à rua, esperou poder voltar a respirar, mas a ansiedade levou a melhor e teve que parar para recuperar o fôlego. Sua vida muito bem construída estava ruindo, e não por culpa dela. Aquilo era tão injusto.

Capítulo 15

Abaixando os documentos que segurava, Tristan olhou para a mesa. O relatório do investigador reportava as malditas atividades de Oliver Bancroft, incluindo as trapaças, as barganhas e a pura fraude.

Seus instintos diziam para ele ir correndo para Holborn e pegar o filho antes que ele fosse ainda mais influenciado por aquelas pessoas. O exato papel que Sophie tivera naquele desastre era algo que ainda não conseguira descobrir, mas o irmão dela com certeza era o cabeça da operação. O que ela era, ele ainda não sabia, mas acreditava que a resistência daquela mulher à sua proposta era alguma visão distorcida de proteger o filho.

Se ela era ou não uma boa influência para o menino era discutível, já que ela estava, por vontade própria, relegando o menino à pobreza baseada apenas em suposições e amargura. Aquilo não a fazia uma boa influência para o menino, mas ela lutava por ele com unhas e dentes, o que era admirável, Tristan supôs.

Falou do diabo, e ele apareceu à sua porta. Do lado de fora da janela, ele pôde ver Sophie subindo os degraus. Aquilo era inesperado. Talvez ela tivesse recuperado o bom senso.

Enquanto ele escutava, Smyth abriu a porta e ouviu os murmúrios que chegaram ao seu escritório.

— A Sra. Duthie está aqui para vê-lo — disse Smyth à porta.

Por um segundo, Tristan teve vontade de lhe negar entrada, mas ele sabia que aquilo não faria nenhum bem aos seus propósitos. Ela tinha vindo, e só podia ser porque ela queria negociar.

Smyth desapareceu novamente.

— Você fez isso, seu homem horrível — acusou ela assim que entrou na sala. — Como você pôde? Não há limites à profundidade que você é capaz de descer?

Tristan ergueu uma sobrancelha. Os insultos eram injustificados.

— Qualquer que seja o infortúnio que se abateu sobre você, você é a responsável por ele.

— Não, eu nunca causei nada a mim mesma. A interferência das pessoas é a causa dos meus infortúnios.

— É o que cada canalha diz quando apanhado — ele disse com acidez e ela franziu ainda mais os lábios, o que o fez imaginar se eles iriam desaparecer. Era provável que ela fosse golpeá-lo em breve, recorrendo à violência quando não conseguisse o que queria.

— Você fez o meu irmão ser preso.

— Ah. — As coisas estavam vindo à luz. Que fortuito. — Odeio desapontá-la, mas ele fez isso consigo mesmo. Embora, a julgar pelo que acabei de ler, era só uma questão de tempo. Furto, fraude. Era só uma questão de tempo até que ele fosse pego.

— Você está insinuando que isso não foi obra sua?

— Sim, mas eu provavelmente teria seguido este caminho, no final das contas. Esse assunto está se arrastando por tempo demais. Então, o que você deseja? Você quer que eu mexa uns pauzinhos e faça o seu irmão ser solto? Isto está além das minhas capacidades.

— Meu irmão já foi solto — disse ela, com a voz baixa e controlada. — Mas como era a sua intenção, meus meios de prover por mim e por Alfie não existem mais.

— Você teve que abrir mão da sua loja — disse Tristan. Por um lado, ele sentia muito por ela. Tinha sido apenas uma questão de tempo, e aquilo tinha se resolvido sem que ele precisasse tomar qualquer atitude. O irmão dela sempre tinha sido a maior responsabilidade dela, e os pecados dele fizeram a casa cair, ao que parecia. Mas era óbvio que ele não foi acusado por algumas das coisas que o investidor tinha descoberto, ou Sophie não teria sido capaz de libertá-lo. Isso significava que o julgamento por algumas das atividades dele ainda não tinha acontecido. Bom saber.

Ela ficou ali parada, meio desajeitada, sem saber o que fazer. Aquele orgulho ainda estava arraigado nela, mas ela estava derrotada. O desconforto saía em ondas dele e podia dizer que ela estava à beira das lágrimas. Talvez ele não estivesse apreciando a derrota dela tanto quanto havia imaginado.

— Farei o advogado preparar a papelada necessária — disse ele finalmente. — Espero você e o menino esta noite. Ambos serão tratados com a maior deferência e... benevolência.

Ela soltou um bufo de descrença.

— Eu não lhe desejo nenhum mal, e com certeza não desejo para o meu filho. Ele será bem cuidado, educado segundo os mais altos padrões.

— Assim como você foi, vê-se a pessoa calorosa e generosa que você se tornou.

— Você não encontrará falhas na minha hospitalidade.

Respirando fundo, ela virou as costas e saiu sem dizer adeus. Aquilo foi grosseiro, mas tendo em conta as circunstâncias, talvez, naquele momento, aquilo estivesse fora do alcance dela. Felizmente, nem todas as boas maneiras estavam, ou ele poderia se ver responsável por educar dois indivíduos lamentavelmente inadequados.

Aqueles confrontos com Sophie tinham sido tão abrangentes que não percebeu que realmente seria um pai para o seu filho. Seria os seus próprios olhos que ele veria olhando para ele. Seria a primeira vez que estaria tão perto do menino. Ele pareceu tão pequeno ali enquanto segurava a mão da mãe. Seis anos de idade, ao que parecia. Tristan não podia se lembrar de já ter tido seis anos de idade. Não havia memórias. Ele devia ter estado em Sommerfield Hall, a propriedade senhorial em Dorset, onde tinha passado a maior parte da infância.

Sophie estava certa quando disse que tinha sido uma prisão solitária, mas, naquela época, ele não sabia. Foi tudo o que sempre conheceu, então nunca questionou. Tinha havido muitos criados e o seu tutor. Até mesmo quando jovem, tinham lhe ensinado que os criados deveriam ser ignorados, o que lhe deixava apenas o tutor sisudo e rígido como companhia.

Talvez entendesse as objeções de Sophie. Ela temia o que aquela criação causaria ao filho. Ela temia que o filho se tornasse alguém como ele. Ele dificilmente era agradável, mas nunca antes alguém tinha insinuado que ele fosse uma consequência indesejada. Na verdade, ninguém se atreveria. Além do mais, não havia nada singular na forma com que foi criado. Sua criação não foi atípica; era comum as crianças serem mantidas longe até que atingissem a maturidade e tivesse alguma utilidade na sociedade.

Levantando-se da cadeira, saiu do escritório.

— Sr. Smyth? — chamou.

— Milorde — ouviu dizerem baixinho logo atrás dele.

— Teremos convidados. — Provavelmente fosse verdade ele precisar trazê-los ali antes de levá-los para Sommerfield. — Mande preparar os quartos.

— Quantos convidados nos agraciarão com a sua presença?

— Dois. Uma mãe e um menino. A Sra. Duthie, na verdade.

— Ela não pareceu muito feliz quando saiu.

— Eu lhe garanto que não estava, mas devemos esperar a chegada deles esta noite.

— É claro — Smyth disse com sua inabalável reverência. — Vou me assegurar de que eles tenham tudo o que precisam.

— Então você entende que o lugar deles nessa casa terá uma natureza mais permanente. — Assim que o homem visse o menino, ele iria descobrir o parentesco. — Suponho que esta casa tenha um quarto de crianças. Talvez precisemos de uma babá. Deixarei a mãe do menino determinar as necessidades, mas assegure-se de que ela tenha tudo o que precise.

— Como quiser.

— Onde é o quarto das crianças?

— É no terceiro andar, tem vista para os jardins do lado direito. O lugar precisa ser arejado.

Provavelmente. Ninguém o usava há mais de trinta anos.

Assentiu distraído, seguro de que Smyth cuidaria de tudo.

— Isso é tudo. — O homem fez uma mesura e saiu.

Seria estranho ter pessoas na casa. Ninguém mais morou ali desde que Sophie se mudou para lá no curto período do seu infeliz casamento. A ideia de ter que tolerá-la novamente caiu mal em seu estômago, mas era um fardo que ele deveria carregar.

Subiu as escadas lentamente e prosseguiu até chegar ao terceiro andar, onde ele nunca tinha ido. Na verdade, não tinha certeza que outros quartos havia lá. Quartos de hóspedes, talvez. Bem, eles raramente eram frequentados, de qualquer forma. Existira uma tia em algum momento, lembrava-se muito vagamente, mas ela já tinha desaparecido da sua memória. Achava que ela tinha morrido. Quando bebê, a irmã foi enviada para ser criada por uma tia antes de ser mandada para o continente para ser educada.

Encontrou o quarto à direita do jardim e abriu a porta. O cômodo era azul claro e agora ele lembrava dali. Uma fina camada de poeira cobria cada superfície. Não recebia atenção e limpeza com muita frequência. Havia uma cama no canto. Ele dormira ali. Velhos brinquedos dispostos em prateleiras baixas. Devem ter sido dele também. Eram vagamente familiares. Na verdade, o menino que uma vez vivera ali também era vagamente familiar. Ele ficava muito mais em Sommerfield. Era raro ele ir até a cidade.

Quando cresceu, teve seu próprio apartamento, e aquilo tinha servido muito bem a ele e ao pai, mas o arranjo não durou muito tempo, pois o pai morreu inesperadamente por causa de uma febre. O homem que ele nunca tinha conhecido de verdade. Não foi até que ele morreu que Tristan percebeu que tinha perdido a oportunidade. Os prazeres de ser um homem jovem na cidade o distraíram. De vez em quando eles jantavam juntos, mas falavam de pouca coisa que não a administração da propriedade. Não tinham amigos nem conhecidos em comum. E também nenhuma preocupação mútua. O pai não tinha ficado muito interessado nas palhaçadas que ele fazia com os amigos, ou até mesmo com os seus estudos em Oxford. Até mesmo um imbecil poderia fazer as atividades necessárias para passar, o pai acreditara. Os acadêmicos não eram um interesse dele.

Nenhum deles tinha sabido lidar com Alicia quando ela voltou do continente. Ele tinha sido posta aos cuidados da Condessa Ogledal para que debutasse, o que, em retrospectiva, tinha se provado uma péssima decisão, mas o pai de Tristan não viveu para ver aquilo. Tristan foi deixado para lidar com a desgraça dela e a chantagem que se seguiu. Alicia, sendo uma total idiota, tinha se rendido ao charme de Oliver Bancroft, e o homem que não tinha um pinga de honra, tinha usado o acontecimento para melhorar a própria posição através da irmã.

Ocorreu a Tristan que agora ele estava devolvendo o favor, as decisões imbecis do irmão tinham sido a queda dela. Aquele homem tinha causado tudo aquilo, para início de conversa. Havia certa justiça no acontecido. As más decisões estavam batendo à porta. Infelizmente, eram as pessoas em volta de Oliver Bancroft que tendiam a sofrer, então talvez não fosse exatamente justiça.

Dando um passo atrás, ele fechou a porta do quarto das crianças, o que o fez imaginar onde acomodaria Sophie. Smyth podia ser tentado a colocá-la em seu antigo quarto no segundo andar, o quarto destinado a uma esposa. Talvez fosse mais apropriado acomodá-la em um dos quartos de hóspedes do terceiro andar. Daquela forma, ela estaria perto do filho, e não haveria confusão resultante por colocá-la no quarto que era destinado a uma esposa.

No calor do momento durante a última discussão deles, ele tinha se referido a ela como sua esposa. Aquilo soou estranho e desencaixado aos seus próprios ouvidos, mas ele tinha dito. Talvez tivesse que deixar muito claro para ela que ela era uma convidada, embora não achasse que houvesse um grande risco de ela ficar confusa com o assunto. Ter sido chamada de esposa dele a deixara chocada e consternada, ao ponto de ela negar imediatamente.

Obviamente, ao morar na casa dele sendo uma mulher solteira; uma viúva, tecnicamente; ela perderia seu lugar na sociedade. Seria uma *persona non-grata*. A reputação dela seria destruída. Aquela era uma decisão que ela teria que tomar. Tendo se casado com um músico frágil e fracassado, a reputação dela não era nada digna de nota, diga-se de passagem. A outra opção que ela tinha era deixar o menino aos cuidados dele, mas aquilo causaria um enorme desgosto a ela.

Capítulo 16

Conforme esperado, a carruagem chegou pouco depois do meio-dia. Tristan estava de pé perto da janela e observou enquanto Smyth ajudava o menino e a sua ex-mulher a desembarcar. De certa forma, ficou satisfeito por finalmente ter conseguido o que queria, mas também estava nervoso por ter pessoas na sua casa: por ter uma criança na sua casa.

Em algum momento, ele os mandaria para Sommerfield, mas não ainda. Lá do lado de fora, Sophie não parecia satisfeita, os lábios dela estavam franzidos enquanto ela pegava a mão do pequeno Alfred. Olhando mais uma vez para o menino, ele ficou abismado ao ver o quanto eles eram parecidos. Era quase como se olhar quando mais novo.

Os sons dos dois atravessando a porta se infiltraram no escritório e Tristan saiu. Lacaios carregavam os baús deles e Smyth os conduzia.

— Bem-vindos — disse Tristan e tanto mãe quanto filho se viraram para ele. Alfred olhava em volta, maravilhado, e ocorreu a Tristan que o menino nunca tinha visto uma casa como aquela. — Este é o seu novo lar; assim como Sommerfield Hall, que é muito maior.

Os olhos de Alfred se arregalaram novamente, enquanto a mãe comprimia ainda mais os lábios.

— Estamos aqui, como solicitado — disse ela, finalmente.

— Sim, o Sr. Smyth preparou os quartos de vocês. Tenho certeza que os acharão adequados. Uma palavra, se puder. Vai levar só um instante. Precisamos cuidar de alguns assuntos práticos.

— Certo — adicionou ela e se virou para Alfie agachando-se até ficar da altura dele. — O Sr. Smyth vai lhe mostrar o quarto. Você quer vê-lo? — O menino fez que sim. — Eu irei em um minuto. Só conversarei rapidamente com lorde Aberley.

Tristan sorriu enquanto o menino olhava para ele.

— Não vai demorar muito — reiterou ele.

Alfred foi conduzido pelas escadas e ambos o observaram. Pareceria estranho olhar enquanto o filho estava na casa, uma sensação que ainda não tinha conseguido conciliar. Tristan voltou para o escritório, onde se sentou atrás da mesa.

Sophie se juntou a ele, com má vontade, portando-se tão desconfortável quanto antes, sentou-se na beirada de uma cadeira como se estivesse se preparando para sair dali correndo.

Pegando um envelope que tinha chegado do advogado, ele empurrou os papéis pela mesa.

— O que é isso? — disse ela enquanto olhava para ele.

— Uma declaração jurada de que Alfred é meu filho.

Por um momento, foi distraído por um pensamento, agora havia um filho que continuaria o seu legado, seria beneficiário das muitas decisões que ele tomava agora. Isso o incitou a fazer mais, a conseguir mais. Havia um interesse renovado na longevidade desses investimentos que fazia.

— Isso é necessário? — perguntou ela.

— Totalmente. Com isso, ele será reconhecido como meu filho e herdeiro.

Pegando a pena na mesa, ele a entregou para ela. Por um segundo, parecia que ela não ia se mexer, mas, por fim, ela pegou a pena. O objeto pairou sobre a folha por um momento e Tristan prendeu o fôlego. Então ela assinou. Estava feito. Alfred era seu filho, seu herdeiro. Havia vitória e satisfação, e não apenas por ter conseguido o que queria. Ele tinha um filho, uma criança. Era uma sensação interessante. Naquele momento, ele sentiu... algo que achava ser afeto.

*

Levantando-se do assento, ele foi investigar a fonte da risada que tinha ouvido. Era algo fora do comum naquela casa, e ele se viu indo para o jardim dos fundos. Alfred tinha descoberto o jardim, o que era algo que ele com certeza não tivera em casa. Não era o jardim mais bem projetado. Tristan não tinha destreza, ou interesse,

para lidar com jardins. Nem o pai tivera, então o jardim foi deixado a cargo dos criados. Na verdade, eles provavelmente o desfrutavam mais que qualquer um.

Indo lá para fora, ele viu que o tempo estava firme, mas a chuva ameaçava cair. A escadaria que levava ao jardim terminava em um gramado rodeado por arbustos. Havia algumas rosas na lateral da casa, e ele não tinha ideia de quem as plantara, ou de quando isso aconteceu.

Sophie estava de pé e observou Alfred perambular pelo jardim. O vestido dela parecia gasto e simples naquele ambiente. O material tinha desbotado em alguns lugares, por causa do uso. A criada estava mais bem-vestida. Tecnicamente, ela não era nem um membro da criada nem da família, então não era função dele dizer a ela como se vestir, mas ela realmente não parecia pertencer a ali.

— Você pode fazer quaisquer alterações que quiser no jardim — disse ele, opondo-se totalmente ao seu pensamento anterior de que ela não pertencia nem à criada nem à família ao oferecer que ela cuidasse do jardim.

Tendo acabado de perceber que ele estava ali, ela se virou para ele.

— Obrigada. Não sou uma boa jardineira.

Bem, eles tinham aquilo em comum.

— Tenho certeza de que o menino vai gostar.

— Sim — concordou ela.

— Só para você saber, eu pedi conselhos a meu homem de negócios sobre um bom tutor para Alfred. Levará uma ou duas semanas. É difícil achar bons professores. Infelizmente, não tenho muita experiência com essas coisas. Nenhuma despesa será poupada.

— E quanto à escola dele?

— A escola dele? Não, isso não é necessário. Ele terá um tutor particular.

— Mas é a escola dele, onde os amigos dele estão.

— Obviamente, o futuro lorde Aberley não pode ser educado em uma escola mantida pela caridade.

— Não é uma escola de caridade.

— Nem tem um bom nível de ensino. Oxford não aceita crianças de... escolas medíocres de Holborn. É claro que você entende.

Sophie voltou a comprimir os lábios. A verdade era que assim que o tribunal legitimasse o menino como filho dele, ela não teria nenhum poder sobre ele. E como pai, ele tomaria as decisões importantes sobre a educação do menino.

— Assim que tudo estiver resolvido, você e o menino irão para Sommerfield Hall.

Ela olhou para ele descaradamente. Os olhos dela eram verdes. Não notara isso antes.

— Não conhecemos nada de Dorset.

— Você gostará de lá. Espaços amplos, belos jardins; presumo. E o mais importante, eu não estarei lá. Tenho certeza de que você gostará desse fato.

Sophie rangeu os dentes e voltou a olhar para o filho, os traços dela se suavizaram. Ela amava o menino, mas ele já sabia daquilo.

— Seu filho é o futuro lorde Aberley. Ele não precisará de nada.

— E eu era lady Aberley, isso não significou muito no final das contas. Descobri que não podemos nos apoiar em algumas coisas.

Estava claro que ela não confiava nele, e, da perspectiva dela, a sorte era fugaz e pouco digna de confiança, ou talvez era nele em quem ela não confiava. Nos dois, provavelmente.

Por que era sempre tão difícil lidar com ela? Desde o momento que a conheceu, sempre tinha sido estranho e penoso.

O desconforto fincou as suas garras. Ele não sabia o que dizer a ela, ou ao menino. Uma criança era um ser desconhecido para ele. De repente, sentiu-se inadequado. Não poderia lidar com a mãe, e não podia lidar com a criança também. Que papel ele tinha que não o de provedor? O pai não tinha escolhido outro papel, mas instintivamente ele soube que aquilo era inadequado e agora temia que seguisse pelo mesmo caminho.

O menino estava agachado, olhando para um inseto. A alegria estava estampada no rostinho dele.

Talvez os temores de Sophie pelo menino fossem justificados. Talvez ele realmente não tivesse o que era necessário para ser um bom pai. Mas desde o momento que percebeu que Alfred era seu filho, não houve outro curso de ação aceitável. Ele não era do tipo

que deixaria o filho exposto aos caprichos do mundo, nas duras ruas de Londres; mesmo que a mãe dele se recusasse a enxergar os perigos óbvios. Aquilo provava que ele era um bom pai, não? Ele lutou pelo menino, queria mesmo o melhor para ele. Com o tempo, Sophie se conformaria. Ou não. Por que a irracionalidade dela não era uma surpresa?

Talvez aquilo não fosse justo. Ela via perigo da influência que os outros teriam no menino. Ele entendia alguns pontos, mas ela nunca seria capaz de proteger a criança da dura realidade de viver tão perto da pobreza em Holborn. A loja e o sustento dela tinham escapado. De qualquer forma, era só uma questão de tempo. Foi só por sorte que ele não tivera que resgatar o menino de uma das casas de indigentes.

Capítulo 17

Na primeira noite, Sophie chorou de um jeito que nunca tinha se permitido chorar. Nos dois anos que antecederam a morte de Doug, ela tinha lamentado a tragédia que estava por vir, sabendo que ela viria aos poucos e seria implacável, mas não tinha se permitido prantear. Doug precisava que ela fosse forte, e então naquele dia horrível quando Doug morreu, Alfie precisava que ela fosse forte. Nunca tivera privacidade para chorar, para abrir mão daquela angústia que sentia por tanto tempo.

Pela manhã, sentiu-se drenada de tudo. Todo o temor e mágoa haviam sido lavados pelas lágrimas, e ela sentiu que não havia mais nada.

Alfie era muito mais resiliente, estava tão animado para explorar essa casa enorme e interessante. Cada canto e recanto tinha algo que interessava a ele.

De alguma forma, ele entendia que havia algum laço entre ele e lorde Aberley, mas Sophie não sabia se ele entendia exatamente o que aquilo significava. Esta casa seria dele algum dia. Tinha sido um lugar onde ela tinha sido extremamente miserável, mas será que aquele seria um lugar de felicidade para ele? Gostava de pensar que sim.

Doug voltou à sua mente. Precisava deixá-lo ir, ela precisava aprender a voltar a viver. A morte esteve caminhando ao lado dela, paralisou-a por muito tempo. A morte dele tinha sido um ato de misericórdia no final, um alívio de todo aquele sofrimento. Era o que parecia ter sido e era quase estranho que eles não estivessem se afundado sob aquele peso. Talvez fosse bom eles terem finalmente terminado aquele capítulo. Doug não existia mais, a loja não existia mais, nem o lugar onde eles moravam. Doug devia estar feliz. Ele tinha pedido, com fervor, que ela seguisse em frente e se lembrasse dele com carinho. Ele tinha falado daquilo tantas vezes que a tinha aborrecido e afligido, mesmo ela sabendo que era algo que ele precisava fazer.

A morte era um processo difícil e custoso. O pai que ela tinha perdido rapidamente: um momento ele estava lá, e no próximo, não. Todo tempo ela não conseguia se obrigar a pensar no que tinha acontecido e para onde ele tinha ido. Mas foi muito diferente com Doug.

Mas ela tinha sobrevivido a isso; os dois tinham. E agora ela precisava viver. Estava livre, só precisava saber como. Óbvio, era difícil imaginar uma vida já que agora era prisioneira de um homem que a odiava. Não importa o quanto lutara, de nada adiantou. Era meio que como a morte, não dava para lutar contra.

*

Sophie jamais pensou que estaria de volta na sala de jantar da casa de lorde Aberley, mas aqui estava ela sentada pacientemente à mesa, mais uma vez se vendo na posição em que esperava a chegada de lorde Aberley.

As paredes cobertas por seda e os candelabros com velas não tinham mudado. Na verdade, nada na casa tinha mudado desde que ela tinha ido embora. Talvez se sentisse melhor quanto a estar ali se algo tivesse sido alterado desde aquela época, mas nada parecia diferente, exceto o fato de ela não estar no mesmo quarto que antes, o que tinha uma porta entre o quarto dela e o dele.

Como era jovem da última vez que estivera ali, embora tivesse percebido naquela época que sua senhoria não tinha muito respeito por ela, nem estava animado por tê-la ali. Havia dias nos quais ele jantava com ela em casa, mas tinha ficado sozinha naquela sala mais vezes do que podia lembrar. A vida de casada não tinha se tornado nada parecida com o que ela esperara.

Naquela época, ela não tinha entendido o quão relutante ele estivera com aquele casamento. Em retrospectiva, ela talvez pudesse ter compaixão da situação em que ele estivera.

Sentada ali agora, Sophie imaginou se não seria melhor jantar com Alfie no quarto das crianças, mas o Sr. Smyth informou que sua senhoria esperava a sua companhia para o jantar às sete. O relógio

sobre a cornija da lareira mostrava que dois minutos já tinham se passado, e ele não estava ali.

Ouviu um leve som de passos se aproximando e soube que era o Sr. Smyth, e não lorde Aberley. Até mesmo agora, em algum lugar da sua mente, ela sabia a diferença entre os passos deles. O Sr. Smyth apareceu.

— Boa noite, Sra. Duthie.

— Sr. Smyth — disse ela, com um sorriso amarelo. — A sua senhoria pretende jantar esta noite? — Era verdade que tinha esperado que ele tivesse mudado de ideia, porque parecia que ele estava fazendo daquele jantar uma prioridade. Mas não sabia por que ele queria aquilo.

O segundo som de passos se aproximando era definitivamente de lorde Aberley. Ele não andava sem fazer barulho. Aquela era a casa dele e ele caminharia do jeito que achasse melhor. Quando ele apareceu à porta, Sophie sentiu um nó no estômago. Por que ele tinha insistido para que eles jantassem juntos? Era óbvio que ele não queria a companhia dela. Eles mal tinham sido civilizados no jardim naquela tarde. Ela até mesmo chegou ao ponto de dizer que não tinha inclinação para as boas maneiras e as falsidades que se passavam em cenários como este.

Ficou triste ao se lembrar dos jantares em família com Doug, onde eles só se sentavam juntos e conversavam sobre música e sentimentos. Parecia ter sido há tanto tempo, e se entristecia ao pensar que Alfie talvez não se lembrasse daquelas noites quando crescesse, porque Doug tinha ficado cada vez mais doente, e, por fim, tinha sido obrigado a comer na cama.

O Sr. Smyth teve a consideração de guiá-la até o meio da mesa, e não para a outra cabeceira, onde ela costumava se sentar. Era uma clara demonstração de que ela tinha sido rebaixada, não que se importasse. Não sentia falta de ser a senhora daquela casa, nem tinha aspirado por isso.

— Fiquei surpresa pelo seu desejo de que eu jantasse com o senhor. Eu ficaria muito feliz jantando lá em cima.

Lorde Aberley colocou o guardanapo no colo e finalmente olhou para ela com aqueles olhos azuis da cor do gelo. A pior parte do seu

rebaixamento era que agora ela sentava muito mais perto dele, o que não acontecia quando ficava na outra cabeceira.

— Senti que era importante estabelecer este precedente por causa de Alfred. Não é apropriado que a mãe dele jante no quarto das crianças. Adultos fazem a refeição na sala de jantar.

Sophie não sabia o que dizer, sentia-se como se estivesse sendo repreendida, como se ele estivesse lhe informando que ela não estava criando o filho do jeito certo. Todas essas regras sem sentido onde todo mundo era colocado no lugar e mantido lá era algo contra o que lutava.

— Quanta consideração da sua parte — disse ela entredentes, escondendo o sarcasmo. Este homem estava criando Alfie para ser um cavalheiro e talvez ela devesse só se conformar com isso, porque lorde Aberley não iria ceder.

A sopa foi servida, um delicado caldo de carne com vegetais. Este tipo de comida era tão diferente da refeição simples que eles normalmente faziam. O cozinheiro de lorde Aberley sempre tinha sido excelente, e ele nunca poupava nos ingredientes.

O silêncio era estranho. Não tinham nada sobre o que falar. Era quase doloroso sentar lá, tentando sorver a sopa sem fazer um único som. Mas também era embaraçoso que ela conseguisse não dizer uma única palavra, qualquer que fosse. O que havia para falar? Eles não tinham nada em comum, talvez exceto o irmão dela, quem tinha sido liberado da prisão. Agora, aquele seria um ótimo assunto.

— As rosas no seu jardim devem florescer em breve — finalmente conseguiu dizer.

— Irão? Não estou a par do ciclo de vida das rosas. Na verdade, não tenho ideia de como elas foram parar lá.

— Eu as plantei.

— Oh, certo. Bem, pode ficar à vontade para fazer o que quiser com elas.

Com um sorriso tenso, ela imaginou como deveria interpretar aquela declaração. Deveria agradecer por ele ter lhe dado a liberdade para cuidar de rosas que ele sequer notou estarem lá?

— Você pode, é claro, ficar à vontade para plantar o que desejar em Sommerfield. O jardim é daquela forma desde quando consigo

me lembrar.

— Na verdade, não sou muito inclinada às plantas. Eu as plantei porque pensei que era o que eu deveria fazer. Desde então, desisti de qualquer pretensão à jardinagem.

— Então o jardim permanecerá do mesmo jeito que sempre foi. Os jardineiros têm habilidade o bastante para mantê-lo. Há um lago que será muito bom para Alfie nadar no verão, caso ele queira. Ele sabe nadar?

— Tivemos pouca oportunidade para isso. Pegamos o trem para Brighton uma vez, mas estava frio demais para nadar. O ar marinho era... benéfico. — Por que ela estava falando daquilo? Não era melhor eles ficarem em silêncio?

— Ele terá que aprender a nadar, é claro — disse lorde Aberley, indiferente.

A carne assada foi servida. O cheiro estava maravilhoso e ela foi acompanhada por um molho escuro e encorpado. Mais uma vez, eles comeram em silêncio, só os passos suaves do Sr. Smyth podiam ser ouvidos.

Lorde Aberley pigarreou quando terminou.

— Normalmente eu não como sobremesa, então não há nada no cardápio, mas no futuro a senhora pode ficar à vontade para informar ao cozinheiro caso queira comer algum doce.

— Não, assim está bom. Acho que não posso comer mais nada. Estava delicioso. Sr. Smyth, por favor, informe ao cozinheiro.

O homem sorriu.

— A senhora se juntará a nós no salão? — ele perguntou a ela.

— Sim — intrometeu-se lorde Aberley. — Acho que é o melhor. — Oh, que maravilhoso, esta farsa duraria ainda mais tempo. — Como eu disse, devemos agir com tanta normalidade quanto for possível. As pessoas aprendem as regras de etiqueta em casa.

— Não tinha percebido que o senhor era um ativista da causa. — Talvez não devesse ser uma surpresa. Quando estive lá antes, ele sempre se agarrava à mais básica das regras de etiqueta. Mas naquela época ele ficava quase que o tempo todo fora de casa.

Levantando-se do assento, ele esperou que ela o seguisse. Havia realmente uma razão para fazer aquilo? Alfie estava lá em cima.

Com um sorriso forçado, ela foi em direção ao salão. Era desconfortável lorde Aberley estar atrás dela, onde não podia vê-lo. Não que achasse que ele fosse atacá-la, mas ainda assim era desconfortável. Eles se sentaram em sofás opostos em frente à lareira. Sophie observou o fogo estalar por um tempo. No meio do inverno, seus quartos ficavam tão frios que eles podiam ver a respiração se condensando. Temia por Doug naquelas noites. Lorde Aberley mantinha essa casa quente do amanhecer ao anoitecer.

— Aceita um cálice de xerez? — o Sr. Smyth sugeriu.

Sophie sorriu e fez que sim. Um drinque e então pediria licença. Respirando fundo, ela mediu o homem sentando em frente a ela.

— Eu senti muito quando fiquei sabendo da morte da sua irmã.
— Só ficou sabendo do acontecido durante o divórcio e ela nunca teve a chance de dar as suas condolências.

Lorde Aberley ergueu a sobrancelha.

— É mesmo? Foi esse o motivo da sua ruína. — E fácil assim eles escaparam dos limites da conversa educada. Ao que parecia, este exercício de etiqueta só se aplicava quando convinha a ele.

— Não foi a minha ruína. É surpreendente, mas acho que ambos podemos concordar que o resultado foi muito bom para nós dois.

— Eu perdi seis anos da vida do meu filho.

Sophie conseguiu não estremecer quando tentou pensar em como teria sido passar os últimos seis anos ali; e nunca ter conhecido Doug.

— Bem, eu tentei informar a você. Eu até cheguei a vir a esta casa, mas fui dispensada.

— A senhora estava banida. Mas não se empenhou muito. — Também não era assunto para uma conversa educada.

— Não, suponho que não — admitiu. Ela tinha feito uma tentativa, e quando viu que não lhe permitiriam a entrada, não tentou mais. E quando Doug concordou em se casar com ela, ela meio que concluiu que ele seria o pai e eles formariam uma encantadora família pequena. Ele ter concordado com os arranjos fez com que fosse possível. O tempo que passou naquela casa não era algo que queria recordar.

— A senhora não acha que me devia isso?

— Dada a forma como fui tratada, não pensei que o senhor fosse se importar.

Ele a observou, inexpressivo. Talvez tenha sido um erro não informar a ele. Era uma culpa com a qual teria que conviver.

— Eu encontrei felicidade e formamos uma pequena família. Esperei que o senhor fosse voltar a se casar. Por um tempo eu até entendi que o senhor estava disposto a fazer exatamente isso.

— Não deu certo. Aparentemente, ela encontrou um título melhor.

— Oh. — Sophie não sabia. Aquilo parecia meio mercenário. — E além do mais, o divórcio deixou muito claro qual era a opinião que tinha sobre mim. Eu não iria impor meu filho ao senhor.

— Eu não tenho o hábito de culpar uma criança pelos pecados de seus pais.

— Fico feliz por saber disso, porque o senhor certamente me culpou pelos pecados do meu irmão, e me puniu; várias vezes, na verdade.

— Eu a aceitei sob coação, e então a senhora teve a audácia de manter o meu filho afastado de mim. A senhora não podia estar esperando que eu simplesmente desistisse, podia?

— Francamente, eu tinha essa esperança.

Ele a encarou, mas ela não conseguiu saber o que ele estava pensando. Nunca foi muito boa em ler as expressões dele. Havia uma frieza praticada que ele usava para esconder o que sentia. De início, ela tinha acreditado que não havia sentimentos, mas nas últimas semanas, ela tinha visto aquele exterior frio rachar uma vez ou duas. A raiva e o desdém tinham levado a melhor sobre ele.

— Parece que nenhum de nós está preparado para desistir.

— Não — concordou ela, encarando-o da mesma forma que ele fez com ela.

Capítulo 18

Uma semana se passou e as coisas permaneceram iguais. Às vezes, ele observava, de seu escritório, Sophie levar Alfred para passear pelo Hyde Park. Um alfaiate foi chamado para cuidar do guarda-roupa do menino, e agora ele estava vestido de forma apropriada. Sophie, no entanto, não fez absolutamente nada para se livrar dos vestidos gastos. Talvez ele devesse mandar chamar uma costureira para ela, assim como chamou o alfaiate para Alfred. Ao mesmo tempo que o guarda-roupa dela o afligia, o tranquilizava, porque por um lado, ela não era sua esposa e não precisava vesti-la de acordo com a última moda, mas por outro, ela era mãe do seu filho e se vestia pior que uma criada. Era um dilema que não sabia como resolver. Talvez devesse mandar que os vestidos dela fossem acidentalmente destruídos enquanto eram lavados.

Ele bateu os dedos sobre a mesa, incerto. O problema da posição dela dificultava as coisas, mas talvez não precisasse se preocupar com aquilo por muito tempo. Recebeu muitas respostas para o anúncio pedindo por um professor. Um parecia particularmente bom. O filho de um clérigo, educado em Oxford, e que tinha trabalhado um tempo com o duque de Cumberland. Este homem era do exato calibre que ele procurava.

Tristan enviou uma resposta convidando-o a vir e discutir os requisitos da vaga. Assim que estivesse frente a frente com ele, Tristan decidiria se o homem era ou não adequado.

Uma batida alta fez a tinta borrar o papel e Tristan ergueu os olhos com raiva. Quem se atrevia a interrompê-lo com tanta grosseria? Sophie estava parada na porta do escritório, as duas folhas da porta estavam abertas. Ela franzia os lábios, já estava bem acostumado a vê-la assim, e os olhos dela estavam semicerrados. Sua convidada não parece feliz.

— Aparentemente — disse ela, ríspida, entrando no escritório e colocando as mãos na mesa dele a apenas trinta centímetros de distância, — o senhor impediu que cada um dos meus conhecidos viesse a esta casa.

Quem estava tentando visitar esta casa? Tecnicamente, Tristan não estava em posição de controlar quem ela via, mas ele podia proibir a entrada de pessoas na casa dele. Obviamente, alguém tinha tentado. Quem? Aquele salafrário do irmão dela?

— Ah sim, eu me preocupo com as pessoas que vêm a esta casa e com a influência que podem exercer. — Tristan disse.

— Influência? O que você está tentando dizer? Quem exatamente o senhor acha que eu traria para cá?

— Seu irmão, para começar. Talvez ele se preocupe que a senhora não esteja sempre disponível para limpar as bagunças dele, o que parece estar inclinada a fazer, não importa o quão atroz seja o comportamento dele.

— E como isso difere do senhor limpando a bagunça da sua irmã? — Aquilo o deixou perplexo por um momento. — Quais consequências está enfrentando por causa do seu mau comportamento?

Tristan bufou.

— Estou tendo o prazer da sua companhia. Isso é punição o bastante para qualquer homem.

— Então eu sou uma prisioneira aqui?

— É claro que não, mas eu não quero o seu irmão perto do meu filho. Nem os seus amigos músicos, ou qualquer outro conhecido que a senhora tenha. — Era com o irmão dela que ele estava preocupado, mas não tinha ideia de a que tipo de gente ela estava associada.

Ela saiu da sala pisando duro, ainda parecendo que queria matar alguém. Ela realmente era muito indulgente com o mau comportamento do irmão, correndo para salvá-lo do que quer que fosse o esquema desmiolado que ele tinha feito. Era aquela exata fraqueza que a tinha colocado ali naquela casa. Uma característica da qual o irmão dela se aproveitava mais que qualquer outra pessoa.

Como antes, jantar em casa tinha sido uma experiência desconfortável. Geralmente, era desagradável lidar com Sophie, e Tristan se viu mais uma vez querendo ir atrás de alguma diversão, enquanto dizia a si mesmo que ela não iria logo atrás dele. Não

havia mais aquele ressentimento amargo de antes, só o conhecimento de que eles não se davam bem.

E Alfred também era um total mistério. Ele ainda não era independente da mãe, buscava a aprovação dela e interagiu com ela o tempo todo. Francamente, ele não podia lembrar como era ter seis anos, muito menos o que fazia naquela idade.

Tanto quanto tentasse interagir com o menino, ele acabava se esgueirando como uma sombra até que pudesse ver mais ou menos a cautela estampada no rosto do garoto. Quem teria pensado que era tão difícil interagir com o próprio filho? O que quer que seja que as pessoas de quem as crianças gostavam tinham, ele com certeza não possuía aquilo.

Seu clube sempre tinha sido um lar quando não se sentia confortável em casa. Nunca houve desconfortos. A comida era ótima e a companhia, divertida. Havia algumas intrigas entre os frequentadores, mas no todo eram pessoas pacíficas que estavam lá pela mesma razão.

É claro, havia opções muito mais decadentes, mas ele não estava no humor, sentia como se precisasse de uma perspectiva mais calma e racional. Havia também o problema potencial de se encontrar com o irmão de Sophie, que provavelmente estaria irado por causa da forma com que o trataram. O homem tinha a tendência de frequentar os clubes mais repugnantes. É certo que Tristan não temia aquele confronto, mas o homem podia esfriar a cabeça mais alguns dias.

*

O tutor tinha vindo e Tristan decidira que ele era suficientemente capaz para a função. Ele começaria na próxima semana, então já era hora de enviar Sophie e Alfred para Sommerfield. Tristan iria acompanhá-los para fazer as apresentações necessárias. A criadagem de Sommerfield precisaria de instruções.

O relógio da parede tinha soado as nove horas e muitos dos membros do clube estavam indo embora, ou para casa ou para

qualquer outro lugar. Talvez devesse fazer o mesmo ou começaria a beber, e se bebesse um pouco mais, ele mesmo iria procurar Oliver Bancroft. Não, era melhor ir para casa.

Chamou a atenção de um dos mordomos e pediu para trazerem a sua carruagem. Em minutos, a carruagem preta com o seu brasão parou em frente à entrada principal, esperando pacientemente por ele. As ruas ainda estavam animadas, alguns vendedores ambulantes anunciavam as suas mercadorias. Toda sorte de perigo se escondia nos recessos sombrios das ruas de Londres. Estava feliz por Alfred estar seguro na cama, em sua casa, onde ele estava protegido. Sophie também, supunha.

Nunca desejou nenhum mal a ela, embora ela parecesse estar bem disposta a expor a si, e ao filho, a riscos para sequer contemplar cruzar o oceano de navio, indo para um mundo desconhecido e para um futuro desconhecido. Aquilo era irresponsabilidade. Ela tinha que entender aquilo de alguma forma.

A carruagem chegou à casa sem incidentes e, não demorou muito, Tristan estava subindo os degraus que levavam às portas polidas. Como sempre, ele bateu e Smyth o deixou entrar. Entretanto, o mordomo não estava sozinho, Sophie estava de pé na base das escadas com os braços cruzados e os lábios comprimidos. Era óbvio que ela estava aborrecida, novamente. Aquele parecia ser o seu estado perpétuo, e ela não era o tipo de pessoa que escondia seu desprazer, e naquele momento ele estava estampado no rosto dela.

Os ombros de Tristan ficaram tensos. Não era de se admirar que ele não se sentisse confortável na própria casa quando era recebido com tal desgosto quando voltava? O que será que a tinha aborrecido agora? Ela também não era o tipo de mulher que ficava calada quando algo a ofendia. Não era exatamente o tipo de flor delicada e recatada que alguém esperava ter como esposa, ou como outra coisa.

Com um sorriso tenso e falso, ele fez uma mesura para ela.

— Sra. Duthie.

—Contratou um tutor sem sequer me consultar? — perguntou ela com autoridade. — Por que faria algo assim?

— Porque o homem era extremamente qualificado. A senhora está bisbilhotando a minha correspondência?

— Não, não precisei olhar a sua correspondência. Ouvi algo de passagem.

Tristan olhou para Smyth, que parecia horrorizado pela acusação ter sido dirigida a ele.

— Eu deveria ter voz ativa no que diz respeito à educação do meu filho — prosseguiu ela.

— Se fosse do seu jeito, ele seria aluno de uma escola para pobres.

— Isso é uma completa mentira, e é injusto, e eu insisto que o senhor peça desculpas.

Será que ele poderia simplesmente estrangulá-la? Qualquer juiz da face da terra entenderia o impulso.

— Certo, peço desculpas por sugerir que a escola inapropriada onde a senhora o matriculou seja mais inapropriada do que realmente é.

— Você chama isso de desculpa?

— Eu não tenho o hábito de mentir.

Infelizmente, ela o seguiu enquanto ele entrava no escritório que ainda estava quente por causa do fogo que queimava na lareira.

— Ainda assim o senhor tomou essas decisões unilaterais das quais sou a última a saber.

Tristan se sentou na beirada da mesa e cruzou os braços, imaginando o que poderia dizer. Não era uma decisão para a qual ela daria qualquer contribuição material, mas dizer aquilo provavelmente a incitaria a agir com ainda mais indelicadeza. Ele tinha a prerrogativa de tomar decisões no que dizia respeito ao filho dele.

— Bons tutores são difíceis de conseguir e foi pura sorte este ser adequado. O que a senhora gostaria de ter adicionado à decisão?

Bufando, ela se virou bruscamente e saiu. Sim, eles estavam se dando bem. Talvez ele devesse tê-la consultado, mas aquilo significava falar com ela, e nenhum deles estava confortável com isso.

Capítulo 19

Estava frio no dia que eles foram para Dorset. Aquela seria uma longa viagem, mas a carruagem de lorde Aberley era confortável e tinha um bom amortecimento. Os baús foram postos na parte de trás e eles saíram pouco depois do café da manhã. Alfie estava animadíssimo.

Para sua surpresa, lorde Aberley se juntou a eles. Talvez ele quisesse se certificar de que eles não fossem fugir para algum lugar no meio do caminho, Sophie imaginou enquanto se sentava em frente ao lugar onde pensou que ele sentaria. Uma seda clara cobria o interior do veículo e os bancos tinham um tom similar em veludo. Era de longe a carruagem mais elegante que já tinha visto. Ela não se lembrava dela de antes, mas eles não foram para lugar nenhum durante o breve casamento.

Nunca estivera em Sommerfield Hall, e provavelmente aquele seria o seu lar por algum tempo. Ao menos até que Alfie estivesse mais velho, e talvez até mesmo depois. Alfie seria o futuro senhor da mansão.

Sorrindo, ela olhou para Alfie, que estava claramente animado sobre sair de Londres. Em sua curta vida, ele nunca teve a oportunidade de viajar para lugar nenhum, exceto pelas estranhas viagens de trem. Ainda era difícil imaginar o quanto a vida dele mudaria. Mais ainda à medida que ele fosse crescendo. A preocupação a fez franzir a testa. Temia que ele se tornasse um jovem afetado e que abraçasse todas aquelas regras e tradições sufocantes.

As molas rangeram enquanto lorde Aberley entrava na carruagem e fechava a porta. O veículo pareceu menor com ele lá dentro. A presença dele causava desconforto, especialmente por estarem sentados tão perto. Os joelhos quase se tocavam.

De início, observaram em silêncio enquanto Londres passava pela janela da carruagem. Eles iam para o oeste e levou pouco tempo para chegarem aos limites da cidade. A maior parte de

Londres ficava para o outro lado e os campos começaram a passar pela janela, logo depois o cenário ficou um pouco mais rural.

Com pouco além de paisagem para olhar pela janela, era difícil ignorar o homem sentado bem em frente a ela. Começou a chover, e gotas gordas batiam no vidro da janela. Até mesmo Alfie tinha voltado a atenção para o interior do veículo.

— Você gostará de Sommerfield Hall — disse lorde Aberley por fim. — Tem tanto espaço quanto possa querer. Teremos que arranjar um pônei para você montar.

Alfie arregalou os olhos.

— E um cachorro?

— Alfie! — repreendeu Sophie, mas lorde Aberley sorriu. Ficou assustada porque nunca o tinha visto sorrindo antes. Não sabia que ele era capaz de fazer aquilo.

— Sim, você pode ter um cão. Há até cães de caça lá. Um deles poderá acompanhá-lo quando for montar.

— Nunca andei de cavalo.

— Você vai aprender. Aprendi a montar mais ou menos na sua idade.

— Cavalos mordem.

— Só se você não souber como lê-los.

— Dá pra ler um cavalo?

— Oh sim. Cavalos lhe dizem tudo o que estão sentindo, se souber para onde olhar.

— O senhor vai me ensinar?

Aberley parou por um instante, mas Sophie não pôde discernir o que ele estava pensando. Infelizmente, ele não era tão fácil de ler quanto um cavalo, mas ela também não podia lê-los.

— Se você assim desejar — disse ele finalmente, e Alfie sorriu.

— O que mais tem lá? — Alfie perguntou. Estava claro que Alfie estava muito curioso sobre esse homem que era o pai dele. Era um relacionamento importante para ele e aquilo a preocupava, porque relacionamentos não significavam nada para Aberley; o que tivera com ela não tinha significado, e agora ainda não importava. Se ao menos pudesse se assegurar de que Alfie não seria a parte prejudicada na busca de lorde Aberley por um herdeiro. Às vezes era melhor não ter pai do que ter um pai ruim.

— Bem, há um arroio onde você pode pescar.

— Eu não sei pescar.

— Acho que também poderei ensiná-lo. Sua educação tem algumas lacunas gritantes. — Bem, aquilo soou como uma alfinetada. Sophie se recusava a morder a isca, então preferiu continuar olhando pela janela manchada pela chuva.

— Há pastos com vacas — prosseguiu Aberley. — Ovelhas também.

Sophie nunca tinha vivido fora da cidade. Até mesmo quando os pais estavam vivos, sempre moraram em Londres. Tivera uma criação confortável, mas não do tipo em que eles tinham uma propriedade em algum lugar para onde iam quando queriam paz e tranquilidade. Ela quase temia o silêncio.

— Você vai se casar com a minha mãe? — perguntou Alfie.

— Alfie! — ralhou Sophie novamente. Um sorriso se passou pelos lábios de Aberley, mas logo desapareceu. Ele não estava olhando para ela, apenas para Alfie.

— Não. Nós já fomos casados, mas não somos mais. Sua mãe se casou com o Sr. Duthie. — Não é que aquela justificativa se esquivou de todo o drama e fez soar como se tudo fosse culpa dela? Quem sabe como Alfie entenderia tudo aquilo. — Mas agora nós dois teremos que cuidar de você.

— Porque o pap... Doug morreu?

— Sim — disse Aberley.

— Minha mãe ficou muito triste — prosseguiu Alfie. Aquela afirmação soou muito pessoal para o gosto de Sophie, mas ela também não queria interferir na forma com a qual Alfie via o mundo. Era verdade e ela não queria negar aquilo e confundi-lo ainda mais.

— É triste quando alguém morre — respondeu Aberley.

Ao menos Aberley não estava desmerecendo Doug na frente de Alfie. E ela foi grata por aquilo. Alfie amara Doug como a um pai. Agora ele tinha outro pai, um que ele não conhecia. Tudo devia estar confuso para ele. Embora parecia que Alfie tinha presumido que eles se casariam. De onde ele tinha tirado aquilo? Nunca tinha discutido com ele a possibilidade de voltar a se casar.

A mudança de assunto fez Alfie ficar mais retraído e o coração de Sophie se apertou pelo quanto ele deveria estar confuso. Ele era

tão novinho. Tomara que ele não esquecesse Doug completamente.

Alfie começou a brincar com um pequeno elefante com rodas que estava na bolsa dele. Era feito de madeira e as rodas rangiam um pouco enquanto ele as rolava por suas coxas.

— Era meu — disse Aberley. — Há muito tempo.

Alfie voltou a sorrir, observando o homem que era tão parecido com ele. O relacionamento deles estava ganhando vida, um em que ela não tinha relevância. Seriam pai e filho, independentemente dela, e eles teriam um relacionamento sobre o qual ela não teria controle.

Por um momento, ela observou o homem que uma vez tinha sido seu marido. Não de verdade. Sempre tinha parecido falso: uma ilusão. Aprender aquilo tinha sido uma lição dolorosa. O fato de ele nunca tê-la querido provavelmente fosse mais doloroso do que ele expulsando-a da sua vida. Uma lição lenta e dolorosa que aconteceu no silêncio e na completa ausência de qualquer coisa acontecendo: simplesmente a realização de que aquele belo homem com quem se casou tinha feito isso apenas no papel, e realmente desejava nunca tê-la conhecido.

Ele observou enquanto Alfie brincava com o elefante. O que será que ele pensava por trás daqueles olhos penetrantes? Estavam suaves agora, mais suaves do que já tinha visto. Ele só assistia. Ele seria capaz de amar o menino ou teria o mesmo preconceito que tinha por ela? Ele tinha lutado por aquele menino com todas as forças. Tomara que aquilo tivesse mais significado do que o aborrecimento por ter sido contrariado.

Ela realmente queria que os dois tivessem um relacionamento amoroso. Como poderia não desejar aquilo para o próprio filho? Mas não tinha controle sobre como Aberley agia ou deixava de agir. Era verdade que ele não iria apenas escondê-los no campo. Ele até mesmo prometeu ensinar Alfie a montar e a pescar. E depois? Eles não se veriam por anos? Aquilo deixaria Alfie magoado?

Prosseguiram em silêncio por um tempo. A chuva os fazia ir mais devagar, mas não havia nada que pudessem fazer quanto a isso. Alfie se remexeu e brincou com o elefante no banco, perdido no próprio mundo, enquanto Sophie temia o que estava por vir.

A chuva parou e eles puderam voltar a olhar pela janela. Milhas e milhas de campos e pastagens.

— Com quanta frequência o senhor vai a Sommerfield Hall? — perguntou ela por fim, enquanto se forçava a olhar para o ex-marido. A pergunta era para ser: com quanta frequência você pretende voltar?

— Principalmente nos verões. Às vezes na Páscoa.

Sophie fez que sim.

— Por que pergunta?

— Apenas por curiosidade — disse ela com um sorriso tenso. A última coisa que queria era que tivessem uma das suas discussões na frente de Alfie. Ele com certeza não sabia que os dois brigavam todas as vezes em que se falavam, ou se sentavam em um silêncio desconfortável como agora na intimidade forçada pelo pequeno espaço do interior daquela carruagem. — O senhor precisará de alguma coisa de mim já que raramente estará presente?

— Precisar de que forma? A senhora é uma convidada na casa. Não precisa fazer nada. Pode fazer o que quiser.

— Obrigada. É muito generosidade sua. — Parecia que ela tinha se engasgado com as palavras, mas talvez ele estivesse certo em determinar que a conversa cortês fosse a melhor forma para lidar com a situação em que se encontravam. Nenhum deles se comportava particularmente bem quando deixavam a cortesia de lado.

— Como eu disse, uma pensão está disponível para a senhora.

— Não é necessário.

— A propriedade tem conta em todas as lojas da cidade mais próxima, estará disponível para qualquer coisa que precisar. Tecidos, por exemplo. Você precisará de um guarda-roupa mais robusto para enfrentar o inverno no campo.

Sophie sabia muito bem o que Aberley pensava de suas roupas.

— E como deverei me apresentar?

— Bem, isso é mais complicado. Tenho certeza de que muitos na região estão cientes sobre o meu casamento e o meu divórcio. A senhora é, claro, a mãe do meu herdeiro. É uma situação complexa. Como acha que deveria ser apresentada?

— Se não mencionarmos qual é o nosso relacionamento, pensarão que Alfie é seu sobrinho ou um primo.

— Suponho que esteja certa. Irei reconhecê-lo como meu filho.

— Então terei que me apresentar como sua ex-mulher.

— Isso é extremamente incomum.

Mas seria ela quem seria julgada. Aquilo não incomodava Sophie. O divórcio não era algo que simplesmente desaparecia.

— Talvez eu diga a eles que fugi com o meu amante — disse ela baixinho, assegurando-se de que Alfie estivesse distraído. Dizer aquilo às pessoas seria embaraçoso para Aberley. Não contribuiria muito para a imagem dela também. Mas ela não conseguiu se conter. Até mesmo quando jurava que iria se comportar de acordo com a etiqueta cortês, não podia se abster de alfinetá-lo.

Ele estreitou os olhos.

— Sempre podemos contar a verdade. Há certa virtude em dizê-la.

— A verdade seria dolorosa para todos — disse ela por fim. E por todos ela queria dizer para Alfie.

— Concorde. — Aquela devia ser a primeira vez que eles concordavam um com o outro, e ela estava segura de que eles estavam de acordo no que dizia respeito ao bem-estar de Alfie.

Capítulo 20

A viagem para Sommerfield foi árdua. Viajaram durante a noite, mas era uma viagem apertada com os três na carruagem. Parecia uma bênção para Tristan ter um tempo só para si. Alfie tentava se distrair, mas, às vezes, a monotonia levava a melhor. Sophie até mesmo tinha tentado entretê-lo. Ela contou histórias e brincou com ele, mostrando uma reserva infinita de paciência.

Chegaram em Sommerfield no final da tarde. Wellswar, o mais antigo empregado do pai, os encontrou assim que chegaram. Com os joelhos doloridos, Tristan desceu da carruagem logo depois de Sophie e Alfie.

Alfie olhava maravilhado para a casa.

— Este é o seu novo lar.

— Eu ficarei perdido.

Tristan sorriu com aquela declaração.

— Há lugares onde se esconder. — Tinha sido uma das suas atividades favoritas enquanto crescia, esconder-se de quem quer que o quisesse encontrar. Ele olhou para Sophie. — Penso que os dois serão muito felizes aqui. Há uma aldeia logo depois do bosque com algumas lojas, caso a senhora precise de alguma coisa. Como eu disse, temos conta nelas.

Se ela fosse tirar vantagem da oportunidade, ele não se atreveria a fazer suposições. Só podia ter esperança depois da longa viagem que fizeram tendo nada mais para fazer além de observar a ela e a aquele vestido que obviamente não contava com um espartilho. O corpo dela não precisava de um, mas o fino tecido do vestido não oferecia muito sustento para as irregularidades da estrada. Não tinha sido capaz de não notar aquilo também.

— O Sr. Herman está na residência? — Tristan perguntou para Wellswar.

— Ele chegou há uns dois dias — respondeu o homem.

— O tutor — disse Tristan. — Suponho que se a senhora o conhecer e tiver alguma objeção, teremos que discutir as alternativas.

Sophie fez que sim e não disse nada.

— Há alguém para cuidar do conforto do mestre Alfred? — perguntou ele a Wellswar.

— Mary pode fazer isso.

— Excelente. Iremos procurar nossos quartos para descansarmos antes do jantar, eu acho.

— Por aqui, milady — disse Wellswar para Sophie.

Teria que discutir, discretamente, com Wellswar a forma como deveria lidar com ela, mas aquilo podia esperar. Estava cansado demais para lidar com qualquer coisa que não fosse um cálice de bebida.

Tristan foi direto para o quarto, tirou o casaco de viagem e trocou a camisa. O quarto tinha sido arejado e o fogo, aceso. Fazia alguns dias que mandara mensagem para Wellswar dizendo que eles estavam indo. Já havia algum tempo que tinha ido lá, não se lembrava bem de qual tinha sido o motivo de não ir. Talvez o lugar ainda fosse uma prisão, assim como tinha sido quando era criança.

Era provável que Sophie fosse fazer daquela experiência algo diferente para Alfie. Pelo que tinha visto, ela era uma mãe atenciosa e amorosa. Afiava a cabeça do menino quando ele colocava a cabeça no colo dela para dormir. Não era como se ele estivesse com inveja, mas nunca tinha conhecido a intimidade maternal. Talvez o próprio pai devesse ter tentando mais para prover alguma influência materna na vida de Tristan. Provavelmente o homem nunca tinha pensado que fosse necessário. E a menos que Sophie tivesse forçado, ele também não teria visto aquilo como uma necessidade. Mas ao vê-los juntos, entendeu melhor o relacionamento deles.

Wellswar apareceu à porta, sem fazer barulho, para ver se ele precisava de alguma coisa.

— Acho — começou Tristan, — que convidaremos o Sr. Herman para jantar conosco esta noite. — Por um lado, ele queria a aprovação de Sophie, porque ela sempre desaprovava tudo o que ele fazia. Por outro, ele queria provar a ela que ele poderia tomar decisões excelentes no que dizia respeito a Alfie.

Tomou um banho rápido e se sentiu melhor, sentia-se como se fosse precisar daquela bebida o quanto antes. Vestindo-se, ele

desceu as escadas e foi até a sala de estar, onde Wellswar serviu uma boa porção de *whisky* para ele bebericar enquanto esperava pelos comensais.

O Sr. Herman não demorou a aparecer, ele usava preto, como era esperado de um homem de sua posição, e eles trocaram um aperto de mão. Ele era jovem, quase trinta anos talvez, com um rosto bondoso e simpático. Talvez não fosse o mais belo dos homens, era alto e esguio, mas havia vigor nele. O homem pareceu satisfeito com o convite e eles conversaram amigavelmente sobre Oxford até que Sophie chegou.

Um vestido diferente agradava o corpo dela, mas ainda assim era simples demais. O cabelo tinha sido penteado e arrumado. As bochechas estavam rosadas, mas parecia que a viagem tirara um pouco da força dela.

— Sra. Duthie, permita-me apresentá-la ao Sr. Herman, o tutor de Alfie.

— Estou muito feliz por conhecê-lo. — Sophie ofereceu a mão para ele e o homem se curvou para beijar os dedos dela.

— Espero que a viagem não tenha sido muito cansativa.

— Não mais que o esperado. Viagens cansam o corpo.

Wellswar apareceu.

— O jantar já está servido.

— Sinto muito pela morte do seu marido — disse Herman para Sophie, e por um momento, Tristan imaginou se o Sr. Herman não estava tentando causar uma boa impressão à mãe do seu pupilo. Talvez isso fizesse a vida dele mais fácil.

— Obrigada. Tem sido uma época difícil para nós. Alfie está aguentando bem. As crianças são tão resilientes, mas imagino se ele compreende a mudança pela qual a vida dele está passando.

E assim ela fez a mudança para uma vida suntuosa e protegida soar como se fosse um árduo sacrifício. Tristan rangeu os dentes enquanto se sentava à cabeceira da mesa. Ainda parecia errado sentar-se no que parecia ser o assento do pai. Estar em Sommerfield trazia algumas recordações, o que talvez fosse a razão para ele se sentir desconfortável lá.

— Onde você morava antes, Sr. Herman? — disse Sophie, sorrindo. Ficou surpreso ao ver o quanto ela era curiosa e

conversadora. Eles não eram quando estavam juntos, mas esta estranha que conversava amigavelmente era curiosa e interessada.

— Eu vim de Dartmoor, não é muito longe.

— Que pitoresco. Eu sempre quis ir lá.

— Você é uma romântica — disse Herman com um sorriso, e Tristan sentiu que tinha perdido o total controle da conversa. Sobre o que eles estavam falando? — É um lugar inspirador, não há dúvida. Foi o que sempre pensei.

— Um poeta, talvez? — sugeriu ela. Sophie estava flertando?

— Algo assim, suponho. Minha verdadeira paixão é a história. — Tristan estava prestes a revirar os olhos. Bem, parecia que Sophie tinha aprovado o tutor que ele tinha escolhido. Aquilo era algo, ao menos. Ela não poderia reclamar agora.

O Sr. Herman olhou para o seu anfitrião e empregador.

— Fiquei sabendo que a sua família tem vivido nestas terras há muito tempo.

— Por volta de quatrocentos anos. Desde o reinado de Eduardo III.

— A era de ouro — disse Herman.

A sopa foi servida. Algo cremoso com peixe. Os sabores se misturaram na sua língua. A comida era melhor em Sommerfield, mais fresca e saborosa. Tudo era pegado ou colhido na propriedade. Em Londres, ele não fazia ideia de onde vinha a comida.

— Está delicioso — disse Sophie.

Bem, o encarceramento dela ali teve um lado positivo, pensou. Talvez aquelas crenças sobre a vida insignificante e precária que eles levavam em Holborn estivessem começando a se dissipar.

— A casa tem uma horta enorme, então todos os ingredientes são frescos.

Sophie sorriu rapidamente, então tomou outra colherada de sopa. Ela segurava a colher com delicadeza. As boas maneiras estavam lá; ela tinha sido treinada quando criança. Mesmo ela não tendo estado em uma sala de jantar nos últimos seis anos. Parecia que ela podia desenterrar as boas maneiras quando necessário.

— Também há uma sala de música, mas tenho certeza de que os instrumentos precisam ser afinados — disse Tristan.

— Posso afiná-los — ofereceu Sophie. Tristan não tinha esperado que ela fosse oferecer, mas ele não tinha razão para dizer não. Ainda assim, não era uma tarefa que ele normalmente pedia aos convidados.

— O marido da Sra. Duthie era músico. — Ele não conseguiu se obrigar a dizer que ele trabalhava em uma loja de equipamentos musicais. Ainda era difícil conciliar a vida dela com o marido e o novo papel que ela tinha como mãe do futuro senhor desta casa.

— A educação de Alfie incluiu um pouco de música. Você ensina música, Sr. Herman?

— Não, infelizmente. Nunca fui muito inclinado à atividade.

O sorriso de Sophie não falhou, mas Tristan sentiu como se fosse uma acusação, uma coisa que ele tinha feito errado.

— Estou certo de que poderemos achar alguém no distrito para dar continuidade à educação musical dele — disse Tristan, irônico.

O olhar de Sophie foi para ele e então voltou para o Sr. Herman.

— Alfie iria gostar muito.

Criança alguma jamais gostou de lições de música, mas Sophie estava tentando manter alguma semelhança com a vida antiga de Alfie. Novamente, Tristan tentou não se sentir ofendido. Do jeito que Sophie pintava, Doug Duthie era quase um santo, que, neste exato momento, estava cantando no coro celestial.

O prato principal foi carne de porco assada e Tristan tinha que admitir que derretia na boca. O prazer era óbvio no rosto de Sophie. Com certeza agora ela não poderia declamar sua preferência pela vida em Holborn. Aquilo estava divino. Tristan não tinha certeza se alguma vez tinha gostado tanto de um jantar. Talvez o cansaço da viagem estivesse fazendo com que ele se sentisse lânguido e saudoso.

Houve algumas mudanças profundas na sua vida das quais ele também poderia reclamar. Ele tinha um filho, e isso causava um impacto mais profundo do que tinha esperado. O menino parecia tanto com ele e estar na presença dele trazia de volta todas as esperanças e danos da sua infância.

E então havia Sophie, com quem ele só podia dizer que o relacionamento era hesitante. Era certo que ela não era a criatura quieta e reservada que tinha conhecido quando eles foram casados.

Ela era completamente diferente. Mais franca do que tinha esperado, mas, de tantas outras formas, ela não era nada do que antecipara. Os interesses dela não eram iguais aos do irmão. Não sabia se aquilo era porque ela nunca tinha estado no mesmo time que o irmão, ou seria simplesmente porque a maternidade a mudara. Podia-se apenas acreditar no que as pessoas diziam, mas, cada vez mais, as ações revelavam o caráter dela. Não havia sombra de dúvida de que ela era teimosa. Ela não se rendia a nada, a não ser que fosse estritamente necessário, apenas pelo filho, e também pelo irmão.

Aquilo era um problema. Tristan temia a influência que Oliver Bancroft poderia exercer sobre Alfie. O homem não tinha escrúpulos e poderia conduzir Alfie a todos os tipos de problemas caso ele não fosse resguardado. A posição de Sophie ainda precisava ser determinada, mas não havia dúvida de que ela correu ao resgate do irmão quando ele precisou.

Capítulo 21

O quarto de Sophie era grande e confortável. A cama era perfeita e ela dormiu de uma forma que não dormia há muito tempo. Ir até lá teve um efeito calmante sobre ela, talvez porque soubesse o que enfrentava agora. Era ali que eles viveriam, e era maravilhoso, de verdade.

Os jardins eram lindos e muito bem mantidos, as plantas já estavam plantadas há muito tempo e em plena floração. Havia muitos campos e um lago. Uma biblioteca bem abastecida e até tinha o próprio salão.

Nos últimos dias, aquele nervoso enjoativo que havia dentro dela estava começando a amainar. Ele estava lá há muito tempo, desde antes de Doug morrer.

O estresse com a aparição de lorde Aberley só lhe causou ainda mais aflição, mas ali, finalmente, sentiu como se pudesse deixar as armas de lado, pelo menos um pouco. O fato de Alfie estar feliz deixava as coisas muito mais fáceis. Ele amava tudo em Sommerfield Hall e explorou cada parte da propriedade. O Sr. Herman era um excelente tutor e Alfie ansiava pelas aulas.

Sophie não precisava brigar por nada. A tensão com lorde Aberley ainda existia, mas diminuía quando estava longe dele. De certa forma, era um pouco como se eles estivessem competindo pelo mesmo prêmio, o que era ridículo. Ele apenas era um homem desagradável, era parte de quem ele era.

Ela só o via todas as noites na hora do jantar. Ele precisava cuidar da propriedade, o que, ao que parecia, tinha sido bastante negligenciada por ele, o que significava que ele não estava lá grande parte do tempo.

Pela primeira vez em anos, Sophie tinha tempo livre. Quando Alfie estava nas aulas com o Sr. Herman, ela não era necessária para nada. Até mesmo as tarefas domésticas da casa não eram dela. Era uma convidada, não a senhora da casa. Isso significava que realmente não tinha nada para fazer.

Ela passava a maior parte do tempo na biblioteca ou afinando os instrumentos na sala de música, o que incluía um cravo em vez de um piano. Era bem possível que os pianos ainda não tivessem sido inventados quando esta sala foi usada pela última vez. Era tanto interessante quanto instrutivo tentar afinar um cravo.

Mesmo estando velhos, todos os instrumentos eram de excelente qualidade. Alguns teriam que ser descartados por causa dos danos da idade. As partituras estavam quebradiças e desbotadas.

Talvez devesse falar com lorde Aberley sobre um piano, mas ela se recusava a aceitar a ajuda dele, ou a pedir por ela.

Lorde Aberley não gostava das roupas dela e ela entendia que elas estavam terrivelmente desencaixadas ali, mas aceitar a ajuda dele novamente a faria se sentir em débito, mesmo se ela jamais fosse ganhar o dinheiro para adquirir o tipo de roupa que ele queria que ela vestisse.

Pegou o xale de lã e saiu da casa, indo para o jardim. O solo estava fofo por causa das últimas chuvas. À direita ficava a parte mais prática da propriedade com o celeiros, estábulos e equipamentos agrícolas. A propriedade era extensa. Ficou sabendo que o administrador da fazenda tinha um escritório ali. Na verdade, a aldeia também não ficava muito longe dessa parte da propriedade.

Era difícil pensar que tudo aquilo, um dia, seria de Alfie. Parecia estranho, e a ideia ainda a punha nervosa, mas ele poderia já ser um idoso quando isso acontecesse. Lorde Aberley era um homem forte e saudável que poderia viver por muitos anos.

Na verdade, ela o viu perto da área da fazenda falando com um homem que presumiu ser o administrador. Eles estavam observando algo em um saco, erguendo o material e o deixando cair. Sementes, talvez, ou cereais. Fazendas e essas coisas estavam muito além do seu conhecimento.

Lorde Aberley estava falando e eles verificaram outra saca. Ela nunca o tinha visto fazer alguma coisa antes, não de verdade. Este era um lado dele que nunca tinha visto, o administrador de propriedade que se importava com coisas como sementes e cultivo. Por muito tempo ele tinha sido essa enorme muralha de reprovação e negatividade.

De certo modo, não tinha nada que os incomodasse agora, exceto os detalhes sobre como Alfie deveria ser ensinado ou tratado. A vida deles seria confortável ali. Lorde Aberley voltaria para Londres para lidar com o que quer que ele fazia, e eles ficariam na propriedade. Alfie recebendo instrução e ela sendo uma hóspede eterna.

Ao menos o Sr. Herman era bastante cordial. Talvez eles até mesmo continuassem jantando juntos depois que lorde Aberley fosse embora.

*

Alfie estava desenhando em um pedaço de papel sentado no chão do salão de Sophie. Era uma casa enorme com figuras dele e dela, depois lorde Aberley e o Sr. Herman. Sophie não podia dizer quem era quem ao observar o desenho. Talvez essa fosse a forma como Alfie via o seu novo mundo. Sentiu uma pontada de tristeza por Doug não estar ali. Talvez Alfie fosse esquecê-lo completamente.

De certa forma, parecia certo libertar Doug, ele fazia parte de um capítulo da vida dela, um que ela tinha imenso carinho. Talvez ela estivesse tentando se agarrar a ele por mais tempo, e isso foi parte do motivo para ter lutado tanto para manter lorde Aberley longe deles. As outras razões ainda eram verdadeiras. Ela temia mesmo que Alfie ficasse igual a ele.

Havia certa contenção em lorde Aberley. Seria exagero dizer que ele ficava confortável perto de Alfie, ou qualquer coisa do tipo. Aquela parecia ser uma vida bem solitária, uma que tinha sido passada mantendo as pessoas a distância. Mas talvez ela tivesse entendido errado e ele tivesse uma turba de amigos que ela nunca tinha visto, e a mais agitada e recompensadora vida social. Mas, quando chegaram ali, não havia convites de moradores da área, e nenhum havia chegado. Pelo que entendeu, a vida dele era basicamente em Londres, então talvez não fosse de todo surpreendente.

Sophie ainda tinha que se apresentar ao vigário. Quando lorde Aberley partisse, ela o convidaria para o chá. O Sr. Herman, é claro, seria muito bem-vindo a se juntar a eles. Eles dois eram novos ali e aquela seria a casa deles por muitos anos.

A porta do salão se abriu de repente e lorde Aberley entrou. Era incomum que ele fosse procurar por ela, e Sophie imaginou o que o levara até ali.

— Aí está — disse ele, olhando para Alfie. — Tenho algo para você.

— Para mim? — disse Alfie, a alegria iluminava as feições dele.

— Venha.

Alfie se levantou e seguiu Aberley para fora da sala. Colocando o livro de lado, Sophie foi atrás deles. Aberley os conduziu pela escadaria principal e saíram pela porta da frente antes de seguirem para os pátios, onde estava um cavalo.

— Este é o Artex — disse Aberley e parou perto do cavaleiro que segurava as rédeas. — Ele é um pônei de Dartmoor, e é seu.

— Meu? — Alfie disse, encantado. Ele estava com um pouco de medo de se aproximar. Cavalos sempre foram algo do qual ele tinha que ficar longe, tinha sido ensinado desde cedo a ficar o mais longe possível dos cascos e das pernas.

— Você precisa tratá-lo bem e aprender a montá-lo. Pôneis precisam ser exercitados, ou eles ficam preguiçosos e coxos.

O pônei tinha a pelagem marrom e a crina e as patas eram negras. Ele era bem pequeno, mas ainda assim era mais alto que Alfie. Ele se aproximou lentamente e o pônei curioso cheirou a mão que ele tinha oferecido.

— Ele também tem seis anos — prosseguiu Aberley. — Assim como você. Nós temos uma sela. Você deseja montá-lo?

O entusiasmo de Alfie era óbvio, mas aquilo ultrapassava a experiência dele.

— Sinto informar que Alfie nunca montou antes — disse Sophie. Ela tinha trazido o xale, mas não esperara que eles fossem para fora. Não esperara que Aberley tivesse comprado um pônei. Dentre os cavalheiros, montar era um requisito, então talvez ela não devesse estar surpresa.

— Então você vai começar hoje. A sela está pronta? — Aberley perguntou para o cavaleiro, quem entregou as rédeas para poder ir pegá-la.

Sophie começou a ficar aflita. Ela também não tinha experiência com cavalos e temia que Alfie fosse cair. Mas imaginou que se fosse para aprender a montar, o pônei seria a melhor opção.

O rapaz voltou com uma sela pequena e foi selar o cavalo.

— Esses são os estribos — disse Aberley. Alfie não era capaz de alcançá-los, então Aberley o levantou e o colocou sobre a sela. — Acho que teremos que conseguir um banquinho para você.

Alfie sorriu orgulhoso enquanto se sentava na sela e tentava colocar os pés nos estribos. O pônei movia as pernas robustas enquanto o cavaleiro o conduzia ali em volta.

— Muito bem — gritou Aberley. — Segure-se com as pernas. Aperte os flancos do cavalo.

Alfie, na verdade, agarrou a sela. Sophie podia dizer que ele estava assustado, mas também animado. Aquilo era uma aventura para ele. E se aprendesse a montar, toda aquela propriedade seria um parquinho para ele. Mas ele era tão pequeno. Parece que foi ontem que ele era um bebezinho em seus braços.

— É um belo pônei — disse Sophie, notou que o animal não era arisco. Não sabia mais o que dizer. De certa forma, aquele parecia um presente extravagante demais, mas Aberley não era um estranho dando um presente ao menino, ele era o pai de Alfie e tinha todo o direito de dar um pônei para ele. Além do mais, aprender a montar tinha propósitos muito práticos, mesmo ela lutando para aceitar a generosidade dele.

— Sim — disse Aberley, virando-se para ela. — Você, obviamente, pode fazer uso de qualquer um dos cavalos, se for do seu desejo.

— Acho que vou manter meus pés no chão.

— Aqui pode ser bem isolado se alguém não soube montar. A senhora deveria reconsiderar. Talvez devesse aprender a montar junto com Alfie.

Havia mérito nas palavras dele. Provavelmente seria mais feliz se tivesse alguma mobilidade, mas poderia aprender a conduzir. Algo dentro dela lutava para que Aberley não visse sua completa

falta de jeito em qualquer departamento. Tanto quanto depreciasse a frieza e a indiferença dele, ele era um homem notavelmente capaz.

Capítulo 22

Havia coisas a serem resolvidas em toda propriedade, coisas que foram adiadas e ignoradas, pois eram complicadas demais para serem revolidas sem ele estar ali. A ponte que ligava as duas margens do arroio precisava de manutenção. Não estava tão estável quanto costumava ser, e era só uma questão de tempo até ela ruir. Ninguém por aqui tinha habilidade para lidar com o problema. Na verdade, seria necessário que um engenheiro viesse avaliar o que poderia ser feito, o que era uma despesa que o capataz não estava confortável em permitir, e ele também achava que isso estivesse fora de sua alçada.

Agora que Tristan estava ali, ele poderia ir em frente e resolver o problema, pedir que um engenheiro de Bournemouth fosse até ali.

As práticas de cultivo também precisavam ser atualizadas. Melhorar a qualidade das sementes, a saúde da criação e o manejo do solo.

Ouviu passos atrás dele, virou-se e viu Alfie com uma cenoura na mão. Tristan sorriu.

— Veio dá-la a Artex?

— O Sr. Herman disse que cavalos gostam de cenoura.

— Todo mundo gosta de cenouras.

O olhar que Alfie lhe deu mostrava que ele não concordava.

— Mamãe diz que cenouras deixam você forte.

— Talvez ela esteja certa. Os cavalos gostam dela, afinal das contas, e eles são fortes. — Alfie pareceu aceitar o argumento. — Por aqui — disse Tristan e ele levou Alfie até o estábulo, indo em direção ao reconfortante cheiro de feno. Ele amava os estábulos quando era menino. Parecia que era o seu refúgio. — Artex está bem ali, mas a boca dele fica do outro lado da baia, você terá que ir até lá. Mas você não tem experiência com cavalos e não sabe como interpretar o que eles sentem. — Olhos arregalados olharam para ele. — Às vezes, eles não querem ser perturbados e você precisa respeitar, ou então haverá consequências. Entendeu?

Alfie fez que sim.

— É melhor tocá-los devagarinho na anca para que eles saibam que você está aqui. Se eles se moverem para o lado, significa que estão o convidando a entrar. É melhor também você fazer barulho quando está se aproximando. Eles não gostam de surpresas. Não é uma boa ideia surpreender um cavalo, pois eles dão coice.

Ele passou a mão na anca do pônei, e o animal se moveu. Tristan tinha escolhido este pônei porque ele era dócil e se dava bem com crianças.

— Agora pode ir lá dar a cenoura para ele, mas não aproxime os dedos da boca. Eles não são bons em diferenciar as coisas.

O menino estava nervoso enquanto se aproximava. Mas ele era corajoso. Estava disposto a enfrentar o medo.

— Eles também gostam muito de comer as folhas.

Alfie voltou a sair da baia.

— Você deveria dar uma cenoura a ele todos os dias. Dessa forma ele ficará esperando a sua visita.

— Eles também gostam de maçã.

— Eles nunca dizem não para uma maçã.

Tristan saiu do estábulo e o menino o acompanhou. O menino foi com ele até a selaria e Tristan pegou a própria sela. Na verdade, Alfie estava estudando todos os seus movimentos.

— Eu preciso ir até a ponte, em direção ao oeste.

— Eu e Artex podemos ir?

Tristan parou e pensou no que dizer.

— É uma longa cavalgada. — Levar o menino atrasaria bastante as coisas, mas a criança o estava seguindo como um cachorrinho. Uma boa cavalgada era o melhor jeito de fazê-lo se acostumar com a sela. — Seu traseiro vai ficar dolorido. Estou dizendo agora para que não reclame mais tarde. — Aquilo não pareceu deter o menino, que parecia cada vez mais ansioso. Não estava nos planos de Tristan levar uma criança junto, mas era difícil dizer não para o rosto ansioso do menino.

Seu pai teria dito não, não queria que uma criança se intrometesse e atrapalhasse. Era esse o tipo de relacionamento que Tristan queria com o filho? Não seria uma grande aborrecimento ir mais devagar para levar o menino. Ele iria, afinal de contas, embora da propriedade em breve e não veria a criança por um tempo.

— Então, é melhor aprender a selar um cavalo. Você pode pegar aquela sela?

Alfie foi em frente e pegou a sela de Artex. Ela parecia maior que o menino, mas ele conseguiu. Obviamente, ele não tinha ideia de como selar um cavalo, mas o entusiasmo não o desencorajou ante tais praticidades. Tristan teve que ensiná-lo e o menino observou tudo. Tristan não sabia se algum dia já tivera uma audiência tão interessada.

O menino ainda tinha que ser posto na sela, mas ele parecia estar estável o bastante enquanto esperava que Tristan montasse. Eles pareciam descombinados, ele em seu cavalo de dezesseis palmos e o pequeno pônei de Dartmoor. Artex o seguiria obedientemente sem dar trabalho, mesmo se Alfie não tivesse ideia de como conduzi-lo. O menino copiou a forma como ele segurava as rédeas e eles partiram devagar.

Era um dia bonito. O sol estava brilhando e fazia um calor confortável. Já fazia muito tempo que não montava a uma velocidade tão lenta. Alfie era mais conduzido por Artex do que o contrário, mas haveria tempo o bastante para ele aprender a conduzir a montaria.

*

Sophie estava de pé do lado de fora usando seu xale muito simples quando eles voltaram. Ela parecia nervosa, mas sorriu assim que viu Alfie.

— Olha, mamãe, eu cavalguei por todo o campo. — O orgulho na voz dele era evidente. Cumprindo com sua palavra, o menino não reclamou, mas era óbvio, pela forma que ele se remexia, que o traseiro estava dolorido.

O cavaliarço veio recebê-los e Tristan apeou. Por um momento, Tristan considerou se deveria deixar Alfie tentar descer sozinho, mas algo lhe disse para não deixar aquilo acontecer enquanto Sophie estivesse olhando, então ele desceu Alfie.

— Boa noite, Artex — gritou Alfie enquanto o cavaliário levava os cavalos embora. O menino foi correndo até Sophie. — Você me viu montando? Percorri todo aquele caminho.

Tristan ficou tenso, meio que esperando que Sophie estivesse brava por eles terem saído para montar. Ela reprovava tudo o que dizia respeito a ele, então provavelmente sentia que ele estava sendo relapso com a segurança de Alfie, mesmo o menino não estando correndo qualquer tipo de perigo. Havia a chance de o cavalo poder dar um pinote, mas era improvável de acontecer.

— Entre e vá se trocar — disse Sophie e afagou o cabelo do menino. Era óbvio que ela queria trocar umas palavras, e Tristan imaginou que tipo de descompostura ela passaria nele.

— Só há uma forma de se aprender a cavalgar — disse ele, respondendo antes que ela tivesse a oportunidade de começar.

Ela cruzou os braços e pressionou os lábios em reprovação, mas então ela deu um sorriso sem graça.

— Você se tornou importante para Alfie — disse ela.

Não era exatamente a descompostura que ele esperava, mas era difícil discutir com aquilo. O menino praticamente o seguia por aí. Havia uma certa admiração que Tristan estava descobrindo só agora. Talvez não fosse tão surpreendente, já que era pai do menino. Ainda assim, de certa forma, não tinha esperado que o garoto fosse se interessar por ele.

Mas, naquele momento, ele não sabia como responder.

— Talvez seja inevitável. — Ainda havia uma grande questão que ele tinha que responder: que tipo de pai queria ser. Era uma decisão que também não tinha previsto. Sua criação não precisava servir como modelo para a forma com a qual o menino seria criado. Era pela criação dele que Sophie temia. No início, tinha tomado as reservas dela como um insulto, mas agora estava claro que o menino queria passar tempo com ele, que queria a sua aprovação.

A presença e a avidez do menino estavam trazendo à luz ainda mais mágoas e anseios que Tristan tinha esquecido. Ele também ansiava pela aprovação do pai, e nunca a recebera. O que teria significado para ele caso a tivesse recebido? Uma parte dele sempre tinha pensado que a sua criação o fizera forte. Mas também o tinha deixado frio e distante, e não havia como argumentar contra

aquilo. Não foi apenas Sophie e a forma como ela e o irmão se aproveitaram dele que o deixou assim, e ela sabia.

— Por favor, esteja ciente que o senhor está se tornando uma parte muito importante da vida dele — prosseguiu ela. Ela estava dizendo para ele se afastar? Ou o contrário? — Ele perdeu muitas coisas nesses últimos tempos.

— Ele ganhou também.

— Espero que sim. De verdade.

Ela não estava falando da casa ou do tutor, ou de quaisquer luxos e confortos que havia ali. Ela estava falando dele, dizendo a ele que ele estava em uma posição que causaria um impacto profundo na vida do menino, como se, por escolha dele, Alfie fosse se tornar frio e indiferente por causa da falta de interesse e aprovação. Era uma responsabilidade bem grande.

Ainda assim, Alfie tinha algo que Tristan nunca tivera, uma mãe que iria suavizar qualquer golpe que o menino sofresse na vida. Aquilo não significava que a criação do menino deveria ser tão rígida e enfadonha quando a dele tinha sido.

— Estou ciente — disse por fim.

Parecia que ela ficou satisfeita com a resposta, pois deu meia-volta e entrou na casa. Tristan a observou se afastar. Com toda honestidade, não estava certo sobre o que queria fazer, o que devia fazer, mas estava ficando ciente de que ser pai era algo muito mais importante do que só arrumar um herdeiro. Aquilo já estava garantido, e agora ele precisava pensar seriamente no tipo de pai que queria ser para aquele menino.

Capítulo 23

Uma rotina foi estabelecida e os dias foram ficando mais previsíveis. Sophie tomava café da manhã com Alfie no quarto das crianças, depois ele começava as aulas com o Sr. Herman, e Sophie passaria o tempo fazendo o que quisesse. Os instrumentos da sala de música estavam tão bons quanto poderia deixá-los. Ela tinha pegado uns livros na biblioteca e todas as coisas estavam muito bem arrumadas nos lugares aos quais pertenciam.

Estava claro que ela precisava de outras atividades com que se entreter. Por causa da loja, nunca teve tempo para coisas como fazer bordados, rendas ou qualquer outra coisa que as damas faziam em seu tempo livre. Mas, ali naquele lugar, essas coisas seriam necessárias, pois não tinha mais nada o que fazer. Verdade seja dita, essas atividades não eram as mais recompensadoras e produtivas, mas não conseguia pensar em mais nada. Talvez devesse desenhar.

Teria feito todas essas coisas no colégio interno, se o pai não tivesse morrido de repente. Mas sua vida tinha enveredado por uma direção totalmente oposta, o início da sua vida tinha sido confortável, a família era de classe média e tiravam o sustento dos negócios, depois disso veio a desastrosa investida na alta sociedade, então a vida mais empobrecida ao lado de Doug. Status e posição social não faziam ninguém feliz, era o que tinha aprendido.

Foi aquele conhecimento e a infelicidade que sentiu e presenciou enquanto era lady Aberley que a fizeram querer um futuro melhor para Alfie. Felicidade era mais importante que dinheiro, mas as coisas não eram assim tão simples. A completa falta de dinheiro era miserável. Prisão, depravação e a total falta de valores humanos. As profundezas em que se podia cair não seriam desfeitas pela felicidade.

Talvez contrariar lorde Aberley tivesse sido uma insensatez, os riscos que eles encarariam acabariam com qualquer felicidade que tivessem, mas ainda temia que Alfie fosse infeliz. Era

responsabilidade dela preservar a bondade, a inocência e o entusiasmo dele. Lorde Aberley não era tão indiferente ao menino quanto tinha esperado. Vê-los montar pela janela naquele dia tinha sido surpreendente. É óbvio que ficou preocupada. Sua experiência com lorde Aberley lhe fez saber que ele era um homem frio e indiferente, mas Alfie tinha voltado transbordando felicidade.

Se ao menos lorde Aberley se impedisse de reprimir o menino e a crescente admiração que ele sentia pelo homem que era o seu pai... Pais e filhos tinham um relacionamento que ela nunca poderia entender, mas sabia que o interesse de Alfie pelo pai só cresceria.

E o homem ainda estava lá. Tinha esperado que ele fosse embora logo depois de deixá-los, mas ele ainda não partira. Pelo bem de Alfie, ela se sentiu animada e preocupada. Não tinha controle sobre as ações de lorde Aberley, mas o tinha avisado que as ações dele tinham consequências para o garotinho que não estava acostumado com um comportamento severo e depreciativo.

Lembrou de Aberley a acusando de estar criando um menino molenga. Sim, ela queria que ele fosse afável. Já havia aspereza o bastante no mundo, não era necessário gerar mais.

Sentindo a necessidade de se mover, Sophie quis esticar as pernas. Choveu por alguns dias, mas agora o sol tinha saído e ela queria tomar um pouco de ar fresco. Em vez de andar a esmo, iria até a aldeia da qual lhe falaram. Quando chegasse lá, pensaria em alguma nova atividade. O bordado tinha algum apelo, já que poderia resultar em coisas úteis. Apesar de serem atividades de damas, alguma delas tinham usos mais práticos.

Passando o xale sobre os ombros, ela seguiu para a aldeia. Havia uma estrada que levava até lá, então a caminhada não seria difícil. O sol aquecia a sua pele e o ar fresco enchia os seus pulmões. A tensão a abandonou, e ela sentiu o corpo e a mente aliviarem. Tinha mais energia e aquele medo constante, aquela dor, em breve também desapareceria. A dor tinha chegado e eles haviam passado por ela.

Respirou fundo e caminhou, o exercício a aquecia. Levou um tempo para chegar à pequena aldeia. Havia lá uns cinquenta chalés. As lojinhas se enfileiravam ao longo da rua principal, e havia também uma agência dos correios e uma venda. Lá dentro, pôde

ver tudo o que era necessário para o funcionamento de uma casa. Bem, talvez não Sommerfield Hall, mas qualquer um dos chalés dali. Havia jarras de doces atrás do balcão, e ela sorriu ao pensar que Alfie encontraria o lugar em algum momento.

Havia também uma pequena padaria, e as mulheres passavam com tortas, que provavelmente seriam servidas para as famílias no jantar, para serem assadas no forno da padaria. Uma escolinha do outro lado da rua. As pessoas falavam umas com as outras e sorriam. Todos se conheciam. Era uma aldeia pequena e encantadora. O tipo que via em ilustrações pitorescas. Aqui a imagem vinha à vida.

Era na venda que encontraria tecidos e linha para bordado. Uma sineta tocou enquanto ela entrava, o homem lá dentro a observou com curiosidade. Era uma estranha naquela aldeia, ela reconheceu. Em Londres havia mais estranhos que conhecidos, mas era diferente em uma aldeia tão pequena como aquela.

— Como posso ajudá-la? Eu sou o Sr. Grees.

— Sra. Duthie — disse ela. — Estou procurando linhas para bordado.

— Ah — disse ele, ainda olhando para ela. — Estou correto em presumir que a senhora está vindo da Hall?

— Faz pouco tempo que moro lá.

— Bem-vinda à nossa pequena região. Você é de Londres, imagino.

O sotaque dele era diferente do dela, então era compreensível ele ter presumido aquilo.

— Sim.

Finalmente, ele sorriu e foi até o longo balcão de onde puxou uma gaveta da parede que havia atrás dele.

— Estas são as linhas que temos em estoque. Se desejar algo em particular, posso encomendar. Recebemos mercadoria uma vez por semana.

— Entendi — disse ela, os dedos afagavam as linhas. Havia fios de lã e de seda. Também um tipo de fita usada para bordado. Sophie escolheu algumas cores, começou pela lã, já que estava, basicamente, treinando. Pegou dois xelins do bolso que tinha costurado na cintura do vestido, hesitando por um momento antes

de entregá-los. Seu dinheiro estava diminuindo rapidamente. Era uma questão de tempo até ela ficar sem um tostão. Não demoraria muito e estar totalmente dependente de lorde Aberley. Seria bom pensar que o irmão a ajudaria, levando-se em consideração do que ela tinha aberto mão por ele, mas aquilo demoraria muito a acontecer.

Agradeceu ao homem e saiu da loja sabendo que ele estava tentando adivinhar quem exatamente ela era e qual posição tinha. Talvez as pessoas da aldeia já soubessem. Era mais que provável que a criadagem de Sommerfield Hall conhecesse as pessoas da aldeia. Não sabia bem como seria recebida ali, ainda precisava descobrir este pormenor. Descobriria com o tempo. Eles poderiam rejeitá-la ou aceitá-la com relutância. Talvez eles até mesmo fossem grosseiros com ela. Era difícil dizer.

Colocando o fio no bolsinho, começou a percorrer o caminho de volta para casa. A estrada era muito bem mantida, mas também não viu nenhum movimento ali. A casa ainda não estava a vista quando começou a chover e Sophie apertou ainda mais o xale. O calor do sol tinha amainado e a chuva fria penetrava nas suas roupas. Ela sequer usava um chapéu, um hábito que tinha largado quando conheceu Doug. Para ela, o hábito parecia juvenil e sem sentido, mas com certeza poderia fazer uso de um agora.

A chuva apertou e ela buscou abrigo debaixo de um carvalho, ficou protegida por um tempo, mas não demorou muito e as gotas gordas e frias se infiltraram pela copa da árvore. O frio estava sugando todo o calor do seu corpo, e decidiu que não poderia ficar parada ali o dia todo. Qualquer que fosse a proteção que a árvore oferecia, não seria o bastante. Teria que enfrentar a chuva e ir para casa.

A água encharcou tanto o xale que a peça já não era mais de nenhuma utilidade. O peso da água fez os grampos saltarem do seu cabelo. Ela estava sendo arruinada pela água e não havia nada que pudesse fazer. Embrulhou o xale e enfrentou a chuva enquanto caminhava. Chegou a um ponto em que não poderia ficar mais molhada. O vestido estava encharcado, os sapatos molhados e o cabelo estava solto sobre os seus ombros.

Tecnicamente, estava mais perto da aldeia do que da casa, mas que problema teria ela ficar molhada e suja de lama? Era só um pouco de água. Não era o fim do mundo, mas pensou que da próxima vez traria um guarda-chuva junto. Infelizmente, não tinha os meios para comprar um.

Capítulo 24

Enquanto Tristan apertava o casaco junto do corpo, avistou alguém à frente dele caminhando debaixo da chuva. O casaco e o chapéu o protegiam da chuva, mas, à distância, a figura parecia um fantasma. Não era do tipo que acreditava em fantasmas ou espíritos, então incitou o cavalo a um galope, e ficou surpreendido ao ver que era Sophie.

— O que diabos está fazendo? — perguntou ele enquanto se aproximava.

Ela estava completamente molhada. O cabelo estava escuro e encharcado de água, e vestido se agarrava a cada curva do corpo dela. O tecido fino estava, mais uma vez, fazendo um desserviço a ela, deixando muito pouco à imaginação. O material ensopado se apegara aos seios dela, e também à barriga e às coxas. Se alguém a visse assim, seria um escândalo.

— Estava voltando da aldeia quando fui surpreendida pela chuva. Estava quente e ensolarado quando saí, mas o tempo virou. — Os dentes batiam enquanto ela falava e ele percebeu que os lábios estavam secos por causa do frio. Eles até mesmo estavam meio azulados.

E esta mulher idiota decidiu caminhar pela chuva sem estar preparada. Mas ele se lembrou que ela era uma garota da cidade, e a chuva era só um aborrecimento em Londres, onde ela poderia simplesmente buscar abrigo em um café ou pegar uma carruagem de aluguel. As coisas eram diferentes ali. Não havia onde se esconder da chuva. Aquela era uma lição que ela acabara de aprender.

— Estamos próximos do litoral sul. As chuvas perto do mar chegam rápido e são poderosas.

— Ninguém me disse — declarou ela. Ela parecia prestes a chorar.

— Venha, terá que montar comigo, ou encontrará a morte. Isso também acontece aqui na vastidão do campo. — Por um momento,

ela pareceu incerta. — Eu não vou morder. A senhora só precisará suportar esta humilhação.

— Eu não estou humilhada — disse ela com a cabeça erguida, desafiante. Era obviamente uma mentira, mas o orgulho dela nunca se curvava a nada. Tristan sacudiu a cabeça e começou a tirar o casaco. Gotas geladas de água encharcaram a sua camisa na mesma hora.

— Vista isto ou eu vou acabar tendo que criar o nosso filho sozinho. A senhora precisa mesmo tomar mais precauções aqui. — Parecia que aquela mulher não tinha um pinga de bom senso.

Ela colocou o casaco sobre os ombros com má vontade.

— Obrigada.

— Bem, não fique parada aí. Venha. — Ela piscou por um momento, não sabendo o que ele quis dizer até que ele deu um tapinha na garupa do cavalo. — Chegaremos em casa em poucos minutos, ou a senhora pode se arrastar pela chuva por mais uma meia hora. Na verdade, eu não vou me arrastar pela chuva. Venha.

Curvando-se, ele ofereceu o braço para ela e ela o olhou por um momento antes de pegá-lo.

— O outro braço — disse ele e ela trocou, e então ele pôde puxá-la. Ele podia sentir os tremores dela. — A senhora terá que passar os braços por mim, do contrário cairá. — A camisa dele estava encharcada agora, e ela envolvendo-o com os braços só piorou as coisas. Na verdade, o calor dos corpos deles era confortável e ela precisava disso. O tecido fino e molhado da roupa dos dois mal formava uma barreira entre eles, e ele pôde sentir a suavidade dela pressionada às suas costas.

Um trote poderia não ser favorável para nenhum dos dois neste momento, então ele incitou o cavalo a um galope e ela o apertou ainda mais. O gesto ia além de qualquer intimidade que ele teve em muito tempo. Certamente era uma intimidade que não tinha com ela há muito, muito tempo. Quase sete anos, na verdade. Uma intimidade que ele não desfrutou da última vez, já que tinha se resignado a tirar o melhor de uma situação terrível. Naquela época, não conseguiu prever uma forma de sair dela, até que a irmã morreu de forma inesperada, e a vantagem que tinham sobre ele deixou de existir. Tinha ficado tão satisfeito por não estar mais preso a eles,

mas houve consequências. De acordo com ela, ela até mesmo tentou falar com ele, mas ele tinha proibido a entrada dela na casa.

O calor do corpo dela parecia quase uma queimadura. Foi o medo que a fez se aproximar. Ela temia cair, e aquilo tinha superado qualquer objeção que ela tinha contra ele. A coxa dela encostando na dele só prolongava aquela intimidade.

Manteve o cavalo a uma velocidade constante, e eles logo chegaram à casa. O som dos cascos do cavalo alertou o cavaleiro que saiu com um casaco erguido sobre a cabeça.

Ele apeou primeiro e então desceu Sophie. Os lábios dela não estavam mais tão azuis, então aquela proximidade tinha sido benéfica.

— Obrigada — repetiu ela, e então começou a tirar o casaco. O vestido dela estava agarrado ao corpo, mostrando, literalmente, cada detalhe, incluindo o que o frio tinha feito com ela. Ficou cada vez mais consciente do que o cavaleiro poderia ver, e provavelmente qualquer outro criado da casa.

— Talvez seja melhor a senhora ficar com o casaco até chegar ao seu quarto. Pedirei a Wellswar que prepare um banho.

Não soube se ela tinha entendido a razão, mas ela concordou, seguiu apressada para porta e então entrou. Sentiu o frio da ausência dela às suas costas, e ele estava parado na chuva, observando-a sumir dentro da casa. Era provável que ele também precisasse de um banho, já que, agora, estava tão encharcado quanto ela.

O rapaz levou o cavalo para o estábulo, Tristan entrou, e pôde ver os passos molhados de Sophie seguindo uma trilha até a escadaria. Suas próprias roupas pingavam no chão e ele tirou o chapéu e o entregou a Wellswar que veio rapidamente ao seu encontro.

— Minhas desculpas, eu não o vi chegar. — A chuva deve ter abafado o som dos seus passos.

— Tanto eu quanto a Sra. Duthie fomos pegos pela chuva, e acho melhor que sejam preparados banhos quentes para nós dois.

— Irei tomar as providências — disse Wellswar, e logo em seguida desapareceu com o chapéu molhado nas mãos. Tristan tirou a camisa enquanto subia as escadas. Seu quarto estava

quente e ele pegou uma toalha para se secar enquanto se sentava perto do fogo. A pele estava fria, mas o frio de gelar os ossos não era tão intenso para ele quanto devia estar sendo para ela.

Talvez precisasse enfatizar, mais uma vez, o que ela precisaria levar quando saísse de casa. Ao menos ninguém a tinha visto naquele estado. Principalmente o Sr. Herman, a quem a visão não passaria despercebida.

Curioso, aquele era um pensamento que não esperava ter. Parecia que algo nele não queria que o Sr. Herman a visse em tal desalinho. Vê-la assim seria a mesma coisa que vê-la na intimidade. Ele realmente precisava falar sobre o guarda-roupa dela. Se ela ia se molhar com frequência, ela iria precisar de roupas mais robustas.

Ouviu um barulho às suas costas e suspirou enquanto dois lacaios entravam carregando uma banheira, e logo depois ouviu o som da água sendo vertida na banheira de cobre.

— A Sra. Duthie também está sendo provida? — perguntou enquanto Wellswar entrava.

— As criadas estão preparando o banho dela enquanto falamos.

— Ótimo— disse Tristan. Ele estava bastante cansado. Tinha sido um dia longo. Precisou lidar com uma querela entre vizinhos. Normalmente, ele se recusava a lidar com essas disputas mesquinhas, mas, por alguma razão, ele se deixou ser atraído. Na verdade, ficou mais tempo em Sommerfield do que o pretendido. Havia muitas coisas precisando de sua atenção ali, mas era o menino que o fazia ficar.

O menino estava desenterrando sentimentos que Tristan não estava pronto para entender ou explicar, mas estava claro que ser pai significava mais para ele do que tinha esperado. À medida que interagiu com o menino, a profunda satisfação ia crescendo cada vez mais. O garoto sempre o procurava depois que era liberado das aulas. Como um relóginho, ele apareceria no pátio ou no escritório do capataz procurando por ele.

Ele era tanto doce quanto afável. Sophie tinha criado um menino que via as maravilhas do mundo, até mesmo a mais simples das coisas o deixava impressionado. Não havia malícia no garoto. A afabilidade não lhe serviria muito quando fosse para Oxford, principalmente tendo que lidar com os meninos que saíram de Eton

e de Westminster, onde a crueldade reinava mais do que qualquer resquício de bondade.

Por um lado, ele entendia as objeções de Sophie. Por trás de toda a arrogância e gracejos da sua classe, havia uma competitividade perversa que era incutida nos meninos desde muito jovens.

Quando o banho ficou pronto, ele entrou na banheira e se recostou, deixando o calor se infiltrar pelo seu corpo. Wellswar ia para lá e para cá, mas Tristan o dispensou.

A fumaça saía da água enquanto Tristan fechava os olhos e deixava os pensamentos vagarem. Talvez quando homens tinham filhos, eles comessem a desejar um mundo melhor. Sophie desejou suavizar o filho para enfrentar o mundo, abrandar os golpes e amortecer qualquer crueldade. Talvez fosse instinto materno. Ele teria sido diferente se tivesse experimentado o mesmo? Seria tão distante das pessoas à sua volta? Mas aprendera que a distância era necessária. As pessoas frequentemente se entregavam à ganância e aos instintos mais baixos, não importa o quão boas elas pareciam ser.

Ele foi pego pela luxúria: ela sempre o tinha nas mãos, mesmo ele sabendo que era uma imitação barata de qualquer coisa que nunca teve, nem nunca conheceu. E quando a luxúria dava as caras, ela podia tanto enganar quanto se enredar pela sua mente. Durante a maior parte da vida conseguiu se resguardar contra as consequências dela. Ainda assim, ele a sentiu se aproximando, sufocante. Aqueles malditos vestidos seriam a sua perdição. E agora ele até mesmo a estava protegendo para que o Sr. Herman não visse as coisas que ele mesmo tinha visto.

Capítulo 25

O banho ajudou Sophie a se sentir melhor. No entanto, ao entrar no quarto a mulher que viu no espelho estava descomposta.

Mais uma vez vestida, ela se sentou com as costas para o fogo e deixou o cabelo secar. O dia tinha tomado uma direção muito diferente do que a que esperara. Ser resgatada por Aberley tinha sido embaraçoso, mas necessário. Como ela pôde sair para uma caminhada longa daquele jeito e não ter esperado que o tempo fosse virar? Porque isso era algo com o que não se preocupava normalmente. Mas o tempo era importante ali. As pessoas viviam a vida baseadas no clima, tomavam decisões por causa do clima. Isso nunca tinha passado por sua cabeça.

Precisava de uma sombrinha. Em algum lugar daquela casa devia haver alguma que ela pudesse usar. Pela manhã perguntaria a Wellswar se ele sabia se havia alguma.

O som de passos lhe disse que Alfie estava procurando por ela e ele logo apareceu à porta.

— Olá, meu amor — disse ela e sorriu quando o viu. — Como foram suas aulas hoje?

— Nós falamos sobre o Nilo — disse ele e foi se sentar no colo dela como fazia algumas vezes.

— Sobre o Nilo, huh? Onde há crocodilos?

— Sim. Muitos e muitos crocodilos e eles devoram as pessoas.

— Tenho certeza de que o Sr. Herman não lhe contou isso.

— E pirâmides.

— Sim, foi o que eu ouvi — disse ela, beijando-o na cabeça. E então espirrou.

— Podemos ir ao Egito?

— Talvez um dia — disse ela. Quando ele fosse lorde Aberley, talvez ele pudesse ir ao Egito. Quem poderia saber?

Seu cabelo já estava quase seco e ela precisava se vestir para o jantar.

— Agora, vá jantar, vou vê-lo mais tarde.

Alfie desceu do colo dela com cuidado e saiu do quarto. Sophie se levantou e sentou-se à penteadeira para prender o cabelo. Voltou a espirrar.

Ao que parece, sofreria as consequências por ter sido surpreendida pela chuva. Estava ficando doente. A comida a deixaria mais forte, então foi até o salão, onde encontrou o Sr. Herman conversando com Iorde Aberley.

Já que o xale de lã estava encharcado, ela teve que usar o elegante, o que Doug tinha lhe dado de aniversário. Era lindo, mas não muito quente. Solto outro espirro quando agradeceu a Wellswar pelo xerez que ele lhe serviu. A bebida a aqueceria um pouco, decidiu.

As escapadas da tarde não foram mencionadas, particularmente não a forma como ela tinha envolvido Aberley com os braços, tendo nada além de tecidos finos entre eles. Sentiu cada músculo e tendão enquanto ele conduzia o cavalo. Foi o mais perto que chegava de um homem em muito tempo. O calor dele tinha infiltrado dentro dela, poupando-a do frio que a tinha envolvido.

Agora achava difícil olhá-lo nos olhos. Particularmente porque ele pensou que ela tinha sido estúpida por ter se permitido ser pega em uma situação daquela. E com toda honestidade, ela não tinha desculpas. Tinha sido desmiolada ao sair despreparada para uma longa caminhada.

— Fiquei sabendo que estavam falando sobre o Nilo hoje, Sr. Herman — disse ela sorrindo, dirigindo-se ao homem menos intimidante da sala.

— Sim, — ele devolveu o sorriso. — Alfie compartilha da infinita fascinação pelo Egito que a nossa era possui.

— O assunto é fascinante para o senhor?

— É claro, a história de um povo tão fascinante e distante. Não dá para não se sentir cativado.

O homem parecia tão sério e sincero sobre suas paixões e interesses. Isso a lembrava Doug. Ele era tão aberto a compartilhar seu entusiasmo com outras pessoas, o contrário de Aberley, que era mais disposto a afastar tudo e todos. Chegou à conclusão de que gostava dele.

— O senhor fez alguma viagem? — o homem perguntou a Aberley.

— Não, muito poucas. Sempre houve muitos assuntos me prendendo à Inglaterra.

— Fui à Itália quando jovem — prosseguiu o Sr. Herman. — Foi maravilhoso. É tudo o que se imagina e um pouco mais. Espero ter a oportunidade de voltar lá.

Sophie nunca tinha saído de Londres, senão para viagens que duravam menos de um dia. Viajar pelo Europa lhe parecia tremendamente romântico.

— Para onde na Itália?

— Roma, é claro. Florença e Veneza. Todas muito diferentes, mas infinitamente fascinantes. A arquitetura dos estados é totalmente diferente. Eu não tive oportunidade de viajar para o sul, mas consegui ir às escavações arqueológicas em torno de Pompeia. Tremendamente fascinante.

Imagens exóticas se formaram na mente de Sophie enquanto ela ouvia. Outro espirro reverberou pelo seu corpo e sentiu a atenção de Aberley sobre ela.

O Sr. Herman prosseguiu.

— Nunca estive no Egito. Mas gostaria muito de ir algum dia. Acredito que viajar pelo continente seja mais fácil agora do que quando eu era jovem. Hoje em dia, deve ser possível percorrer todo o caminho pela ferrovia.

Tudo soava muito romântico.

Wellswar apareceu dizendo que o jantar estava servido. Sophie se sentou no lugar de sempre, em frente ao Sr. Herman, enquanto Aberley sentava-se à cabeceira da mesa. A sopa foi servida, e Sophie se refastelou no calor tanto quanto no sabor.

Comeram em silêncio por um tempo, até que Aberley e o Sr. Herman começaram a falar sobre as diferentes espécies de peixe que há nos lagos da região. As costas de Sophie doíam e ela se sentiu desconfortável na cadeira. Na verdade, ela deveria ir dormir.

— A senhora está pálida — disse Aberley, assustando Sophie com sua franqueza. Ela se retirou contente da conversa, como sempre acontecia quando começavam a falar sobre peixe. — Está ficando doente?

Um espirro abriu caminho pelo seu nariz.

— Acho que peguei um resfriado. Eu sinto muito. Devo estar um desastre. Acho que não voltarei para o salão depois do jantar. — Ela sorriu para os homens. Na verdade, estava se sentindo muito pior do que há vinte minutos, mas estava esperando pelo prato principal, sabia que precisava de sustância. Não era o tipo de mulher que fazia muito drama quando ficava resfriada. Ficaria boa em pouco tempo.

O rosbife foi servido e Sophie se sentiu um pouco melhor ao sentir o ótimo aroma do prato, mas perdeu o apetite após algumas mordidas. Talvez fosse realmente precisar se retirar mais cedo, mas não queria. O jantar terminaria em breve e ela poderia aguentar até lá, mesmo que as costas estivessem doendo bastante naquele momento. Um cansaço intenso tinha roubado a sua energia, mas não era nada que uma boa noite de sono não curasse.

Mas quando a sobremesa foi servida, geleia de maçã com ruibarbo, ela pediu licença. Queria dizer boa noite a Alfie antes de ir para a cama, mesmo não gostando muito da ideia de subir as escadas. Por que diabos aquela casa era tão grande? Qual era o sentido de casas daquele tamanho? Não era como se os nobres tivessem famílias muito grandes. Como todas as outras coisas inexplicáveis, era mais para mostrar do que para fins práticos.

— Acho que vou me retirar — disse ela e então se levantou. Ambos os homens ficaram de pé, como esperado, e ela saiu da sala de jantar.

Aberley foi atrás dela.

— A senhora conseguiu ficar doente — disse ele.

— Sim, obrigada. Estou ciente — disse ela, azeda. Não havia necessidade de ele apontar o quanto ela tinha sido idiota. — Irei me esforçar para levar uma sombrinha nas minhas caminhadas.

Aproximando-se, ele observou o seu rosto e então levou a mão à sua testa. Sophie precisou se esforçar para não se esquivar do toque. Não que sentisse nojo do toque dele. É que parecia errado. Talvez porque a intimidade daquele dia enquanto montavam não tivesse parecido tão errada assim.

Mas a mão dele estava fria contra a sua testa.

— Vou chamar o médico.

— Não é necessário — disse ela. — É só um resfriado.

— Sr. Wellswar. Você poderia mandar uma mensagem para o doutor Torrey vir atender a Sra. Duthie? — disse Tristan para Wellswar, que agora estava parado não muito longe dali.

— Isso não é necessário — disse Sophie, mas ela estava sendo ignorada. Gemendo, ela deixou os dois para trás e começou a subir as escadas. O ato fez a sua cabeça pulsar e tudo o que ela queria era deitar na cama, mas tinha que ver Alfie primeiro, e então foi até o quarto das crianças.

— Alfie, meu amor — disse ela, vendo-o com Mary enquanto ele brincava com os brinquedos que tinham vindo com o quarto. — Não irei beijá-lo esta noite, pois peguei um resfriado. Mas o verei pela manhã.

— Tudo bem — disse Alfie, não muito preocupado como algumas pessoas pareciam estar.

Tendo cumprido a sua tarefa, ela finalmente foi pra o quarto e se deitou na cama. Fechando os olhos, sentiu que tinham se passado apenas alguns minutos quando ouviu a carruagem lá fora, devia ser o médico local. Não demorou muito e ele foi levado ao quarto dela. O médico sorriu ao vê-la.

— Sra. Duthie, presumo — disse ele enquanto abaixava a maleta.

— Sinto muito por ter sido chamado assim. É só um resfriado, nada mais.

— Fiquei sabendo que foi surpreendida pela chuva. — Ele foi até ela e se sentou na cama, colocando a mão sobre a cabeça dela. — Sua temperatura está alta. — Abrindo a maleta, ele pegou um termômetro e o colocou em sua boca.

Aberley estava ali. Não sabia o que o levou a ficar tão preocupado ao ponto de chamar um médico. Ele parecia estar olhando ao redor do quarto, às vezes para o médico, que agora estava examinando o seu pescoço e auscultando o seu peito com um estetoscópio.

— Bem, os seus pulmões estão limpos, o que é o mais importante. Uma boa noite de sono, e em breve estará se sentindo melhor. Mantenha-se aquecida. — Ele guardou as coisas e ergueu a maleta. — O fogo deverá ficar aceso a noite toda.

— Tomarei as providências — disse Aberley, e então os dois saíram do quarto. Ela podia ouvi-los conversando no corredor, mas não sabia se eles estavam falando sobre ela. Ficaria aborrecida, se fosse o caso. Aberley não era responsável pela sua saúde. Ele não era seu marido, e o médico deveria discutir qualquer coisa relevante com ela. Mas, por tudo o que sabia, eles poderiam muito bem ser velhos amigos e estavam falando sobre peixes.

Capítulo 26

Aberley foi para Londres, a cavalo, no dia seguinte. A ânsia tinha chegado naquela manhã e ele quis voltar para a própria vida, com os próprios confortos ao redor. E queria quase o mesmo tanto ficar longe de Sommerfield.

Na verdade, havia tantos enormes conflitos dentro dele que sentiu que precisava de um momento de paz.

Sophie estava viva e tomando o café da manhã, mesmo o resfriado tendo-a deixado completamente constipada. Ela não sairia do quarto naquele dia. Ela ficaria perfeitamente bem, mas o que realmente o perturbava, era a preocupação que o Sr. Herman estava sentindo por ela.

Se o homem já não estivesse apaixonado por ela, em breve estaria. Sophie, com a simplicidade e o prazer curioso que sentia pelas coisas que ele fazia, era um par perfeito para um homem como aquele. Era só uma questão de tempo até que ela também percebesse. Ela não tinha problemas para conversar com o homem, praticamente desmaiava com tudo o que o sujeito dizia.

Era tudo um pouco demais, e Tristan sentiu que precisava se afastar. Além do mais, por incrível que pareça, vinha ignorando completamente seus investimentos. Por um lado, ele queria ficar em Sommerfield e passar mais tempo com Alfie, mas as coisas ainda eram incômodas em outros aspectos, talvez estivessem até mesmo ficando ainda mais desconfortáveis.

A montaria o levou para Londres muito mais rápido que a carruagem, e à medida que se aproximava da cidade, sentiu-a invadir sua paz de espírito, ou a falta dela. Londres sempre teve o próprio ritmo e estava cheia de distrações.

A casa da cidade parecia fria e vazia quando voltou, quase como se o espírito dela tivesse desaparecido pelo abandono. O Sr. Smyth o cumprimentou e tinha um sem fim de coisas que gostaria de discutir assim que possível, mas Tristan relegou essas discussões para a manhã do dia seguinte. Tinha sido uma longa cavalcada e ele precisava descansar.

Foi para o quarto e se trancou lá dentro, mas a sensação de ter sido excluído e distanciado o seguiu até lá. Foi a busca daquela mesma distância que o fez ir para ali.

Deitado na cama, imaginou se Alfie estava com saudade dele. Era estranho pensar que alguém sentia a sua falta, que alguém o queria tanto por perto que sentiria sua ausência, caso não estivesse. O desejo pela atenção do pai tinha sido algo constante em sua infância.

Mas aquela era a intenção. Mandar Alfie e Sophie para morarem em Sommerfield, e ele ficaria ali. Mas em algum momento, de alguma forma, tinha se desviado do plano e não tinha encontrado força para partir. Foi apenas o crescente carinho entre Sophie e o tutor de Alfie que afastou qualquer que fosse o mal que o tinha acometido.

Sophie se entregaria ao homem? Ela parecia adorar a pobreza, então estaria feita. Aquele sujeito nunca teria dois tostões para esfregar um no outro. E eles formariam uma feliz, amada e adorada família, todos vivendo debaixo do seu teto.

Mesmo não sendo muito dado às introspecções, ele tinha que concordar que havia certo ciúme irracional que Herman fosse substituí-lo como pai de Alfie; se não no nome, o seria, então, em todo o resto.

Sophie daria toda aquela generosidade e afabilidade para aquele homem, e eles seriam felizes. Não haveria nenhuma utilidade para Tristan lá em Sommerfield Hall, no que dizia respeito a nada. De certa forma, ele tinha acabado de entregar a propriedade familiar para outro homem.

Não, precisava parar de pensar desse jeito. Era até mesmo inconcebível ele estar tendo esses pensamentos, para início de conversa. Os temores de Sophie de que ele deixaria Alfie insensível eram totalmente infundados. Se possível, era Alfie quem o estava deixando brando. Ele não era aquele tipo de homem, e parecia que ele tinha lembrado daquilo hoje.

Tendo tratado de todos os negócios mais urgentes, Tristan decidiu ir visitar Minette, que estava recebendo visitas em seu salão naquela tarde. Já fazia tempo que a tinha visto, já que ficou em Sommerfield muito mais tempo do que esperara. Na verdade, tinha perdido um evento ao qual prometera ir com ela. A amiga talvez não estivesse muito feliz com ele.

Entrando no salão, ele a viu sentada usando um vestido de seda rosa. Minette sempre teve um excelente gosto. Em muitos aspectos, ela era o total oposto de Sophie.

— Tristan, meu amigo. Como está você? — perguntou ela enquanto ele se aproximava. — Você me abandonou em hora de grande necessidade.

Não era típico de Minette deixar as coisas para lá.

— Sinto muitíssimo. Eu estava distraído.

— Distraído? Pela sua ex-mulher, talvez?

— Não, é claro que não, mas acontece que agora eu tenho um filho, de quem a educação foi lamentavelmente negligenciada.

— Então você está apaixonado pela criança?

— Não sei quanto à paixão, mas talvez eu esteja muito afeiçoado ao menino.

— Não importa o que aconteça, sempre amamos nossos filhos. Foi cruel da parte dessa mulher ter mantido o menino afastado de você.

Bem, ele tinha dificultado para que ela contasse a ele, mas ela não tinha tentado com afinco, dispensou-o como pai para viver com o pobre e adoentado Doug Duthie. Tristan suspirou. Também podia ser verdade que ele estivesse com tanta raiva dela que não se importaria que ela estivesse esperando um filho seu, veria o fato apenas como a cereja do bolo no conluio desprezível do qual ela tinha sido parte, uma aposta que ela tinha perdido. Talvez tenha sido por isso que ela não tivesse tentado contar a ele.

Mas agora ela o substituíra mais uma vez, e aquilo era extremamente desconfortável. Ela estava tirando a família dele.

— Sim, cruel — concordou, distraído, incapaz de se afastar dessa ansiedade que se formara dentro dele.

— Ela é bonita?

— O quê?

— Ela é bonita? — repetiu Minette.

A visão dela naquele vestido encharcado que se prendia a cada curva do corpo invadiu a sua mente.

— Sim — admitiu.

— Uma sereia enganadora e sedutora. Acho que eu gostaria muito de conhecer esta criatura.

— No todo, eu acho que ela foi apenas um peão nas tramoias do irmão dela.

— O que ela disse quando você partiu?

— Nada. Eu não informei a ela. Ela estava doente. Não a vi.

— Oh?

— Só um resfriado por ter pegado chuva.

— E você fugiu no meio da noite.

— Dificilmente. Eu só senti que já era hora de voltar para Londres.

— Não é curioso você ter fugido quando a Sr. Duthie ficou doente de uma forma muito parecida com a condição que levou a sua mãe?

— Não é uma conexão que eu tenha feito. Eu era muito jovem quando ela morreu. Não me lembro bem do que aconteceu. Na verdade, eu não me lembro dela.

— Mas o seu filho...

— Eu não gosto das conclusões às quais você está chegando — disse ele, conciso.

— Eu sinto muito, Tristan — disse ela com um sorriso tímido, o mesmo que ela dava quando estava fazendo alguma travessura. Talvez tenha sido um erro ir até lá. Geralmente, os conselhos dela o acalmavam, mas não seria o caso de hoje. — Eu gostaria muito de conhecer esta criatura.

— Bem, eu não tenho planos de vê-la em um futuro próximo.

— É uma pena. Se você voltar, acho que será uma ocasião perfeita para que eu faça uma visita.

— Eu não contaria com isso — disse ele com desdém. Ele não queria mais ficar ali. O problema era que ele também não queria muito ir para casa. Talvez devesse ir para o clube e desfrutar da relaxante companhia masculina, por um tempo. Ou talvez devesse procurar algo mais decadente n' *O Pelicano*, mas ele correria o risco

de encontrar o salafrário do irmão da Sra. Duthie. Não, iria para o clube e jantaria lá.

— Não tenho certeza se você já ficou tão agitado assim, nem mesmo quando Cecilia estava se comportando mal.

— Cecilia nunca se comportou mal. Ela só achou uma oferta melhor.

— Bem, não tenho certeza se está esperando alguma alegria conjugal lá. Disseram-me que ela anda perguntando por você. Acho que será muito bem recebido se for visitá-la. Sua oferta talvez não esteja completamente descartada.

Isso era novidade para Tristan. Pilkerton, o noivo de Cecilia, é um idiota e todo mundo sabia disso. Parece que ela não estava tão disposta a fazer vista grossa para o fato, afinal das contas.

— Que os céus me protejam das mulheres inconstantes — murmurou Tristan. Houve uma época em que pensou que Cecilia seria perfeita. Linda, indiferente e perfeitamente capaz de navegar entre as perigosas águas da alta sociedade, mas ele não podia simplesmente esquecer a traição dela. Lealdade básica era necessária em uma esposa. Ele não podia mais ver Cecilia da mesma forma que a via antes.

Por um tempo, tinha posto Sophie e Cecilia no mesmo saco, usando-as como justificativa para ter uma vida mais despreocupada, sem uma esposa, mas a avaliação não tinha sido precisa. Ou talvez, de certo modo, tenha sido, já que Cecilia o rejeitara por uma conexão mais vantajosa. Sophie não o rejeitara assim, porque ele a atirou na rua, mas a rejeição ainda estava lá, só era por diferentes razões. E a ambas, não tinha dado o que elas queriam. Sophie, porém, queria alguém dedicado, alguém cujo o mundo fosse tão pequeno que só caberiam o filho e ela. Talvez as duas fossem diferentes versões da ganância.

Capítulo 27

A atmosfera em Sommerfield Hall ficou muito diferente depois que lorde Aberley partiu. A tensão tinha desaparecido. Todo mundo estava mais relaxado, até mesmo a criadagem. Se o Sr. Herman notou a diferença, Sophie não ficou a par, mas ela com certeza sentiu.

Tudo com Aberley terminava em confronto, era como se ele sempre estivesse procurando motivos para rasgá-la aos pedaços, para provar a ela que ela era... Na verdade, não sabia exatamente o que ele estava tentando provar, exceto que o ponto de vista dela estava errado.

Sophie se sentou no enorme sofá da biblioteca e olhou para a paisagem cinzenta e molhada lá fora. Alfie estava estudando no andar de cima e não havia muito para ela fazer. Um livro sobre a história botânica da Inglaterra estava aberto em seu colo, mas ela lutava para prestar atenção nele. Ouviu Wellswar ou algum outro criado movendo-se lá fora.

A separação entre criadagem e convidados não foi alterada, mas Sophie tinha sugerido que eles deixassem a sala de jantar formal e fossem jantar no seu salão, convidando tanto o Sr. Herman quanto Alfie para jantar com ela. Tecnicamente, o Sr. Herman não deveria jantar com a família, e Alfie deveria jantar no quarto das crianças com Mary, ou melhor, sendo supervisionado por Mary.

Era contra essa formalidade vazia que ela lutava, e estava começando a quebrar essas convenções, já que elas não favoreciam ninguém. Isso significava que eles jantavam um pouco mais longe da cozinha, mas o Sr. Wellswar lhe garantira que aquilo não seria um problema.

Então, naquele momento, eles estavam jantando em uma mesa menor, onde as conversas eram informais e agradáveis. Sophie não gostava muito que Alfie ficasse enfiado no quarto das crianças quando ele seria beneficiado ao jantar com eles.

Era quase como se eles tivessem montado pequenos apartamentos dentro da casa. Dificilmente tinha necessidade de

usar o primeiro piso da casa, a menos que precisasse pegar um novo livro na biblioteca. Infelizmente, a coleção de lorde Aberley tinha uma natureza mais prática do que ela preferia.

— Fiquei sabendo que haverá uma festa na aldeia daqui a uns dias — disse o Sr. Herman, desfrutando do que tinha sido servido a eles.

Mesmo Aberley esperando que ela não fosse dar ordens à criadagem no que dizia respeito aos cuidados com a casa, ainda assim eles a procuravam querendo saber o que deveriam fazer. Não para tudo, mas mais sobre as refeições que eles serviriam e qualquer coisa que estivesse relacionada ao funcionamento dos quartos e da rotina deles.

Eles tinham aprendido que o Sr. Herman, com sua mente analítica, não era necessariamente a melhor pessoa para perguntarem sobre assuntos mais práticos, então mais e mais dúvidas estavam sendo direcionadas a ela.

Alfie estava com saudade de Aberley, não havia mais ninguém para continuar com a sua educação equestre. Infelizmente, ele precisou parar e agora não podia fazer nada mais do que percorrer, em círculos lentos, o pequeno cercado perto do estábulo. Ele tinha seis anos, Sophie não estava preparada para deixá-lo ir a qualquer lugar sozinho. Imagens de acidentes tomavam a sua mente cada vez que pensava no assunto.

O Sr. Herman o levou para pescar no arroio em um dia que fez sol. Alfie tinha se divertido muito. Sophie os observou pela janela enquanto eles voltavam, vendo o peixe amarrado no final da vara que o Sr. Herman trazia sobre o ombro. Ele era um homem tão bom e gentil. É óbvio, ele era um pouco austero, mas não havia rabugice no comportamento dele.

Juntos, os três funcionavam muito bem. Eles jantavam juntos todos as noites, e o Sr. Herman e Alfie passavam os dias na sala de aula. Sophie ainda lutava para encontrar algo para fazer enquanto passava o tempo. O bordado foi um desastre, era óbvio que aquilo não era para ela. Talvez devesse aceitar a oferta de Aberley e aprender a montar. Não que aquilo ainda fosse uma oferta. Não tinha ideia de quando ele voltaria. Pelo que sabia, a intenção dele

era de que eles vivessem separados. Talvez devesse escrever para ele e pedir um instrutor de equitação para ela e para Alfie.

Não tem havido nenhuma comunicação. Até mesmo a ideia de escrever para ele a punha nervosa, imaginava-o sentado em seu escritório em Belgravia, lendo a carta com a sua costumeira desaprovação. Mas aquele nervoso era profundo. Esteve lá desde o dia em que se casou com ele.

Ele era um homem que nunca entendeu, e nunca entenderia, mas um dia ele lhe foi apresentado como o homem que seria dela, algo que ela sentiu bem lá no fundo. Uma agitação que alcançava alturas inexplicáveis quando ele ia até ela. Um segredo entre marido e mulher. Tinha sido tanto inebriante quanto excitante, mas era algo que nunca a deixou à vontade.

Doug a fazia se sentir à vontade. Não havia nervosismo entre eles, só gentileza e afabilidade.

O ruído de cascalho interrompeu suas abstrações e ela foi até a janela. Eles dificilmente tinham visitas, então Sophie não tinha ideia de quem poderia estar se aproximando da casa. Os passos fortes de Wellswar a caminho da porta ecoaram por todo o corredor.

Na janela, ela viu lorde Aberley apeando do cavalo. Ele usava um longo casaco azul escuro e o chapéu que o protegia contra as intempéries. Era óbvio que ele veio cavalgando desde Londres. O cavaleiro foi pegar o cavalo e agora ela também conseguia ver o Sr. Wellswar.

— Não estávamos esperando a sua volta — disse Wellswar.

— Não, eu não mandei nenhum aviso — respondeu Aberley.

Sophie levou os dedos à boca enquanto pensamentos corriam por sua cabeça. Aberley estava de volta. Significava que tudo voltaria a mudar. Como ele tendia a fazer, ele vinha e mudava tudo. Ao que parecia, o mundo girava ao redor dele.

Deu um passo, parou e verificou se tudo nela estava em ordem. Sem nunca falhar, os olhos dele sempre pareciam encontrar seus defeitos.

— Milorde, o senhor voltou — disse ela enquanto chegava no corredor central. — Não esperávamos que estivesse de volta tão cedo.

— Sim — disse ele, os olhos dele ficaram nela um pouco mais, só para garantir que o seu desconforto aumentasse. — Há coisas das quais preciso cuidar.

— É claro — disse ela, sem saber do que ele falava, mas também não sabia nada sobre administração de propriedades. — Teria ficado feliz de cuidar de qualquer assunto, caso tivesse se comunicado comigo. — Realmente não havia necessidade de ele ter percorrido todo esse trajeto. Sempre se considerou muito capaz em diversos aspectos. A falta de habilidades equestres talvez fosse um déficit. — Mas já que o que o senhor voltou, há algo que eu gostaria de dizer.

— E o que é? — disse ele. Por que tudo o que ele dizia soava como uma acusação?

— Penso que sua afirmação sobre os benefícios de ser capaz de montar está correta. Acho que tanto eu quanto Alfie deveríamos aprender a montar.

— Eu posso ensinar.

Não era isso o que ela tinha em mente.

— Oh, certo. É muita bondade. Como o senhor é um homem ocupado, um instrutor de equitação deveria ser contratado para... quando o senhor precisar partir novamente.

Ela tinha acabado de insultá-lo? Por que parecia que sim?

— Tenho certeza de que poderemos tomar providências quando for necessário. Se me der licença, descansarei um pouco, antes de o jantar ser servido.

— Sim, é claro — disse ela, sentindo-se meio boba.

Com um rápido meneio de cabeça, ele subiu as escadas, dois degraus por vez. Ao que parecia, eles não teriam mais os jantares informais por enquanto. Quanto tempo será que ele ia ficar?

A tensão subiu pelos seus ombros enquanto o observava se afastar. Alfie ficaria feliz com este acontecimento, mas Sophie ainda não confiava completamente nele no que dizia respeito ao coração bondoso do filho. Certo, as coisas estavam indo bem melhor do que tinha esperado. Aberley não era tão indiferente quanto temia, mas ele ainda tinha um mau gênio que dava as caras de vez em quando.

Voltando para a biblioteca, ela voltou a pegar o livro, mas ele tinha ainda menos apelo do que antes. Em breve teria que se vestir

para o jantar e eles se sentariam na sala de jantar formal. Embora não tivesse certeza de que o Sr. Herman seria convidado. Na verdade, ela não tinha certeza se seria convidada, mas ele parecia insistir que eles jantassem juntos sempre que ele estava por perto.

Ao ouvir passos se aproximando, Sophie ergueu o olhar e viu Alfie.

— Meu pai voltou?

Quando ele tinha se tornado ‘pai’ aos olhos de Alfie? Talvez aquele fosse apenas um fato com o qual ela deveria se acostumar. Respirou fundo e então sorriu.

— Sim, ele acabou de chegar.

— Quanto tempo ele vai ficar? — A animação nos olhos de Alfie era óbvia.

— Eu não sei. É melhor você perguntar a ele, mas você deve voltar para a aula, porque lorde Aberley pode ir até lá vê-lo quando ele acabar de se vestir.

Os olhos de Alfie se arregalaram e ele saiu correndo da biblioteca, indo em direção às escadas. Fez uma prece silenciosa para que Aberley não destruísse a fé que o filho tinha nele.

Capítulo 28

No jantar, a familiaridade entre o Sr. Herman e Sophie era mais perceptível. Eles falavam sobre pontos de vistas e observações que tinham em comum. Houve uma mudança considerável. Sophie mantinha a maior parte da atenção focada no Sr. Herman, que parecia muito confortável na companhia dela. Era óbvio que eles tinham passado tempo juntos.

Tristan observou-os durante todo o jantar.

— Então, haverá uma festa na aldeia amanhã — disse Sophie, a animação tinha iluminado as feições dela. Bem diferente de antes. Parecia que a vida em Sommerfield estava fazendo bem para ela. Agora ela até mesmo queria aprender a montar. Uma mudança marcante desde a última vez que a vira e aquilo foi há pouco mais de uma semana. — Eu sei que Alfie adoraria ir. Acho que todos devemos ir.

Ela olhou para Tristan com hesitação.

— A menos que seus negócios o impeçam de ir a tais festejos — adicionou ela.

Ela o estava desafiando? Sugerindo que ele era importante demais para essas coisas?

— Sempre é bom confraternizar com a aldeia — disse ele por fim.

— Então está resolvido — disse o Sr. Herman, soando cordial. — Iremos todos.

Sophie sorriu.

Este sujeito talvez não tenha percebido ainda quais eram as intenções de Sophie, mas ela com certeza tinha alguma. E ele, sendo o homem educado que era, provavelmente concordaria com qualquer coisa que ela sugerisse.

— Há algo interessante se passando em Londres? — perguntou o Sr. Herman.

— Nada significativo — disse Tristan, e então tomou um gole do seu clarete. Por alguma razão, não sentiu toda aquela avidez, até mesmo depois da longa viagem. Ele observou enquanto Sophie

partia a torta de limão e merengue com o garfo e a saboreava. Os olhos dela se fecharam por um momento. Era óbvio que ela gostava do doce.

O Sr. Herman falava sobre arquitetura, mas Tristan não achava que nenhum dos dois estava prestando muita atenção nele. Aparentemente, o homem não podia competir com uma torta de limão.

Ela seria feliz com um sujeito assim? Ao que parece, ela parecia acreditar na possibilidade. Eles viveriam naquela pobreza distinta que ela parecia gostar tanto.

Tristan parou para analisar seu azedume. Não era como se a quisesse. Tudo isso estava acontecendo porque ele não queria uma esposa. O que realmente acontecera foi que ele tinha ganhado um filho. Um menino que se apresentou e mostrou a ele todas as coisas que tinha aprendido, parecendo exultante com a atenção. Não era como se o menino estivesse sendo ignorado por Sophie ou pelo Sr. Herman, então o prazer que ele sentiu naquela interação tinha a ver com Tristan e não com o desejo que ele tinha por atenção.

Tristan ainda não sabia muito bem o que fazer com aquilo. Ninguém jamais se interessou por ele da mesma forma que o menino se interessava. Ele gostava de merengue tanto quanto a mãe, ou tinha puxado ao pai que achava que as sobremesas eram doces demais?

A sobremesa acabou e eles foram para o salão tomar um digestivo. Sophie se juntou a eles, mostrando exatamente o quão confortável ela estava com a companhia do Sr. Herman. Era isso que eles faziam todas as noites? Sentavam ali, só os dois?

O salão era mais quente que a sala de jantar e o lugar estava levemente iluminado. Tristan pegou uma dose de *brandy* e o Sr. Herman se juntou a ele. Sophie se serviu de vinho madeira.

Sophie sorriu enquanto aceitava a delicada taça que Wellswar lhe entregou. Ela bebericou com delicadeza, mais uma vez saboreando. Ela gostava de comida, de sabores. Os dedos finos e elegantes seguravam a haste da taça enquanto ela sorvia o líquido e ouvia o Sr. Herman, que ainda estava falando de arquitetura.

Como ela sequer consideraria ouvir a falação daquele homem pelo resto da vida?

Ela era esguia, e o tecido desses vestidos dela ainda eram finos demais. Não tão ruins quanto ficavam quando molhados.

De repente, os dois se viraram para ele, esperando por uma resposta.

— Sinto muito. Qual foi a pergunta?

— Peço desculpas — disse o Sr. Herman. — Estávamos falando sobre a nova posição do Marble Arch. Deve ter sido bastante trabalhoso movê-lo. Nenhum de nós o viu sendo movido e imaginamos se o senhor tinha visto.

— Sim, eu acho — disse ele. Talvez não tivesse serventia ele dizer que não poderia se importar menos com aquilo. Era uma estrutura bonita, mas que não ocupava um segundo dos seus pensamentos. — Causou caos no trânsito, por meses.

— Óbvio, eles não podiam simplesmente destruir um monumento tão significativo — prosseguiu o Sr. Herman.

Às vezes, Tristan imaginava por que simplesmente não tinham destruído aquele aborrecimento.

Sophie abafou um bocejo. Parecia que ela também estava achando a conversa sem graça. Tendo conseguido escondê-lo, ela voltou a colocar a mão sobre o colo. Ele notou, enquanto ela passava por ele na hora que trocaram de sala, algum tipo de perfume. Ou água de alfazema.

Ela voltou a sorrir, a expressão suavizou as feições dela, e parecia fazer os olhos dela brilharem na luz esparsa. Seria a mais absoluta surpresa se Herman não estivesse completamente apaixonado por Sophie. Se ele não estivesse, aquiloalaria muito sobre como ele era como homem. Sophie era linda – adorável, na verdade. A luz do fogo lançava um brilho dourado no cabelo dela. A pele era clara e macia.

Tristan sentiu a luxúria dar as caras novamente e se distraiu com o *brandy*, os olhos buscando alguma outra coisa em que focar. Pinturas antigas, esculturas antigas. Nada na sala era tão cativante quanto a mulher que prendia a atenção dos dois homens que ali estavam.

— Preciso me retirar — disse ela, e ambos se levantaram. Com um sorriso, ela saiu tranquilamente da sala, e eles a observaram

partir. Ela tinha sido muito agradável aquela noite. Os olhares severos e a desaprovação constante não estavam lá.

Sem ela ali, havia certa estranheza entre ele e Herman. Talvez porque Tristan não tinha interesse em ouvir o falatório do homem.

— Preciso verificar os estábulos antes de me retirar — disse Tristan. Ele não queria, mas sentiu a necessidade de passar um tempo lá fora. — Está tudo bem, Wellswar; não preciso de nada.

Saindo do salão, Tristan caminhou pela escuridão sentindo o vento frio. Ele queria e não queria estar ali. Foi a mesma sensação em Londres. Parecia que, no momento, nenhum lugar lhe daria paz de espírito.

Sophie vagava pelos seus pensamentos queria ele ou não. Talvez não fosse surpreendente já que ela era mais ou menos a única mulher na sua vida. Seu relacionamento com Minette nunca tinha sido do tipo que ele a tivesse olhado de outra forma. Ele também nunca tinha olhado para Sophie de outra forma, até ela se tornar uma oponente formidável. Mesmo ele tendo ganhado a batalha, parecia que a guerra não estava ganha.

Virando-se, ele viu a luz no quarto dela e olhou para lá por um momento, não viu nenhuma sombra se movendo. O que quer que fosse que ela estivesse fazendo, ela estava parada, deitada na cama ou sentada. Lendo, escrevendo talvez. Ela tinha para quem escrever? Talvez para aquele salafrário do irmão dela.

Talvez entendesse por que ela tinha se sacrificado por ele. Ele tinha feito exatamente o mesmo pela irmã. Nenhum deles podia se afastar da família em tempos difíceis. E agora eles eram família. Como mãe do filho dele, ele tinha a obrigação de protegê-la. Ela se sentia do mesmo jeito?

Até onde podia dizer, desdém era a única coisa que ela sentia por ele. É só que não tinha sido o caso, não naquela noite. No todo, ela simplesmente o ignorou. Uma raiva irracional começou a borbulhar quando pensou naquilo. Não gostava de ser ignorado. Especialmente não por causa de um homem tão sem importância quanto Herman. Não havia nada errado com o homem, mas ele não era o tipo de pessoa que deixava uma impressão em um salão.

Começando a sentir frio, ele voltou para dentro. Sophie ainda não tinha apagado a luz quando ele voltou, mas Tristan tinha que

parar de pensar no que provavelmente era o lugar quente e macio onde ela se deitava.

*

A carruagem que seguia para a aldeia estava lotada. O tempo tinha firmado, o que era uma benção. Alfie estava lutando para sentar ao lado de Tristan, o que significava que Sophie e Herman sentariam lado a lado. Eles não se tocavam, havia um embaraço entre eles. Herman não era do tipo que tomaria a iniciativa. Isso ficaria a cargo de Sophie, quando ela estivesse pronta. Era interessante ela não ter feito aquilo ainda. Podia ser que não estivesse tão segura quanto a ele?

Aquele sentimento enjoativo o comia por dentro, parecia algo como esperança. Mas esperança de quê? O que ele queria exatamente? Talvez só ser reconhecido.

— Deveríamos convidar o reverendo Narstop para ir a Sommerfield Hall — disse Sophie. — Não o convidamos ainda, e talvez seja melhor fazê-lo enquanto está aqui, lorde Aberley.

A última coisa que Tristan queria era um vigário do interior na sua casa.

— Ele parece ser muito amigável — declarou Herman. — Imagino em qual seminário ele estudou.

Os olhos de Tristan nunca se afastaram de Sophie, quem, pela primeira vez, encarava-o de volta. Ela o estava desafiando?

— Você pode convidar quem quer que deseje. — Exceto seu maldito irmão.

Felizmente, o percurso não era longo. A aldeia estava repleta de barracas que ofereciam diferentes tipos de jogos e também outras que vendiam artesanato local. Uma banda estava tocando. Era certamente uma festa pequena, mas parecia que toda a aldeia tinha comparecido, inclusive ele. Não estava certo se alguém o queria lá. Seria exagero dizer que os aldeões gostavam dele. O pai nunca tinha entendido a necessidade deles, e Tristan tinha sido ausente.

— Lorde Aberley — disse um homem, e Tristan se virou para ver o reverendo Narstop. — É um prazer o senhor ter decidido se juntar a nós no dia de hoje.

— Eu estava em Sommerfield, e meus convidados queriam vir.

— Sim, fiquei sabendo que há gente morando em Sommerfield agora, incluindo o seu filho, se ouvi direito. Posso presumir que ele se juntará à nossa escola dominical?

— O senhor terá que tratar desses assuntos com a mãe dele.

— Sim, nós fomos brevemente apresentados no último domingo.

Mesmo? Tristan não soube que ela tinha ido ao culto.

— Espero que tenhamos a honra de sua presença na próxima semana. — O homem sorriu, e Tristan ficou feliz por ele não ter abordado seu relacionamento complicado com os habitantes da casa. Ao menos o homem era discreto. Vigários, às vezes, se sentiam no direito de saber todas as idas e vindas da vida dos outros.

À distância, ele viu Sophie jogando bastões de madeira em pinos, tanto ela quanto Alfie pulavam quando ela acertava algum. O sorriso dela encantava as pessoas à sua volta. Parecia que todo mundo a observava, desfrutando da ida dela à aldeia. Mas, novamente, por causa daquele vestido, ela parecia pertencer a uma aldeia como aquela.

Herman se juntou às pessoas que a congratulavam e ela pegou o braço dele enquanto eles iam para a próxima barraca. O desconforto se espalhou pelo seu corpo e ele teve que reprimir a vontade de ir... fazer alguma coisa. De uma maneira distorcida, ele sentia como se quisesse protegê-la. Não queria que nenhum desses homens chegasse perto dela, porque cedo ou tarde, assim que ela tivesse lamentado o suficiente, ela estaria disponível para ser tomada.

E Herman seria tão conveniente, não seria? Eles moravam na mesma casa e cuidavam do mesmo menino. Só ele que não tinha lugar naquele cenário. Ela estava fazendo isso para magoá-lo? Seria isso parte da guerra que estava transcorrendo entre eles?

Capítulo 29

No todo, Sophie não se importava tanto com a presença de Aberley, não mais. Ele estava mal humorado e emburrado na maior parte do tempo, mas ela era perfeitamente capaz de ignorar o comportamento na maioria das vezes. Eles não estavam mais se debicando, o que era uma grande melhora. Estava claro que Alfie adorava tê-lo ali em Sommerfield, embora ele ainda não tivesse dito quanto tempo ficaria.

Obviamente, ele ainda a fazia se sentir desconfortável sempre que entrava em uma sala. Aquela tensão nunca tinha sumido completamente. A desaprovação ainda emanava dele, mas ela se recusava a permitir que aquilo a aborrecesse. Ele era apenas uma presença na sua vida. Sombria e agourenta, talvez, mas ela era perfeitamente capaz de sair de uma sala caso se sentisse sobrecarregada demais. Por outro lado, porém, ele tinha ficado estranhamente quieto. O Sr. Herman, que detestava imensamente o silêncio, normalmente se encarregava da conversa.

Entre chuvas, Sophie caminhava pelo jardim, ficava perto o bastante da casa para que não fosse pega desprevenida novamente como daquela desastrada vez. Herman e Alfie estavam nas aulas, e Aberley no escritório. Ela não tinha ideia do que ele fazia ali. Parecia que ele passava a maior parte do tempo lá dentro.

Respirando fundo, ela sentiu o ar fresco. O ar era incrivelmente doce comparado ao de Londres, e aromas diferentes vinham com o vento. Tanto quanto tivesse lutado com Aberley para não ir para ali, precisava confessar que aquilo tinha feito muito bem a ela.

O Sr. Herman era encantador, é claro, mas não importa o quanto desejasse, não sentia por ele nada além do apreço que se sentia por um amigo. É óbvio que não estava com pressa. Ela tinha todo o tempo do mundo. Não era como se precisasse de um homem para tomar conta dela. Sua situação era estável, desde que Aberley não mudasse de ideia. Mas ela gostava de cuidar de alguém e que alguém cuidasse dela. Talvez não tanto cuidado como tinha sido

com o marido próximo ao fim, quando tinha sido mais enfermeira que esposa. Aquela ternura ainda estava lá, e sentia falta dela.

Ela também sentia falta da parte física. Até mesmo no casamento não tinha sido capaz de explorar aquela parte completamente, precisou reprimir aqueles desejos por muito tempo. E depois esteve triste demais e perdida para sentir qualquer coisa por algum tempo. Agora as coisas tinham se assentado, não havia tristeza, e coisas difíceis e prementes para enfrentar. Alfie estava feliz, eles não estavam encarando a penúria, e até mesmo Oliver tinha sido resgatado. Esperava que dessa vez ele tivesse aprendido a lição.

Passando a mão pelas plantas, ela sentiu as texturas na sua pele: gramíneas macias, suaves e delgadas. Fechando os olhos, deixou os pensamentos dispersarem, e eles não foram para o sóbrio e confiável Sr. Herman. Eles foram para o sombrio e agourento.

Abrindo os olhos de repente, ela afastou aqueles pensamentos. Rejeitou-os. Por que ficava pensando naquele homem que a magoou tanto? Uma vez, ele tinha sido seu cavaleiro de armadura brilhante, mas tudo tinha sido uma ilusão. Alguém constante e confortável estava no seu futuro; tinha certeza. Tinha sido feliz com Doug, mesmo que o casamento com ele não tivesse queimado nos mais profundos recessos do seu corpo. Que utilidade tais impulsos tinham?

Virando-se, ele viu um homem se aproximando dela e prendeu a respiração, então viu que era o Sr. Herman e relaxou instantaneamente. Ele não deveria estar vagando por lá naquela hora do dia.

— Está tudo bem com Alfie? — perguntou ela.

— Sim, está — disse Herman. Havia uma luz nos olhos dele que ela nunca tinha visto antes. Ele deve ter chegado a alguma conclusão, pensou. Ele estava tomando alguma iniciativa?

— Vim falar com você. A coisa mais curiosa aconteceu. — A animação era óbvia nas feições dele. Nunca o tinha visto desse jeito.

— Oh?

— Esta família, um membro muito antigo do Departamento Colonial me ofereceu uma posição com eles, e eles estão indo para

o Cairo.

— Cairo? No Egito?

— Sim, no Egito. Você pode imaginar? Assim do nada. É um sonho se tornando realidade.

Sophie piscou. Ele tinha um emprego, mas ele estava muito animado com aquilo. Um sonho realizado, disse ele.

— Eu tenho que partir agora mesmo. Eles estarão navegando imediatamente. A pessoa que eles tinham em mente ficou doente, entende.

— Entendo.

— Eu só vim... dizer adeus. Tornamo-nos tão bons amigos, mas eu não posso recusar uma oportunidade dessas. Diga que você entende.

— É claro — disse ela com um sorriso que não pareceu certo. Óbvio que estava feliz por ele, mas isso pareceu tão... conveniente. Uma oferta dessas encontrando-o bem aqui em Dorset. — Como foi que eles ficaram sabendo de você?

— Eu não sei bem. Só me entregaram uma carta. Lorde Aberley foi muito compreensivo.

— Aposto que sim — disse ela, seca, tentando manter o sorriso colado em seus lábios. O Sr. Herman não enxergava realmente o relacionamento difícil que havia entre ela e Aberley. Ele não era muito observador no que dizia respeito às pessoas.

— Escreverei, é claro, contarei a você e a Alfie sobre as maravilhas que encontrarei.

— Alfie vai amar.

Inclinando-se, ele beijou-a na bochecha, o que foi o primeiro e único beijo que eles trocaram. Não haveria mais beijos, nenhum desenvolvimento no relacionamento deles, porque o Sr. Herman estava indo para o outro lado do continente.

— Preciso me apressar. Lorde Aberley teve a bondade de me oferecer a carruagem dele. Acredito que ele tenha entendido a urgência.

— Foi muita bondade da parte dele — disse Sophie entredentes.

O Sr. Herman foi correndo para a lateral da casa, o que era algo que ela também nunca o tinha visto fazer. O sorriso desapareceu do seu rosto e ela ficou de pé ali, olhando para a casa. Ele tinha feito

aquilo; Aberley tinha feito aquilo. Novamente impedindo qualquer felicidade que ela encontrava. Verdade seja dita, ela não sentiu uma paixão imediata pelo Sr. Herman, mas tinha esperança, e Aberley, sendo observador como era, tinha percebido.

Envolvendo os braços em torno de si, ela marchou para a casa. Enquanto caminhava, pôde ver que a carruagem já estava seguindo pela estrada. Ele realmente não queria perder tempo.

Foi direito para o escritório, abriu a porta e viu Alfie sentado na cadeira que ficava de frente para a mesa de Aberley.

— Alfie, querido, você poderia subir e ir para o seu quarto? Preciso ter uma conversinha com lorde Aberley. — Ela tentou soar despreocupada, mas não estava certa de que tinha conseguido.

— Sim, mamãe — disse ele e deixou a sala. Aberley não a olhou nos olhos, em vez disso, ficou olhando pela janela, os lábios franzidos. Talvez ele soubesse que ia levar uma severa reprimenda.

Esperou alguns segundos para que Alfie não pudesse ouvir.

— O senhor fez isso — acusou ela. — O único amigo e companheiro que eu tinha. Por que achou que precisava me afastar dele?

— Eu não fiz tal coisa.

— Então o senhor não teve parte?

— Eu só o mencionei para um amigo que estava em uma situação difícil.

— O tutor de Alfie. Alfie gostava demais dele. O senhor fica tão indignado ao ver um pouco de felicidade em outras pessoas que tem que fazer o possível para arruinar tudo? Ou sou apenas eu que não posso ter amigos?

— O homem tinha um sonho. Eu apenas o ajudei. Nem tudo é sobre a senhora. Eu deveria ter me privado de deixá-lo fazer tal conexão só porque a senhora gostava de tê-lo por perto? Não seja tão egoísta.

— Eu estou sendo egoísta? O senhor está se ouvindo? — Incapaz de medir suas ações, ela deu a volta na mesa, pronta para atacá-lo. Ele obviamente previu o que ela faria e ficou de pé, segurando os seus pulsos. — Seu homem mesquinho e vingativo.

— Nada disso foi feito para magoá-la. Sua reação deixa mais que evidente que você tinha ambições para com aquele homem,

mas acredite em mim, ele saltou à oportunidade.

Libertando o pulso, ela o estapeou, o som ecoou pelas paredes. Ela também não pôde acreditar que tinha feito aquilo. Ele tinha a capacidade de rebaixá-la à violência, cutucava e incitava até que ela perdesse completamente a compostura.

Dando um passo atrás, ela se afastou dele e saiu da sala. Ele voltara a magoá-la, tentara arrancar a sua felicidade. Por que ele era tão odioso? A vida ali seria infinitamente mais difícil sem o Sr. Herman.

Agora seriam só ela e Aberley, pelo menos até que ele fosse embora. Não havia dúvida de que ele consideraria que a sua tarefa de infligir dor e insultos estava concluída e, mais uma vez, ele iria embora. Tinha esperança de que fosse naquele mesmo minuto. Queria que ele fosse para Londres e que nunca mais voltasse.

Seria tão solitário ficar ali sem o amigo. E, verdade seja dita, um futuro que tinha imaginado acabara de escapular por entre os seus dedos, como se fosse areia. Aberley entendia aquilo muito bem. Homem detestável.

Em algum momento mais tarde, quando ela não estivesse com tanta raiva, admitiria que a escolha de deixar Alfie e ela não tinha segurado o Sr. Herman por mais de um segundo. Havia algum homem confiável no mundo? Doug tinha sido o único a ter um coração forte, em um corpo frágil.

Capítulo 30

O desgosto de Sophie se assentou como um pesado cobertor sobre toda a casa. Ela se recusava a juntar-se a ele para o jantar todas as noites e eles raramente ficavam no mesmo ambiente.

Talvez tivesse sido dissimulação ter sugerido o Sr. Herman para a vaga no Cairo, mas o homem levou apenas segundos para decidir que aceitaria a oportunidade. Posições assim não eram oferecidas a homens casados. Poderia, entretanto, que o Sr. Herman estivesse esperando que Sophie continuasse disponível quando ele voltasse? Era óbvio que ele não conhecia Sophie muito bem. Ela não perdoava.

As aulas de equitação não aconteceram, mas Tristan passava os dias com Alfie, ensinando-o a montar. A confiança não era algo que se podia ensinar, entretanto, Alfie a desenvolvera em seu próprio ritmo, mas Tristan poderia dividir tudo o que ele sabia sobre equitação e tratos com os cavalos.

Hoje eles estavam andando a passo lento em volta do cercadinho, Alfie estava aprendendo a mudar de direção. Ele ficava adorável em cima do cavalo. Era difícil acreditar que uma pessoa podia ser tão pequena. As pernas esguias dele mal alcançavam o ventre do cavalo.

À distância, Tristan viu uma carruagem se aproximando. Eles estavam obviamente se aproximando da casa, já que não havia nenhum outro lugar para onde pudessem estar indo. Não tinha ideia de quem era. Não tinha convidado ninguém. Talvez Sophie tivesse. Teria sido gentileza da parte dela tê-lo avisado, se fosse o caso. Tomara que não fosse o irmão dela indo até lá pensando que seria bem-vindo.

Enquanto eles se aproximavam, Tristan viu o brasão e seus ombros decaíram. Era a última coisa que precisava.

— Hora de ir — disse ele a Alfie. — Nós temos visita.

Desajeitadamente, Alfie se virou e escorregou pelo flanco do pônei para poder apear. Nada elegante, mas ele estava fazendo sozinho, mesmo não conseguindo montar sozinho.

— Talvez seja melhor você ir procurar a sua mãe — disse ele para o menino enquanto eles entregavam o pônei ao cavaleiro.

Alfie não discutiu e foi correndo para casa. O menino nunca ia andando para lugar nenhum; sempre correndo, como se pudesse perder alguma coisa caso fosse devagar demais.

Com um sorriso tenso, ele esperou enquanto a carruagem de Minette se aproximava da entrada principal.

— Olá, querido — disse ela enquanto colocava a cabeça para fora.

— Minette, que agradável surpresa. Não sabia que estava vindo.

— Na verdade, ela nunca tinha ido até lá, mas ele também nunca tinha passado muito tempo ali.

— Você disse que o convite estava valendo.

— É claro.

— Então pensei que eu finalmente poderia vir vê-lo.

Ela estava ali para conhecer e observar Sophie. Ele só não tinha certeza de com que propósito. De alguma forma, tudo isso divertia Minette, provavelmente pela pura exasperação que a situação o fazia sentir. Aquilo também a entreteria.

— É uma bela casa — disse Minette, enquanto saía da carruagem com a sua ajuda. O vestido dela era de seda verde com alguns toques de rosa. Um pequeno chapéu amassado prendia o cabelo dela. Ela parecia metade da dama que era. — Posso ver por que você está tão propenso a passar o tempo aqui.

Um golpe direto, se alguma vez tivesse ouvido um.

— Há tanto o que fazer em uma propriedade dessas. Eu a negligenciei por tempo demais.

— É claro que sim — disse ela com um sorriso travesso. Era sempre muito divertido quando as farpas dela estavam direcionadas para outras pessoas, não tão divertido quando eram para ele. E ter Minette e Sophie no mesmo recinto poderia ser tremendamente desastroso. Como Sophie não gostava dele, era certo que ela também não gostaria de Minette, quem estava muito mais arraigada na sociedade do que ele.

— Wellswar, temos uma convidada. Você poderia tomar providências para que o quarto de hóspedes fosse preparado? Tomaremos o chá no salão matutino. — O salão matutino era um

lugar ao qual nunca tinha ido. Não havia razão para ir lá. Era onde as damas se sentavam e passavam a manhã. Sophie tinha escolhido o próprio salão no andar de cima, então ela também nunca ficava no salão matutino, mas aquele era um lugar perfeito para Minette.

Com olhos calculistas, ela olhou em volta e tomou nota dos tesouros à mostra. Minette sempre estava avaliando. Era parte de quem ela era.

— Então foi aqui que você cresceu. Tenho dificuldades para vê-lo como um garotinho, mas então, de acordo com o que você disse, seu filho é exatamente igual a você nessa idade. Preciso confessar que estou curiosa. Como estão indo as coisas com a sua pequena família?

— Não familiares, já que você sabe muito que as coisas são mais complicadas que isso — repreendeu-a Tristan. Ela o estava provocando, escavando até ela conseguir o que queria. E o que será que era?

— Onde está o pirralhinho? Tendo aulas?

— Está lá em cima com a mãe.

Minette ergueu as sobrancelhas.

— Ele é um desses meninos que ficam agarrados na saia da mãe?

— Não. Nós perdemos nosso tutor.

— Perderam? Mas que descuidados.

— Surgiu uma oportunidade que ele não podia recusar.

— Mas ele acabou de chegar.

Tristan deu de ombros.

— As coisas só tomaram um rumo diferente.

— Ele era bonito?

— O quê? Não, não particularmente. Um homem bem normal e indistinto. — Aquela conversa o estava deixando desconfortável. Desde quando Minette estava tão concentrada em seu desconforto?

— Bem, é uma lástima.

Wellswar apareceu com o serviço de chá e serviu uma xícara fumegante para cada um deles.

— O quarto já está a sua disposição.

— Obrigada, isso é maravilhoso — disse ela com um sorriso animado.

— Quanto tempo você vai ficar?

— Não fiz planos — disse Minette distraidamente, mas a atenção dela foi puxada para longe dele e ela se remexeu no assento. — E quem é aquele rapaz?

Virando-se, Tristan pôde ver Alfie espiando pela porta.

— Venha aqui, Alfred, e apresente-se.

O menino entrou na sala, meio desajeitado, mas não se aproximou muito. Ele estava rígido feito uma vara. Ele precisava de algumas instruções sobre como cumprimentar as pessoas, Tristan percebeu.

— Que rapaz bonito — disse Minette. — E tão grande para a idade. Quantos anos você tem mesmo?

— Seis — disse Alfred.

— Estou vendo. Você é igualzinho ao seu pai. E onde está a sua mãe?

— Descansando lá em cima.

— Como todos deveríamos estar. O percurso até aqui é atroz.

— Muito ousado de sua parte enfrentá-lo — disse Tristan, lacônico. — Vamos, Alfred — O menino saltou como se estivesse aliviado por ter sido liberado. Eles precisavam muito trabalhar os modos dele. — Estou tratando de algumas falhas na educação dele.

— Não vai ser perdendo o tutor dele. Talvez uma preceptora seja mais adequada se você tiver o hábito de perder os homens que ficam na casa.

— Eu não tenho tal hábito — disse Tristan, sentindo-se ofendido.

— Não, é claro que não. Bobagem minha. Com quem você disse que o tutor conseguiu uma oportunidade?

— Com Faulkness.

— William Faulkness? No Cairo. Tristan, você não precisava banir o pobre homem.

— Era o sonho dele visitar o Cairo. Falava disso sem parar. Ele só conseguiu o que desejava.

Minette o repreendeu com o olhar. Como é que ela sempre conseguia entender o que ele tinha feito? Ele era assim tão fácil de decifrar?

Respirando fundo, ela suspirou e voltou a olhar ao redor.

— Devo me retirar e descansar antes do jantar. Foi mesmo uma longa viagem.

— É claro. Irei lhe mostrar o seu quarto — disse ele tão cavalheiresco quanto podia ser. Talvez não devesse sentir como se aquela visita fosse uma imposição. Ela era uma boa amiga, confiável, mesmo tendo adquirido o novo hábito de provocá-lo impiedosamente. Na verdade, poderia ser útil ter alguém do seu lado.

Oferecendo o cotovelo a ela, ele a conduziu até o andar de cima e foram para o quarto de hóspedes amarelo que tinha sido decorado de acordo com o estilo oriental com vasos de porcelana e sedas amarelas na parede. Era adequadamente suntuoso, e reservado para qualquer convidado de honra. Minette iria gostar.

Com um meneio de cabeça, ele a deixou à porta e ela se trancou lá dentro. Quando chegou à escadaria principal, parou. Em vez de ir para o escritório, ele subiu as escadas e foi procurar Sophie, quem estava confortável em seu salão junto com Alfie.

— Estou certo de que ouviu que temos uma convidada — disse ele, sentindo como se estivesse invadindo o território dela. Esta era a casa dele, mas aquela parte tinha sido anexada a ela. — Lady Woolwich provavelmente ficará muito desapontada se você não se juntar a nós para o jantar.

Os lábios de Sophie estavam apertados enquanto ela o ouvia. Ainda não o perdoara pode ter mandado Herman para longe, ou melhor, por ter facilitado a ida dele.

— Tenho certeza de que ela não está aqui para me ver.

— Eu não teria tanta certeza. Ela certamente não percorreria toda essa distância só pra me ver.

Não havia jeito de Sophie dizer não. Como convidada na casa dele, ela não podia simplesmente negar-se, não que isso a impedisse quando ela estava com raiva dele.

— Ela é muito amigável. Tenho certeza de que se darão bem. Talvez a senhora devesse pensar em usar... — O que ele poderia dizer? O melhor vestido do seu guarda-roupa? O que apenas faria com que as coisas fossem de mal a pior. — Aquele seu belo xale. — Era, literalmente, a única coisa no armário dela que parecia

remotamente apropriado. — Lady Woolwich raramente se veste de forma simples.

Talvez Minette pudesse ter misericórdia e ajudar a mulher com alguns conselhos de moda.

O sorriso de Sophie era tenso, mas agora a estranheza tinha aumentado ainda mais. Eles simplesmente não pareciam capazes de ter uma conversa. Sem mais nada a dizer, Tristan partiu. Por que ela tinha sempre que ser tão difícil? Maldição! A mulher mais difícil com quem já teve que lidar. Na verdade, as duas estavam dificultando bastante as coisas para ele. Raios! Mulheres... elas seriam o seu fim.

Capítulo 31

Em parte, foi a curiosidade que arrastou Sophie para o salão naquela noite. Que tipo de pessoa estava de visita, e que tipo de pessoa tinha Aberley como amigo; essa pessoa que aparentemente quase nunca se vestia com simplicidade.

Sophie viu o vestido antes de ver a pessoa: luminosas faixas de seda verde, um elegante bordado rosa e branco. Era lindo. Assim como a dama que o vestia. Olhos bonitos e o rosto em formato de coração. À primeira vista, não teria esperado que esta mulher e Aberley fossem amigos.

— Olá — disse ela. — A menos que eu esteja enganada, você é lady Aberley. A antiga lady Aberley, quero dizer. É um prazer conhecê-la.

— Agora atendo por Sra. Duthie — disse Sophie e trocou um leve aperto de mão com a mulher, quem obviamente era uma lady. Woolwich, se não estava enganada. — O prazer é todo meu. É raro recebermos visitas.

— Tristan trancou a senhora como um ogro em uma torre. Posso ver por que — disse a mulher, sorrindo, e Sophie não sabia muito bem o que ela pretendia com aquela declaração, ou como responder a ela. Obviamente, nada daquilo era verdade, e interessante, esta mulher e ‘Tristan’ se chamavam pelo primeiro nome. Sophie nunca o chamara de Tristan, exceto quando trocaram os votos de casamento.

Como sempre, Wellswar entregou uma pequena taça de xerez para Sophie e ela a aceitou com um sorriso. Às vezes, ela sentia que as intenções de Wellswar eram as únicas que eram sinceras ali.

— Espero que esteja bem acomodada. A casa é linda, não? — Lady Woolwich prosseguiu. — A aldeia é pequena e exótica. E eu conheci o seu filho, é claro, um belo rapazinho. Você deve sentir tanto orgulho dele.

— Sim, é claro.

— Tristan está apatetado, eu acho, o que é encantador. Ele é um homem tão isolado.

Por um momento, Sophie teve que imaginar se lady Woolwich tinha oportunidades suficientes para conversação em sua amizade com Tristan, porque ela parecia finalmente ter encontrado uma oportunidade para dizer todas as coisas de que precisava.

— Eu prefiro meu isolamento, como você o chama — disse Aberley, sentado com as pernas cruzadas em um dos sofás perto delas. — As pessoas não conseguem deixar de ser tediosas.

— Você está me chamando de tediosa, Tristan? — disse lady Woolwich, meio ofendida, meio provocando.

— Jamais. Você é sempre uma fonte de diversão e compreensão.

A mulher voltou a prestar atenção em Sophie e ergueu as sobrancelhas. Sophie também não entendeu aquele gesto.

— Ele pode ser terrivelmente desagradável e ele sabe disso.

Não havia como discordar daquilo. Sophie só podia concordar, pensou enquanto tomava um gole do vinho.

— Há quanto tempo se conhecem?

— Há eras, Tristan, de início, era amigo do meu irmão, mas eu acho que eles se distanciaram por alguma razão.

Mantendo o olhar afastado, Tristan se recusou a responder a provocação.

— No entanto, nós continuamos amigos — prosseguiu ela.

— Então a sua família também é da região de Dorset?

— Não, não. Tristan e Roddy se conheceram em Oxford. Havia um monte de nós por um tempo, mas seguimos caminhos separados à medida que fomos crescendo e começando nossas famílias. Nenhum vivenciou a mesma salacidade dramática que Tristan.

Sentindo-se corar, Sophie tomou outro gole. Ela era um dos escândalos que manchavam a reputação dele. O casamento deve ter sido um escândalo, em primeiro lugar, e depois veio o divórcio. Mais recentemente, o noivado rompido. Isso com certeza era forragem para as fofocas. Talvez, agora com ela vivendo na casa dele, fosse ainda mais. Não sabia. Nem podia imaginar Aberley preocupado demais com as fofocas ditas entre eles mesmos.

Houve silêncio por um momento, o qual foi ficando ainda mais desconfortável.

— Mas é bom finalmente ver Tristan meio domesticado — prosseguiu lady Woolwich.

Talvez essa mulher não o conhecesse tão bem, afinal de contas. Não havia nada de domesticado nele.

— A senhora tem filhos? — perguntou Sophie.

— Sim, dois meninos. Já são quase homenzinhos, eles crescem tão rápido.

Sophie sorriu, entendendo a declaração de que as crianças cresciam rápido demais. Parece que foi ontem que segurava Alfie pela primeira vez, e agora ele estava aprendendo a montar um cavalo. Parecia que a cada dia ele precisava um pouco menos dela. Em vez de estar completamente focado nela, ele explorava o mundo à sua volta.

— O jantar está servido — disse Wellswar.

Sophie deixou a taça de vinho de lado e se levantou, sentindo-se mal vestida e desajeitada em comparação à sua companhia. Ela não queria estar ali, para início de conversa, mas seria rude não ir conhecer um hóspede que estava na casa.

Como convidada, lady Woolwich foi conduzida ao que costumava ser o assento do Sr. Herman.

— Que delícias teremos esta noite? — perguntou ela.

— Cordeiro, milady.

— Eu amo cordeiro — disse ela, animada. — Não nos demorem com a sopa. Foi um dia longo.

Wellswar fez que sim e direcionou os lacaios que estavam servindo. A sopa era de cebola com seus sabores ricos e notas defumadas. O cozinheiro de Sommerfield tinha um dom. Sophie nunca comera tão bem. A sopa estava deliciosa, mas, seguindo as instruções de lady Woolwich, ninguém se demorou muito com o prato.

— Há algo que deseja ver enquanto está aqui? — perguntou Aberley.

— Só os meus amigos, é claro — respondeu ela, incluindo os dois.

Era estranho o pensamento de considerar amiga uma pessoa como lady Woolwich. Era óbvio que ela estava sendo educada, mas Sophie ainda imaginou como seria ter uma amiga como ela.

Verdade seja dita, Sophie não tinha muitos amigos, outros que não fossem seus clientes favoritos. Em sua vida, não houve muito tempo para amizades, e Doug tinha sido toda a sua vida. Até mesmo lorde Aberley tinha um amigo, ao que parecia. Talvez fosse hora de fazer alguns, embora ela não estivesse totalmente segura de que pudesse confiar em lady Woolwich.

Em pouco tempo o cordeiro foi servido, e lady Woolwich claramente desfrutou dele, mas depois de algumas mordidas, ela baixou os talheres.

— Foi um dia cansativo, infelizmente, precisarei me retirar. Não consigo manter os olhos abertos. — Ela não parecia muito cansada.

Aberley se levantou para ajudá-la a sair da cadeira e ela saiu da sala, deixando tanto Sophie quanto Aberley um pouco atordoados com a rápida retirada.

A sala ficou completamente silenciosa. Era como se toda a animação tivesse saído do cômodo, deixando apenas duas pessoas que não queriam muito estar lá, mas eles estavam apenas no meio do jantar.

— Acredito que teremos rocambole de framboesa para sobremesa.

— Parece ótimo. — E era verdade. Pareceria um insulto ao cozinheiro caso eles terminassem o jantar mais cedo porque não queriam ficar na companhia um do outro, sendo que o pessoal da cozinha tinha trabalhando diligentemente para cozinhar esta refeição.

O silêncio preencheu a sala e Sophie continuou a comer. Ao contrário de lady Woolwich, ela não se satisfaria com apenas umas mordidas. Mas a retirada dela para o quarto podia ser entendida, levando-se em consideração a viagem que tinha feito.

Sophie pigarreou.

— Eu convidei o reverendo Nastop para o chá amanhã. Eu tinha feito isso antes de lady Woolwich aparecer, mas já que ela está aqui, ela é mais que bem-vinda a se juntar a nós.

— Provavelmente o aconselhamento divino será de bom uso para ela — disse Aberley, sarcástico. Era um sarcasmo que ela não deveria entender.

Se alguém precisava de aconselhamento divino, essa pessoa era ele.

— O senhor, é claro, também será bem-vindo — disse ela, comendo outro pedaço de cordeiro.

Aberley parou de mastigar por um tempo, como se estivesse procurando o que dizer.

— Tenho muito o que fazer.

Sophie ficou aliviada, sentindo que as trocas deles eram estranhas o bastante sem o reverendo Narstop observando-os. Os clérigos podiam ser proibidos de revelar uma confissão, mas Sophie não tinha certeza se aquilo se estendia ao que ele via. Devia haver um monte de pessoas na região que estavam curiosas sobre as pessoas que residiam em Sommerfield. A verdade da situação poderia não lhe favorecer muito, caso tentasse fazer amigos.

— O senhor já decidiu o que fará quanto a educação de Alfie?

— Ainda não. Ele não sofrerá demais se ficar sem um tutor por um ou dois meses.

— Então o senhor deve ficar ciente de que ele procurará entretenimento e diversão. — O que significava que seria provável que ele procurasse Aberley com bastante regularidade. — Ele poderia ir para a escola da aldeia.

— Definitivamente não.

— Há outras crianças lá.

— Não podemos mandar o herdeiro de Sommerfield Hall para a escola da aldeia. Isso não pode ser feito. Talvez lady Woolwich possa lhe assegurar, caso não aceite a minha palavra. Teremos que conseguir outro tutor. A alternativa é enviá-lo para uma escola como Harrow, mas pode ser um ambiente brutal, principalmente para um garotinho.

— Eu nunca desejaria mandá-lo para longe da família.

— Então nós arranharemos outro tutor.

Não precisaríamos fazer isso, se você não tivesse enviado o que tínhamos para longe, ela quis gritar, mas manteve a boca fechada.

Caíram naquele silêncio desconfortável mais uma vez. Sophie observou o homem ao lado dela, que parecia focado demais na comida. Era como se eles já estivessem em um casamento ruim. Duas pessoas que não se suportavam, mas tinham que conviver

pelo bem de uma criança. O divórcio não significara nada no final das contas. Eles estavam no mesmo lugar que estariam. Ela bufou ao pensar naquilo.

— O quê? — perguntou ele.

— Nada.

Capítulo 32

Tristan não se juntou a Sophie e a Minette para o chá da tarde. À distância, ele viu a carruagem do reverendo Narstop se aproximar, extraordinariamente feliz por não estar lá. Chás da tarde não eram coisas as quais se submetia voluntariamente. Artifícios e polidez. Até mesmo a ideia o fazia estremecer.

O engenheiro de pontes que tinha contratado estava no local com as plantas. Hoje, eles decidiriam qual seria a estrutura.

Naquele momento ele queria que algo mais prático o ocupasse, algo que o afastasse de seus pensamentos. Por alguma razão, os comentários de lady Woolwich, ultimamente, tinham começado a ficar desconfortáveis e até mesmo mordazes. Ele não gostou nenhum pouco disso.

Ele também não gostava da ideia de Sophie e Minette passarem mais tempo juntas. Por alguma razão, aquilo parecia perigoso; como se elas estivessem conspirando. Mas com que propósito? Não havia razão para essa inquietação. Não havia nada de importância para ser decidido, exceto, talvez, a contratação de um novo tutor.

Podia-se dizer que ele estava arrastando um pouco a decisão, já que ele nem mesmo estava olhando os anúncios. O que ele precisava era de algum idoso inteligente e hábil. Seria o tutor perfeito para Alfie. Alguém que tinha décadas de experiência formando jovens mentes.

Alfie queria vir com ele hoje, mas Tristan não permitiu, já que haveria máquinas, estacas e pedras de fundações a serem entregues. Enormes carroças de cavalo. Não era o lugar para um menino de seis anos. Ele teria que se contentar em distrair o vigário, o que, de todo jeito, era um papel que um jovem deveria saber.

Eles se ocuparam no canteiro de obras, o engenheiro delimitava onde as estacas de madeira deveriam ser dispostas no chão, onde as fundações precisariam ser reforçadas. Os trabalhadores foram trazidos para começarem a cavar. O projeto levaria um tempo para ser concluído, mas era necessário. Não ter uma ponte sólida ali

colocaria uma boa parte da sua colheita em risco, e isso seria apenas por mal gerenciamento. Aberley detestava incompetência.

Quando começou a chover, fazendo com que fosse difícil continuar a cavar, ele voltou para casa, chegando bem na hora que o vigário partia. Tanto Sophie quanto Minette estavam sob a área coberta da entrada e acenavam para o homem.

Ao que parecia, ninguém estrangulava ninguém.

— Uma pena termos nos desencontrado, lorde Aberley — gritou o vigário de dentro da carruagem. — Talvez outra hora.

Tristan sorriu, lacônico. Não se ele pudesse evitar.

Subindo os degraus, ele se juntou às mulheres.

— Tarde agradável?

— Um homem muito amigável — disse Minette, mas o foco dele estava mais em Sophie, quem estava observando a carruagem se afastar lentamente na estrada. O frio deixou as bochechas dela rosadas, combinando com o rubor dos lábios. Será que o vigário a achava bonita? Ele teria que estar morto para não achar.

— Como está indo a construção da ponte? — perguntou ela, virando-se para ele. Ele sentiu o olhar dela como um prazer físico. Um cacho tinha escapado do penteado e caíra graciosamente sobre o ombro dela. O vigário teria notado aquilo também?

— Já começaram a cavar, mas encerramos as atividades por causa da chuva — respondeu ele.

Os lábios dela se entreabriam, como se ela quisesse dizer alguma coisa, mas parou.

— Ainda há chá no salão matinal, caso deseje. — Ela devia estar sentindo frio lá fora, já que os mamilos estavam aparentes por trás do tecido, dando à sua imaginação uma boa imagem de como eles eram. É melhor o vigário não ter visto isso.

Tristan franziu os lábios e afastou o olhar antes que olhasse descaradamente para os seios dela. Minette, maldita seja a sua bisbilhotice, os observava.

Sophie se virou e entrou na casa e Minette pegou o braço dele, mas o largou logo que descobriu o quão molhado ele estava.

— Você precisa se trocar. Depois tomaremos chá. Falarei para Wellswar mandar outra chaleira. Anda, anda. Não me faça esperar.

— Você me dá ordens como se eu fosse um criado.

— É bastante eficiente.

Uma pequena parte dele queria se rebelar, mas sabia que seria criancice. Na realidade, a distração seria boa, porque a parte de baixo do seu corpo já começava a ficar inebriada, enviando rios de tensão pelo seu corpo. E isso porque a parte irracional da sua mente queria seguir Sophie para onde quer que ela fosse. Queria se arrastar no aroma dela e sentir aquele corpo macio junto ao seu.

Como o corpo dele podia traí-lo desse jeito? E a sua mente? Talvez precisasse de uma boa bebida em vez de uma xícara de chá.

No quarto, ele tirou a camisa por sobre a cabeça e a colocou sobre o respaldo da cadeira. As correntes de ar passaram por sua pele.

Esta era uma clara desvantagem de estar no campo. Não havia alívio para os seus instintos mais básicos, mas ele seria puxado para cá assim que se afastasse. Não havia nada a ganhar.

Não ficaria surpreso se Minette soubesse da luxúria que sentia por sua convidada. Ele não era feito de pedra. Com a beleza dela, talvez não seria surpreendente, mas não era a beleza que o atraía. Ela era a obstinação que o desafiava o tempo todo. Mesmo que aquilo fosse um total aborrecimento, também o afetava mais, incitava-o a desafiá-la também.

Pegou um calção limpo, vestiu-se e desceu, recusava-se a continuar pensando naquilo. Porque, se continuasse, não haveria dúvida sobre o que fazer. Ele não poderia ficar sentado ali para sempre, desejando a sua nêmesis. Voltar para Londres seria a única saída. Mas a ponte. Na realidade, a ponte não precisaria dele ali todos os dias. Seria perfeitamente possível se corresponder com o engenheiro sobre os assuntos mais importantes.

Afagando o queixo, tentou chegar a uma decisão, mas descobriu que a mente se recusava. A luxúria o enfraqueceu. Sempre fora um pouco fraco, e sempre soube disso. Mas ela nunca o tinha conduzido como estava fazendo agora. Não podia dormir, não conseguia se concentrar.

Minette estava no salão matinal, elegantemente sentada no sofá. Ela vestia um vestido verde-claro hoje.

— Talvez, se estiver de acordo, você pudesse acompanhar Sophie até uma costureira em Bournemouth e dar alguns conselhos

de moda para ela.

— Os vestidos dela são bastante simples. Você achou por bem despojá-la?

— Ela não aceitará a minha esmola.

— Não fico surpresa por você colocar as coisas assim. Ela é uma menina orgulhosa.

— Ela é obstinada como uma mula.

Um sorriso cruzou os lábios de Minette.

— Ela está com raiva por você ter se livrado do tutor do filho dela.

— Nosso filho. Não com tanta raiva quanto ela sente por eu respirar. Eu acho.

— Pode ser. Você dois parecem interagir da maneira errada.

— Acho que podemos dizer que ela desperta o que há de pior em mim. Talvez eu deva voltar para Londres assim que possível.

— Por quê? — disse Minette, virando a cabeça para o lado e observando-o.

— Acho que seria uma conclusão mais tranquila para todos os envolvidos.

— O jovem vigário com certeza gostará disso.

Tristan piscou, não estava entendendo completamente o que ela insinuava. O vigário o queria fora do caminho? É claro que sim. Tristan meio que já sabia daquilo.

— Ele parece bastante encantado com ela.

Será que todos os homens caíam sob o feitiço dela? Pensou mal humorado. O pensamento enviou impulsos acalorados para estrangular o homem.

— Não fique com ciúme, Tristan. Ela é jovem, viúva. É natural que ela aproveite a liberdade da posição dela.

Liberdade? Que liberdade? Para seduzir homens?

— Não debaixo do meu teto.

— Não seja irracional. Você não é pai dela, nem marido. Ela é uma mulher livre para tomar as próprias decisões. Jovem demais para ficar trancada dentro de uma casa. Os homens a notam. É simples assim. Ela os deixará se aproximar e, eventualmente, escolherá um para ser seu marido; ou até mesmo seu amante.

— Eu não posso permitir que meu filho seja exposto a tal comportamento — disse Tristan, ameaçador. A raiva estava fervendo dentro dele. O maldito vigário não poderia mais chegar perto da casa.

— Vamos lá, Tristan. Você não é puritano. Sophie é uma bela mulher, no auge da vida. Tudo acontecerá de forma natural, e é inconcebível que você fique no caminho. Você não tem o direito de fazer isso.

— Ela está vivendo sob o meu teto.

— Agora você está sendo irracional. Na verdade, nós convidamos o jovem reverendo Narstop para o jantar daqui a uns dias.

Tristan levantou da cadeira de supetão, sentindo-se traído. A necessidade de se mover era tão urgente que ele não pôde mais ficar sentado.

— Preciso cuidar de algumas coisas. — Com passos fortes, ele saiu do salão, buscando a solidão do seu escritório.

Minette falou atrás dele.

— Deve ser uma noite encantadora. Você precisa superar sua objeção de homens vindo a esta casa. Você não pode, afinal das contas, mandar este para longe do campo.

Aquela megera estava gostando demais daquilo. Talvez ele estivesse reagindo com um pouco de severidade demais. Até mesmo ele podia ver, mas isso não o fez parar de sentir o que sentia. Outro homem encantado pelo sorriso acolhedor de Sophie e sua agradável figura. Parecia que cada maldito homem que ela encontrava se rendia ao feitiço dela: inclusive ele. Vê-los era como uma bandeira vermelha para um touro, e ele sabia disso. Ele tinha total consciência de que estava sendo irracional, mas não conseguia evitar.

Sua nêmesis o reduzira a um cabeça quente irracional que perdia a compostura toda vez que um homem se aproximava dela. Mas Minette estava certa, não havia muito o que podia fazer quanto a isso. A menos que se casasse com ela, o que o ataria a uma mulher que o fazia perder a cabeça. Não que alguma vez ela fosse concordar com o desfecho, mesmo que ele conseguisse convidar tal

caos para a sua vida. Era caótico agora e eles nem eram amigos, imagina se fossem casados.

Capítulo 34

Por alguma razão, lady Woolwich simplesmente precisava de um novo vestido, e Sophie se viu pressionada a se juntar a ela em uma viagem até Bournemouth. Era uma cidade onde nunca tinha ido, então, sob aquele aspecto, a visita era interessante.

Tinha sido um dia longo e agora elas estavam retornando. Foram encomendar para lady Woolwich, ou Minette, como ela insistia que Sophie a chamasse, um vestido, a costureira acabou virando a atenção para ela e sem ser capaz de impedi-las, ela estava saindo de lá com três vestidos.

Sophie recusou, mas Minette não deu ouvidos.

A carruagem chacoalhava pelo caminho. A estrada estava em boas condições, então eles se locomoviam a uma boa velocidade, e a carruagem de lady Woolwich era bastante confortável.

— Estou tão feliz por termos conseguido enfiá-la em alguns vestidos. É inconcebível que Tristan a mantenha com um guarda-roupa tão escasso.

— É muita bondade sua, mas não há razão para lorde Aberley se preocupar com o meu guarda-roupa.

A mulher não estava dando ouvidos.

— Acho que é óbvio que ele está tentando tolhê-la.

Sophie fechou a boca e se impediu de dizer o que ia dizer. Tolhida? Ela?

— Eu não...

— Ele se livrou do tutor. Você sabe, não sabe? E ele provavelmente proibirá o reverendo Narstop de voltar àquela casa novamente.

A preocupação fez Sophie franzir a testa.

— Por quê?

— Ele pensa que você os seduz.

— O quê?

— Uma sedutora. Ele usou a palavra mais de uma vez para falar sobre você.

Sophie só pôde olhar para ela.

— Eu nunca seduzi ninguém.

— Acho que ele a estava acusando de participar de um colóquio imoral com aquele tutor.

— Eu nunca! — Sophie arfou, não acreditava no que estava ouvindo. Como ele podia dizer algo tão desprezível sobre ela? Era baixo demais, até mesmo para ele. Como ele se atrevia a conspurcar o seu caráter, mas por que estava surpresa? Ele vem conspurcando o seu caráter desde o momento que o conheceu. E agora que ela tinha pensando que eles tivessem alcançado algum tipo de trégua, ele vai e assassina seu caráter pelas suas costas. Homem desprezível.

— E, agora, ele acha que você está planejando seduzir o reverendo Narstop — prosseguiu Minette.

Ela ficou boquiaberta, Sophie sequer podia pensar no que dizer.

— É perfeitamente razoável. Você é viúva. Por que não pode se divertir um pouco? Tristan não tem o direito de dizer o que você pode ou não pode fazer.

— Eu não vou seduzir ninguém. Só estou conhecendo pessoas da aldeia, ou, segundo Aberley, eu não estou permitida a fazer isso? O homem é um pulha. — Todo o seu corpo se aqueceu com a raiva. Como ele se atrevia a acusá-la de tais coisas? Era demais para suportar.

Elas estavam se aproximando rapidamente do distrito de Sommerfield e o sangue de Sophie estava fervendo. Pensamentos irados corriam por sua cabeça. Aquilo era demais. Não permitiria que a tratassem desse jeito.

— Você poderia passar um tempo em Londres. Eu poderia apresentá-la — disse Minette, mas Sophie não conseguia prestar atenção. A raiva fervia dentro dela.

— Eu não posso acreditar que ele faria algo assim — disse Sophie, vagamente ciente que tinha acabado de interromper a companheira de forma muito rude. — Eu nunca fiz nada para ele e ele continua a conspurcar, continuamente, o meu caráter. O que eu fiz a ele para que ele me trate assim?

— Acho que você terá que perguntar a ele.

— Perguntarei — disse Sophie. — De forma muito clara.

— Isso mesmo. Você não deve permitir que ele se safes. É inconcebível.

Sophie batia o pé no chão enquanto a carruagem se aproximava da propriedade. Parecia que a última milha da viagem não terminaria nunca. Na mente dela, ela estava repassando tudo o que ia dizer. Até mesmo tinha dito a si mesma que ia tentar agir com mais bondade com ele, e ele faz isso. O pulha. O salafrário. O degenerado.

Sophie saltou da carruagem antes mesmo que ela parasse, e foi marchando para a casa. Wellswar abriu a porta.

— Onde ele está? — perguntou ela com brusquidão.

— O mestre Alfred?

— Aberley — disse Sophie, sombria.

— No escritório, eu acho.

Sophie marchou até lá e abriu as portas. Alfie estava sentado no chão e Sophie precisou se controlar.

— Alfie, querido. Você poderia ir lá para cima por um momento? Preciso trocar umas palavras com o seu pai.

— Como foi a viagem, mamãe?

— Eu lhe contarei tudo em um minuto. Agora, ande logo. — A voz dela era alta e esganiçada enquanto tentava se acalmar e se recompor enquanto Alfie saía da sala com cautela.

Sophie fechou a porta.

— Você — disse ela. Ele estava sentando à mesa com documentos espalhados pela superfície. — Minette me contou o que disse sobre mim. Como você se atreveu?

— Eu não tenho ideia do que a senhora está falando.

— Tenho sido muito tolerante com você e sua personalidade odiosa, mas isso foi longe demais.

— Personalidade odiosa? — disse ele, claramente ofendido.

— Sedutora?

— Eu nunca disse isso.

— Oh, mesmo? E também não disse que eu participei de um colóquio imoral com o Sr. Herman.

— Eu não. Você participou?!

Incapaz de ser deter, Sophie foi até ele, as mãos em garras, das quais ele se esquivou segurando-a pelos pulsos. Isso estava ficando

muito familiar.

— Como se atreve? Sempre conspurcando o meu caráter. Eu nunca fiz isso com você.

— Oh, mesmo? — disse ele com um bufido que só serviu para deixá-la mais irada. — Eu me lembro muito bem de ter sido chantageado para me casar com você.

— E eu era completamente inocente nessa situação. Eu me casei com você de boa-fé, mas você nem sequer se preocupou em tentar me conhecer. E agora diz essas coisas vis sobre mim.

— Eu nunca disse que você se juntou com Herman. Você fez isso?

— E importa o que eu diga? Parece não servir de nada com você. Você tem as suas opiniões e nada pode mudá-las. — Por um momento, ela lutou para que ele liberasse as suas mãos. — Não haverá um limite para a sua vingança?

— Isso não tem nada a ver com vingança.

— Oh, mesmo? Você vem sendo cruel e horrível desde o instante que o conheci, mas isto, isto é perverso.

— Eu nunca disse que você se uniu àquele homem. De onde você tirou isso?

— Então deixou implícito. E que eu estava planejando o mesmo com o vigário.

Puxando as mãos para trás, ele finalmente as soltou.

— Talvez eu tenha dito algo sobre os homens caírem sob o seu feitiço.

— Isso é desprezível. Você é desprezível.

*

Minette podia dizer que o garotinho estava aflito. Os gritos que vinham da sala eram desagradáveis e ofensivos aos ouvidos.

— Venha, Alfred — disse para o menino. — Por que não me mostra esse seu pônei?

Ele não estava se movendo, recusava-se a prestar atenção nela. O foco dele estava nas portas fechadas do escritório.

— Não é tão ruim quanto parece — disse e ele finalmente se virou para ela.

— Eles estão bravos.

— Bem, às vezes, os adultos precisam arejar. As coisas se acumulam. É necessário. Venha, mostre-me o seu pônei.

Mais uma vez, ele olhou para ela, reticente de partir, então ela insistiu.

— Tudo ficará bem — disse ela. — Às vezes as paredes dos castelos precisam ser violadas, e isso só pode ser feito com o uso da força.

Segurando a mão do menino, ela o levou até os estábulos. Ele ainda parecia preocupado, considerando que as duas pessoas mais importantes de sua vida estavam se digladiando no escritório.

— A coisa com os cavalos é que você pode levá-los até a água, mas não pode obrigá-los a beber. — Ele estava ouvindo, mas talvez não entendendo. Então ela se agachou. — Mas, no final, a sede sempre levará a melhor. Às vezes, coisas boas são resultados de uma batalha.

— Minha mãe diz que a guerra não traz não de bom.

— A paz costuma vir após a guerra, e paz é bom, não?

— Por que eles se odeiam tanto?

— Eles não se odeiam. Não de verdade.

— Eu não entendo.

Ela riu.

— Nem eles, mas acho que precisaremos dar um pouco de espaço para que eles possam tentar resolver as coisas. Ficarão tudo bem. — Olhando ao redor do campo atrás do estábulo, ela apontou para a menor das criaturas. — Aquele é o seu pônei?

— Artex — disse ele. — Meu pai está me ensinando a montar.

— Ele é um bom professor?

Alfred fez que sim.

Era melhor aqueles dois idiotas estarem resolvendo as coisas no escritório. Ela tinha percorrido toda aquela distância, porque sabia que Tristan era totalmente incapaz de fazer a coisa certa. Orgulho demais e obstinação demais. Na verdade, os dois sofriam disso. Sem um empurrãozinho, aqueles dois estariam pisando em ovos ao redor um do outro por anos. Tristan, sempre frio e tranquilo, estava

erigido de um jeito que ela nunca vira. Minette soube, semanas atrás, que havia ali muito mais do que Tristan reivindicar o filho, mas o homem obstinado faria qualquer coisa que estivesse a seu alcance para conseguir o que era melhor para ele. Sophie seria uma parceira melhor do que Minette jamais imaginou. Era uma vergonha ele não ter visto isso sete anos atrás, mas um homem não está pronto até ele estar pronto.

Capítulo 34

— Já estou farta de você me culpando pelas ações do meu irmão, terei que começar a culpar você pela ação da sua? Só posso imaginar o tipo de tola que cairia na lábia dele. Responda isso.

— Não fale mal da minha irmã.

— Oh, mesmo? Você pode falar mal de todo mundo, inclusive de mim, mas eu não posso dizer nada de ruim sobre ninguém?

— Seu irmão é um salafrário.

— Você é um salafrário. É tão ruim quanto ele.

— Retire o que disse.

— Ou o quê?

— Ou irei bani-la dessa casa. — Aparentemente, aquela foi a coisa errada a dizer, porque ela o estapeou, e não se conformou com apenas um tapa.

— Você acha mesmo que darei ouvidos ao seu banimento? Eu lhe dei ouvidos uma vez. Sou toda ouvidos agora. Você não tem nada de bom a dizer.

Bem, de certa forma, ela tinha, porque ele era legalmente o pai de Alfie e aquilo não poderia ser desfeito.

Quão rápido eles tinham ido de serem razoavelmente civilizados um com o outro à violência, e considerando quem teria a custódia em uma batalha legal? Óbvio que seria ele, mas aquilo seria drástico, uma atitude que deixaria Alfie devastado. Tristan percebeu aquilo, mesmo que no início ele tivesse sido bem obtuso. Talvez entendesse por que Sophie tinha lutado com tanto empenho. E, pelo visto, ainda estava.

— Pare de me bater. — Ele voltou a segurar os pulsos dela, contendo-a. — Eu não disse a ninguém que você se reuniu com homem nenhum. Nem sequer insinuei. Eu posso ter dito que eles estavam encantados por você. — Ou foi Minette quem disse, e depois foi e contou tudo para Sophie? O que ela estava tentando fazer?

Sophie se contorceu, o que não fez nenhum favor a ele à luz do desconforto que ele estava sentindo mesmo antes de ela entrar em

seu escritório como uma Valquíria.

— Você me chamou de sedutora?

— Bem...

— Bem, o quê?

— Você não está ciente do impacto que exerce nos homens à sua volta? Usando esses vestidos? Eles deixam muito pouco para a imaginação.

— Do que você está falando? Meus vestidos são muito recatados.

— Eles mostram muito bem quando você está com frio. — Incapaz de se impedir, ele arrastou o olhar para baixo. — E, ao que parece, quando você está com raiva.

Sophie olhou para baixo e arrancou as mãos das dele para cruzá-las sobre o peito.

— E quando estão molhados, eu posso até mesmo ver o seu umbigo — disse ele com rispidez, como se tivesse ganhado pontos com esta declaração.

— Então não olhe.

— Eu sou um homem. Você não pode simplesmente me dizer para não olhar. É como dizer para não olhar para um cometa brilhante riscando o céu noturno. Se você não é uma sedutora deliberada, então o é sem querer.

— Foi por isso que lady Woolwich acabou de comprar três vestidos para mim? Vocês andaram conspirando contra a minha pessoa?

— Sim, porque eu acabei de comprar três vestidos para você. Por alguma razão, você é totalmente contra aceitar qualquer ajuda de minha parte.

— Eu jurei não aceitar nada de você.

— Por que você tem que brigar comigo o tempo todo? Ao contrário do que acredita, eu não lhe desejo nenhum mal. Bem, não ultimamente. Pode ter havido vezes em que eu desejei que você caísse em um buraco escuro e profundo. Mas estamos criando uma criança juntos e precisamos cooperar um com o outro.

— Como poderemos fazer isso se está falando coisas tão vis às minhas costas?

— Eu não falei.

— Parece que falou.

Por um momento, Tristan quis estrangulá-la, ou estrangular outra pessoa.

— Eu posso simplesmente ter dito, ou insinuado, que eu não quero homens vindo a esta casa para ficarem comendo você com os olhos. — Aquilo talvez não fosse o que ele tinha dito, mas o foi em essência.

— Poderia ter havido um futuro entre mim e o Sr. Herman e você fez de tudo para destruir essa possibilidade. Por que faria algo assim para mim? Você acha que eu não mereço ser feliz? Você está decidido a me punir. Pelo quê? Por favor, diga.

Isso era mortificantemente estranho.

— Eu não estava punindo você — ele teve que admitir. Em uma conversa tão franca, era covardia se esconder atrás de meias-verdades. — Eu posso ter me sentido ameaçado.

— Como isso era uma ameaça? Como poderia ser uma ameaça?

— Você estava tentando me substituir. Levar minha família para longe e encontrar um novo pai para Alfie.

— O quê?

— Eu sei que é ilógico, mas foi como eu me senti. Então, sim, eu fui em frente e consegui um novo emprego para ele. Eu confesso. Está feliz agora?

Sophie só o encarou e Tristan não sabia para onde olhar. Era embaraçoso confessar esses impulsos para outra pessoa.

— Talvez eu seja, de forma involuntária, um pouco possessivo.

— Possessivo? Nós não somos casados.

— Sim, bem, mas às vezes, não parece ser o caso. — Era doloroso de admitir, mas talvez ela merecesse saber a verdade. — E talvez eu realmente sinta que você seja uma sedutora baseado na minha experiência pessoal.

Ela ficou boquiaberta, como se fosse dizer algo, mas nada saiu.

— Quando eu tentei seduzir você? É claro, eu tentei ser o mais dócil possível enquanto estávamos casados. Dei o meu melhor, mas nós raramente tínhamos contato. Eu nunca fiz nada para...Se acha que eu ter sido surpreendida pela chuva foi algum ardil para tentar seduzi-lo, o senhor está muito enganado.

— Talvez tenha sido um processo gradual — admitiu ele, a mortificação queimava dentro do seu corpo.

Finalmente, olhou para ela, os olhos dela estavam arregalados, olhando para os dele. Não havia mais raiva. Até mesmo os mamilos dela comprovavam isso.

— Eu — começou ela. — Eu não sei o que dizer.

Tristan deu de ombros. Ele também não sabia.

— Uhm, acho melhor deixarmos as coisas assim. — Dando um passo para trás, Sophie reconsiderou. — Você sempre ficará carrancudo caso um homem venha para esta casa?

— Provavelmente.

— Oh, entendo. Então para que saiba, o reverendo Narstop vem jantar aqui amanhã à noite.

— Foi o que fiquei sabendo.

— Não estou interessada nele, só para que você esteja ciente. Pode ficar tranquilo.

— Ficarei, obrigado, enquanto ele come você com os olhos durante o jantar.

— Ele não me come com os olhos, ele é um homem muito bom. Um homem de Deus, devo dizer.

Tristan não disse nada, porque havia um risco real de que ele fosse fazê-la ficar com raiva novamente. A batina não fazia de um homem um santo, especialmente os jovens e solteiros.

Finalmente, ela fez um meneio de cabeça e saiu do cômodo. Parecia que ficou muito por dizer, mas não era hora de falar sobre nada disso. Foi golpeado pela exaustão e se jogou na cadeira, então serviu-se de uma generosa dose de *whisky*. O que tinha acabado de acontecer?

De certa forma, ele tinha acabado de confessar sua paixão por ela, e nenhum dos dois sabia o que fazer agora. Era óbvio que as coisas tinham mudado. Até certo ponto, ele estava apaixonado por sua convidada, ex-mulher e mãe do seu filho. Não havia porque negar agora. Ele se sentiu inquieto quando ela saiu dali, e não foi por aversão.

Era esta a raiz de toda a discórdia entre eles? Ao que parece, o amor cria mais problemas do que os soluciona.

Tomou outro bom gole do *whisky* e tentou acalmar o coração. De certa forma, parecia que um enorme peso tinha sido tirado do seu peito, mesmo ele não estando totalmente confortável com a essência do que tinha acabado de declarar.

E Minette. O que ela estava pensando ao colorir tudo o que ele disse sob uma luz tão pouco favorável? E ele nem tinha certeza de que tinha dito aquelas coisas. Ela estava se intrometendo.

Ainda assim, já teve confrontos suficientes por hoje, e não teria estômago para outro. Enquanto Sophie era suave como uma marreta, Minette era escorregadia como uma enguia.

Os documentos estavam sobre a mesa, de frente para ele, mas não sabia como poderia verificá-los agora. Mas, novamente, havia certa calma que ele não tinha sentido antes. Pegando a pena, voltou à correspondência em que estivera trabalhando com renovada clareza.

Uma cabeça apareceu perto da porta, chamando sua atenção para o garotinho.

— Olá, Alfie — disse ele animado, enquanto o menino o olhava com suspeita. — Isso me lembra uma coisa. Acho que encontrei um tutor perfeito para você. O nome dele é Sr. Veech. Ele parece ser um homem muito bom. — E velho, muito velho.

Ressabiado, Alfie entrou no escritório.

— Eu pedi para ele vir, assim você, sua mãe e eu poderemos conhecê-lo.

A imagem se formou em sua cabeça. Aquela era a sua família e ele realmente a via assim. E aquele não foi um pensamento que o desagradou.

Capítulo 35

Com a porta muito bem fechada, Sophie ficou de pé com as mãos nos lábios, tentando entender o que tinha acabado de acontecer. Aberley tinha... afeto por ela. Aquilo ao menos era certo? Na verdade, ela não podia definir exatamente o que era aquilo, mas ele estava com ciúme. Tudo era fruto do ciúme. Como tal coisa poderia ter acontecido? Eles se odiavam.

A maçaneta da sua porta virou levemente e ela deu um passo ao lado enquanto Alfie aparecia.

— Oi, docinho — disse ela, convidando-o a entrar.

— Nós vamos embora? — perguntou ele.

— Não, é claro que não — respondeu ela, percebendo que ele estava preocupado por causa da briga. — Tristan nunca vai pedir para você ir embora. — Ele poderia pedir para ela, mas aquilo era uma coisa completamente diferente. Na verdade, toda essa coisa com a atração que ele estava sentindo era muito perturbadora e deixava as coisas muito mais complicadas. Como eles lidariam um com o outro agora?

Ele estava atraído por ela. Aquilo era um absurdo.

Naquele momento, entretanto, ela precisava reassegurar Alfie, quem estava obviamente preocupado.

— Sabe quando você briga com seus amigos? Bem, adultos fazem o mesmo. Eles só precisam arejar as coisas, e seu pai e eu só tivemos um desses momentos. — Mesmo enquanto dizia isso, ela notou o quanto soava como se fossem uma família, e Aberley estava preocupado que ela o estivesse substituindo. De certa forma, ele estava certo. Na cabeça dela, ela o tinha excluído do retrato, uma figura distante muito pouco vista que nunca saiu de Londres. Não tinha pensado que isso faria um desserviço a ele, não imaginou que ele precisava tanto de um relacionamento com Alfie, muito menos um com ela.

Relacionamento, soava como uma palavra muito importante. Eles não tinham um relacionamento, mas aquilo era uma sugestão de que eles deveriam ter? O nervoso a fez sentir um frio na barriga

e ela teve que se forçar para não torcer as mãos, porque Alfie iria interpretar mal aquele gesto.

— Está tudo bem — disse ela com um sorriso. Não era verdade. Estava tudo em suspenso, só não o fato de Aberley jogá-los na rua. — Não há nada com o que se preocupar. — Aquela foi uma declaração da qual ela também não podia ter muita certeza. — Agora preciso me aprontar para o jantar — disse animada. A voz dela soou animada demais aos seus próprios ouvidos. — E você vá procurar Mary, ela vai levar seu jantar daqui a pouco.

Alfie se demorou um momento a mais.

Sophie se virou para ele enquanto ela sentava à penteadeira.

— O que você acha de eu começar a aprender a montar amanhã?

Um sorriso iluminou o rosto dele. Aparentemente, enfrentar os seus medos e colocar a sua integridade física em risco era tudo o que precisava fazer para aliviar os temores do filho.

— Podemos montar juntos.

— Com certeza. Você acha que Aberley pode arranjar um pônei para mim também?

— Não, a senhora precisa de um cavalo. — É claro que ela precisava. Um cavalo grande, e uma queda maior ainda.

— Agora, chispa daqui.

Virando-se para o espelho, Sophie se olhou. Sentiu como se estivesse prendendo o fôlego. A tensão tinha fincado as garras nos seus ombros. Tinha sido um dia tão longo e estranho, e ela já estava ficando sem tempo para se vestir. Para não mencionar que agora ela tinha três vestidos novos, os quais não tivera a intenção de comprar; correção, Aberley os comprou, porque os vestidos dela mostravam mais do que ela imaginara. Ficou ainda mais nervosa.

Com os dedos trêmulos, ela alisou o cabelo.

Descendo as escadas, Sophie jogou o xale sobre os ombros, assegurando-se de que ele cobria o suficiente. Com um sorriso tenso, entrou no salão, onde Aberley e lady Woolwich estavam sentados.

— Aí está ela — disse lady Woolwich. — Eu estava acabando de contar para Tristan o maravilhoso dia que passamos em Bournemouth.

— Sim, é claro — disse Sophie, sentando-se na beirada do sofá. O xerez de sempre foi entregue a ele por Wellswar e ela o sorveu agradecida.

— Compramos uns vestidos maravilhosos para Sophie.

Sophie se sentiu encolher por dentro, desconfortável com a ideia de que Aberley tinha comprado vestidos para ela. O que aquilo queria dizer? Agora ela teria que ser grata. Aquilo seria mal interpretado? Tudo seria tão estranho a partir de então.

Lady Woolwich os observava com atenção, e nem ela nem Aberley olhavam um para o outro, ou interagiam de qualquer forma. Sophie não podia se obrigar a olhar para ele, ou reparar nos calções negros que ele tinha posto. As cores escuras ficavam bem nele. Fazia com que os olhos frios e claros ficassem ainda mais realçados.

— Eles devem ser entregues daqui a uma semana, pelo que entendi — prosseguiu lady Woolwich quando ninguém falou nada.

— Embora eu não tenha certeza se estarei aqui para vê-los chegar.

— Oh, você está de partida? — perguntou Tristan. — Será uma pena.

— Tanto quanto eu goste de ficar aqui, não posso ficar para sempre, posso?

A ideia de lady Woolwich partir pareceu como se um tapete estivesse sendo arrancado de sob os pés de Sophie. Se ela fosse embora, seriam apenas ela e Aberley ali, dia após dia. Lady Woolwich era o amortecedor entre eles.

— Sua companhia tem sido tão agradável.

— Sim, gostaria de pensar que nos tornamos amigas — disse a mulher com um sorriso animado, até que a atenção dela foi roubada por Wellswar vindo avisar que o jantar já estava pronto.

— Depois de você — disse Tristan, e esperou que ela passasse, completamente ciente da presença dele atrás dela enquanto entrava na sala de jantar e tomava o seu assento. Quando se sentou, ela sorriu e voltou a verificar o xale para se certificar de que ainda estava coberta. Ela nunca mais seria capaz de se sentir confortável em seus vestidos, e rezava para que os novos chegassem logo. Com quanta frequência tinha se exposto na frente dele? E naquela

vez que pegou chuva. A vergonha começou a se espalhar pelo seu corpo.

A sopa foi servida.

— Poderia me passar o sal? — Tristan perguntou e Sophie notou que o sal estava no seu lado da mesa.

— É claro — disse ela, e se inclinou para pegá-lo, entregando-o a ele. Os dedos se tocaram levemente, e a sensação percorreu o seu braço.

— Os invernos devem ser passados em Londres — disse lady Woolwich. Sophie não tinha ideia do que dizer, já que a atenção dela ia de um para o outro. Lady Woolwich parecia estar falando com os dois. — Fiquei sabendo que a temporada de teatro será excelente este ano. Você gosta de ir ao teatro? — O foco dela agora estava em Sophie, com certeza.

— Sim. Costumávamos ir a concertos sempre que possível.

— A Filarmônica, é claro. Você gosta de música, não gosta, Tristan?

— Eu não desgosto de música.

— Então deveríamos ir juntos neste inverno.

— Não tenho certeza se pretendemos... — começou a dizer Sophie.

— É claro que você tem que ir. Esta casa estará fria e desconfortável demais no inverno, não é mesmo, Tristan?

— Fica muito frio mesmo — disse ele, o desconforto era aparente. — Você é, é claro, bem-vinda a passar os meses mais frios na casa de Londres.

O sorriso dela devia mais parecer uma careta, porque Sophie não sabia muito bem como agir. Passar o inverno em Londres nunca tinha sido mencionado e Sophie não sabia o que dizer.

— Eu posso lhe apresentar os melhores salões de Londres — prosseguiu lady Woolwich.

— Eu não acho que esta seja uma boa ideia. As coisas são muito complicadas — respondeu Sophie. Ela ainda era a divorciada que foi expulsa do casamento em poucos meses, e isso sem levar em conta a sua origem mais modesta. A última coisa que queria era ser apresentada nos salões de Londres.

— Eu não acho que Sophie vá gostar da sociedade — disse Tristan. Ele a estava defendendo? Ou estava envergonhado por ela? A incerteza e a confusão queimaram em sua mente. — A menos, é claro, que a senhora assim o queira.

Todos estavam dizendo ‘é claro’ muitas vezes.

— Não, eu não tenho o desejo de ser conhecida nesses círculos.

— Oh, eu acho que eles sabem sobre você — disse lady Woolwich. Sophie voltou a prestar atenção nela, e Tristan fez o mesmo. — Todos os amigos e inimigos dele estão a par da situação. Bem, principalmente os inimigos. Tenho certeza que você sabe que os amigos dele são poucos e esparsos.

O sorriso forçado não deixou o rosto de Sophie, mesmo ela não tendo ideia de como reagir a isso. Tecnicamente, ela era um daqueles inimigos. Mas eles eram inimigos agora? Tudo o que os envolvia era tão incerto. E também parecia que toda a sociedade estava a par dessa curiosa situação. O nervosismo voltou a fincar as garras. Eles não eram o tipo de pessoa que ela queria conhecer.

— Está tudo bem com Alfie? Ele pareceu um pouco ansioso hoje — prosseguiu lady Woolwich, mudando o assunto, felizmente.

— Sim. Ele estava um pouco descomposto. — Sophie corou, envergonhada que os problemas deles tenham afetado o filho. Era inconcebível ela ter estado tão distraída e determinada que não percebeu isso. — Eu precisei prometer a ele que eu ia aprender a montar com ele amanhã.

— Eu lhe ensinarei, caso queira — disse Tristan, e Sophie se virou para ele.

— Entenderei completamente caso seja uma inconveniência para o senhor, mas agradeceria se me emprestasse um dos seus cavalos. Preferencialmente o menor deles.

— Eu lhe comprarei um.

Sophie piscou.

— Não, não é necessário, tenho certeza.

— Não dará trabalho, e eu ficarei feliz em lhe ensinar a amontar.

— Não poderia me impor.

— Não está se impondo.

Lady Woolwich prestou muita atenção naquela interação. Ninguém podia deixar de reparar o quanto eles eram estranhos

quando estavam juntos, mas ela não podia evitar, nem ele, ao que parecia.

— Esplêndido — disse ela finalmente. — Está tudo resolvido. Planos importantes para amanhã. Tristan será um professor esplêndido. Sob a atenciosa tutela dele, tenho certeza de que, logo, logo, você estará muito hábil na sua montaria.

Um rubor se arrastou pelas bochechas de Sophie, incerta de que lady Woolwich quis implicar aquele duplo sentido. Ela tentou sorrir. Como ela conseguiu convencer-se a deixá-lo ensiná-la a montar?

Capítulo 36

O interior da selaria cheirava a óleo enquanto Tristan pegava a sela de amazona. Ela não era usada há décadas, mas estava bem lubrificada e preservada, como todas as selas novas e antigas. Colocando-a sobre o antebraço, ele pegou um chicote e uma manta de sela que também ficavam na parede.

Havia tempo que os seus cavalos tinham sido montados por mulheres, mas eles não faziam nada além de acostamá-la com a sela. Os cavalos tendiam a se acostumar, então talvez eles fossem treinar o cavalo ao mesmo tempo.

— Traga Tempest — disse ao cavaleiro, quem voltou ao estábulo para pegar o cavalo escolhido.

Os cascos foram ouvidos antes de a égua aparecer na porteira, um dos menores cavalos do estábulo com uma bela pelagem vermelha. Tinha sido a égua da sua irmã há um tempo atrás.

Colocando a manta e a sela nas costas dela, Tristan apertou a cilha. Atrás dele, Sophie parecia nervosa usando um dos vestidos de sempre por baixo do casaco. Os olhos dela estava arregalados e as bochechas rosadas enquanto ela sorria de forma estranha.

— Pensando bem, talvez não seja uma boa ideia.

— Que bobagem. Isso lhe dará bastante liberdade. Poderá ir a qualquer lugar da propriedade. Só montaremos e caminharemos hoje. Nem deixaremos o cercado.

Um olhar de alívio suavizou os traços dela. O que ela esperava? Que ele fosse fazê-la galopar pelo gramado?

Insegura, ela deu um passo à frente, obviamente sem ter a mínima ideia do que fazer. Bem, ela foi nascida e criada na cidade, e provavelmente nunca esteve sobre um cavalo.

— Talvez seja melhor dizer olá para o cavalo primeiro — ele sugeriu e ela o olhou curiosa. — Afague-a no pescoço, para que ela perceba que não pretende feri-la.

— Certo, é uma ela.

— Tempest. O nome engana. Ela é bem dócil. Uma velha senhora, se quiser saber.

— Certo — repetiu Sophie, mais uma vez.

— Onde está Alfie?

— Está tomando chá com lady Woolwich — disse Sophie. — Ela insistiu.

Estava claro que Minette queria que eles passassem tempo juntos, e tanto quanto quisesse negar, ele também queria. Era bom quando eles estavam juntos e sem gritar um com o outro. O que levou à pergunta do que ele realmente queria, e ele teve dificuldade para responder. Estava preso em uma espécie de limbo. Não podia ir embora, não podia ficar. Havia um imenso desconforto também, mas ele não gostou da ameaça de Minette de ir embora, porque parecia que eles precisavam de um intermediário.

Devagar, Sophie deu uns passos à frente e afagou o cavalo. Os dedos esguios e pálido acariciaram o pelo. O nervoso de Sophie era óbvio e ela se afastou um pouco quando Tempest levantou a cabeça.

— Agora que as apresentações já foram feitas, é melhor a senhora subir no bloco de montar. Precisa se sentar de lado na sela antes de se apoiar no pito, essa parte do cepilho que parece um chifre.

Ela pegou a mão dele enquanto subia e o calor da mão dela se infiltrou na de Tristan. Com as mãos nos quadris de Sophie, ele a subiu até a sela. Aquela saia não tinha sido feita para montar.

— Passe a perna direita sobre o pito. — Não haveria como fazer aquilo sem ajustar a saia e o tecido de algodão branco da combinação em volta do pito. Então a perna direita se encaixou no estribo. A mão dele foi para o tornozelo esguio, a perna dela ficou em exposição antes de ele ajeitar a saia para que cobrisse tanto ela quanto o pito.

Respirando fundo, ele se afastou. Tudo parecia um pouco mais seguro quando não estava tocando aquelas belas pernas.

— Certo — disse ele, tentando organizar os pensamentos. — Segure o chicote na mão direita.

— Acho que não consigo me obrigar a chicotear um animal.

Por um momento, ele piscou confuso.

— Não, ele é usado no lugar da sua outra perna, para informar ao cavalo para onde deseja ir apenas tocando o flanco do animal.

— Oh, entendi — disse ela.

— Ao contrário do que acredita, eu não sou um monstro que usa o chicote em animais indefesos.

As bochechas dela ficaram ainda mais coradas.

— Eu não quis insinuar... — disse ela, deixando a voz morrer.

— Agora as rédeas, elas descansam nos seus mindinhos, e passam por cima dos indicadores. Você as segura com os outros dedos e o polegar. — Ele arrumou os dedos dela em volta das rédeas para formar um bom aperto. — Isso lhe dá melhor controle, mas as suas pernas servem mais para dizer ao cavalo o que quer. Perna e chicote, no seu caso. Puxe-as e ela parará. Com suavidade. A boca do cavalo é sensível.

Agora ela estava pronta e ele a conduziu devagar em volta do cercado. Eles se locomoveram em silêncio e ele sentiu como se a estivesse conduzindo. Por um momento tudo pareceu desaparecer e eles estavam simplesmente caminhando, um homem e uma mulher indo para onde queriam ir. Aquela profunda sensação de satisfação retornou. Parecia que tudo estava como deveria estar.

Eles caminharam em silêncio por volta de vinte minutos, era o suficiente para um dia. Não acostumada a montar, o traseiro dela provavelmente ficaria dolorido. E verdade seja dita, ele não tinha certeza se poderia suportar mais observar o corpo dela se movendo suavemente com os passos do cavalo. Isso trazia coisas à sua mente que provavelmente não deveriam estar lá.

Parando o cavalo, ele deu um passo em direção a ela.

— Basta por hoje?

Ela fez que sim. Com as mãos, ele a ajudou a tirar a perna do pito até que ela estivesse sentada de lado novamente. Talvez isso devesse ter sido feito mais perto do bloco de montar, mas não foi onde eles pararam.

Com as mãos nos quadris dela, ele a ajudou a apear, sentindo uma intensa vontade de puxá-la para si. As mãos dela estavam em seus ombros. Será que ela sabia que aquilo era tortuoso?

— Obrigada por ter disposto do seu tempo para me ensinar a montar. Foi muita bondade sua.

Não parecia bondade, parecia egoísmo. Ele estava usando essa desculpa para... impressioná-la? Ele queria impressioná-la? Sim, ele

queria impressioná-la já fazia um tempo, com o seu poder, suas habilidades e sua aptidão como pai.

Ele deveria dizer alguma coisa agora, alguma coisa inteligente e engenhosa, mas não lhe ocorreu nada agora que a tinha ali, praticamente em seus braços, com ela olhando-o fixamente. Como podia ser tão impossivelmente estranho beijar esta mulher? Ele era um homem vivido, um homem que era mais capaz do que todas as coisas que tinha feito, mas não podia se fazer beijar uma mulher que esteve de pé no altar e que tinha dito que o amaria e o cuidaria pelo resto de sua vida. Uma mulher que lhe dera um filho.

— Acho que vai começar a chover logo, logo — disse ela, afastando-se do cavalo, e dele. O material da saia escapou dos dedos dele. — Talvez precisaremos pensar em alguns jogos de salão.

Enquanto ela se afastava, ele a segurou pelo pulso e a puxou de volta. Não havia como voltar atrás agora. Teria que seguir em frente. Os lábios dele procuraram os dela, procuraram a suavidade dela. Um pequeno arquejo lhe permitiu acesso e ele a saboreou, o gosto dela inundou a mente de Tristan enquanto ele fechava os olhos. Ele a envolveu com os braços e a puxou para perto, como tinha querido.

Ela não lutou enquanto ele aprofundava o beijo, explorando o calor dela. Cada parte do seu corpo estava em alerta, tensionado por causa daquele beijo impossivelmente delicado. Ele não podia respirar, mas não precisava de ar, precisava dela. Os seios macios pressionavam seu peito, e ele aprofundou o beijo ainda mais. Na verdade, não tinha certeza se já beijara alguém assim, pegando tanto quanto queria, consumindo tudo dela. O beijo não era mais delicado, e pareceu durar uma eternidade porque haveria a estranheza e provavelmente recriminações quando chegasse ao fim. Naquele beijo eles estavam seguros, estavam unidos. Eles eram um.

Respirando fundo, ele o deixou chegar ao fim, os olhos ainda fechados enquanto descansava a testa na dela. Ele queria mais, ele queria tudo. Talvez aquilo não fosse surpresa para ela, mas ele agiu no calor do momento. Talvez um tapa estivesse chegando à sua bochecha a qualquer minuto, mas teria valido a pena. Foi um beijo roubado, mas ele nunca poderia se arrepender dele.

— Oh — foi tudo o que ela disse. O pulso dela ainda estava em sua mão quando ela o puxou com suavidade. Quando ele finalmente abriu os olhos, os dela estavam arregalados e buscando pelos dele. O que poderia dizer; como ela podia estar surpresa? O desejo por este beijo o estava agitando já havia um tempo, e tinha sido tudo o que esperara. Se tinha sido melhor para ela, ele não tinha ideia. Não tinha uma pista sobre o que estava se passando pela mente dela naquela hora.

Na verdade, ela parecia um pouco aturdida. Aquilo era uma surpresa? Ela não tinha esperado que aquilo seria uma possibilidade depois de ele ter colocado o seu coração sobre a mesa na frente dela?

Aos poucos, ela se afastou dele, saindo dos seus braços. Os dedos dela foram para a parte baixa do pescoço e ela envolveu o outro braço em volta de si. Ela estava evitando olhá-lo enquanto dava outro passo para trás.

Talvez não fosse a recepção calorosa que ele tinha esperado, mas também não recebeu um tapa. Nem ela o tinha afastado, em vez disso, permitiu que o beijo se desenrolasse.

Dando as costas para ele, ela seguiu o caminho de casa.

Capítulo 37

Mais uma vez, Sophie estava de pé atrás da porta do quarto com os dedos pressionados nos lábios. Ela ainda podia sentir a pressão dos lábios dele. Tinha sido glorioso, e ela não tinha feito uma única coisa para colocar um fim naquilo.

As emoções estavam em colisão dentro dela. Só ficou parada lá e deixou acontecer, ela participou. Verdade seja dita, já fazia muito tempo que tinha sido beijada daquele jeito, com tal paixão. Na verdade, era provável que aquilo nunca tivesse acontecido.

Mas o que aquilo tinha significado e por participar, estaria ela prometendo coisas que não pretendia fazer? Nenhum deles falou sobre qualquer promessa. Tinha sido só um beijo. Uma expressão de...

Ela não sabia o que dizer sobre aquilo. Ele a desejava, o que poderia ser pelo fato de que ela era a única mulher por ali, exceto a querida amiga dele, mas ele tinha ido para Londres e tinha sido arrastado de volta. De acordo com as próprias palavras dele, ele admitiu aquilo.

O que aquilo significava? A pergunta dava voltas e mais voltas na sua cabeça. O que aquilo significava além de desejo? O que ele queria dela? Era óbvio que não uma esposa, e ele com certeza tinha gostado muito pouco dela antes de ter sido afligido por esta atração.

Mas então ele também disse que sentia como se eles fossem casados. O que aquilo queria dizer? Por que aquele homem não se explicava?

Aborrecida, Sophie se afastou da porta e caminhou pelo quarto, mas só conseguiu chegar à penteadeira, onde ela acabou perdendo o fio do pensamento novamente.

Fisicamente, a atração era mútua. Não havia como negar. Ele era um homem muito bonito e, em algum momento, pensara que ele fosse o homem mais belo do mundo, mas a personalidade dele, e também o veemente desdém que sentia por ela, tinha afogado aquela atração. Por muito tempo, ele a culpava por tê-lo enganado

para casar com ela, tinha visto aquilo como uma grande falha no caráter dela.

Por que ele beijaria alguém de quem ele tinha tão baixa opinião? Por que ela beijaria alguém que pensava aquilo sobre ela? Ambas as situações não eram igualmente ruins?

Uma batida soou na porta e Sophie congelou. Seria ele? Ele queria se explicar ou qualquer outra coisa ainda mais incompreensível? Pressionando os lábios, ela imaginou o que poderia fazer. Se ela o deixasse entrar, sucumbiria novamente, dessa vez em um quarto, com a conveniência de uma cama. Um arrepio de nervosismo percorreu todo o seu corpo.

— Sra. Duthie? — Era Wellswar. Os ombros de Sophie relaxaram e ela foi atender a porta. Wellswar sorriu daquele jeito estranho que ele sorria, como se não fosse uma expressão natural para ele. — Lady Woolwich perguntou se a senhora deseja se juntar a ela para o chá.

— Certo — disse Sophie. Uma distração. Talvez aquilo a ajudasse a colocar os pensamentos em ordem. — Sim, seria ótimo tomar o chá. — Ela estava sedenta na verdade, ou seria aquele nervosismo constante e onipresente que sentia desde o momento que saiu de casa naquela manhã?

Sophie encontrou Minette no salão, sentada em um sofá de brocado no canto.

— Aí está você — disse ela e deu um tapinha no sofá. — O tempo está pavoroso, não? Acho que Tristan saiu. Alguma coisa com a ponte. Como foi a aula de equitação?

Pigarreando, Sophie tentou impedir que o rubor subisse por suas bochechas.

— Boa. A cavalo me pareceu prudente.

— Sim, prudente. Exatamente o que se quer em um cavalo. Chá?

— Por favor.

— Precisarei partir em breve. Eu e Alfie nos divertimos muito esta manhã. Vocês precisam mesmo contratar outro tutor para ele.

— Preferencialmente um que Aberley não mande para longe.

Minette sorriu.

— Ele está com ciúme. Esta é, tenho certeza, uma nova emoção para ele.

Sophie aceitou a xícara, e não soube como responder.

— Na verdade, eu não acho que ele saiba o que fazer com as emoções no todo. Homens como ele são uns patetas quando se apaixonam.

— Eu não acho... — Sophie começou a argumentar.

— Eles não têm ideia do que fazer. São tão capazes na maioria dos assuntos, mas no que diz respeito às mulheres, eles não têm nenhuma noção.

A resposta escapou de Sophie. Recusava-se a pensar naquilo. Apaixonado. Era totalmente ridículo.

— Se ao menos ele tivesse aberto os olhos sete anos atrás, as coisas teriam sido muito diferentes, mas não importa. As coisas sempre se encaixam no final, não? É como se fosse para ser.

— Eu não acho...

— Bastante romântico. Um homem tão prático. Quem diria que ele guardava isso dentro de si?

Romântico? Aberley? Não, não parecia nada como ele.

Mas nada do que Sophie dizia afastava Minette daquela linha de pensamento.

— Não é fácil para ele, você precisa entender. Ele sempre foi sozinho, desde criança. Tenho certeza de que ele está bagunçando tudo. — Ela riu um pouco. — Mas você precisa dar margem a ele. Ele não tem nenhuma referência, tanto como pai quanto como marido. Nem mesmo como amante. Mas o que faríamos com homens assim? Simplesmente desistiríamos deles?

— Eu...

— Não, precisamos ser compreensivas. Mas não é algo que nos diz respeito, é? Diz respeito só a você.

— A mim?

— Sim. É por você que ele está apaixonado.

— Eu não acho...

— Não? Então você não deve ter notado. — Minette bebericou o chá com delicadeza.

Sophie abriu a boca, mas não sabia o que dizer.

— Mas, por favor, não brinque com ele. Eu odiaria vê-lo se retrair mais do que ele já é. Ele já é muito difícil de alcançar do jeito que está. Eu não acho que ele se recuperaria.

Fechando os olhos, Sophie desejou enterrar a cabeça nas mãos. Era tudo complicado demais.

— Na verdade, eu não acho que ele goste mim.

— O que gostar tem a ver com amar? É contra o amor que ele luta, não contra você, querida.

— Não acho que você entenda a situação.

— Você está dizendo que eu não entendo o meu mais querido amigo? Eu o entendo, provavelmente melhor do que você. — A voz dela ficou ríspida e Sophie sentiu como se estivesse sendo repreendida. — Se não pode ver o que ele é, então não está olhando.

Talvez houvesse verdade naquilo. Tinha passado tanto tempo pensando em Tristan como inimigo e imaginando qual seria o próximo movimento dele, que não tinha olhado para ele, até que ele a beijou. Evidentemente, havia aquela pequena parte de ele admitindo que afastaria qualquer homem que chegasse perto dela, se ela desejasse ser exigente com isso.

— Aí está ele — disse Minette, olhando pela janela, vendo Aberley se aproximar no lombo de um cavalo. Ele parecia tão sério, tão compenetrado. Ele estava pensando nela? Sobre o beijo?

O nervosismo a fez sentir um frio na barriga, como se o chão tivesse cedido sob os seus pés.

Com graça, ele apeou e passou as rédeas sobre a cabeça do cavalo antes de afagar o focinho do animal. Ele era bondoso com cavalos, e cachorros, e com o filho deles. Minette estava certa; ele era muito contido e distante. Tudo nele. Ainda assim ele mantinha amizade com alguém como Minette, porque ele precisava dela.

Era ridículo pensar que aquele homem estava apaixonado por ela. Minette tinha que estar errada, mas aquele beijo. Um beijo de fome e necessidade.

— Devemos ir cumprimentá-lo? — Minette sugeriu e levou uns segundos para Sophie entender a pergunta. — Venha, vamos dizer olá.

Pegada pelo braço, Sophie foi arrastada para a entrada principal, onde a porta logo se abriu e ele entrou. Os olhos dele a buscaram e focaram nela. Ele poderia mesmo estar apaixonado por ela? Amor era algo importante, era o que ela queria mais que riqueza, mais que status. Tinha conhecido o valor do sentimento, e se ele o sentia, ela não poderia culpá-lo por ir atrás dele.

Ela poderia amá-lo? A resposta era sim, ela sabia que era.

— Oh, esqueci o meu livro. Que distração a minha. Wellswar, ajude-me a encontrar o livro. Você pode ajudar Tristan com o casaco, não? — Minette disse, empurrando Sophie para frente. — Wellswar. Agora.

Aberley estava molhado. A chuva tinha encharcado a roupa dele.

— Sim, é claro — respondeu Sophie, finalmente. Então se virou para o espaço vazio onde Minette tinha estado.

Dando um passo à frente, ela foi ajudá-lo a tirar o casaco, o qual estava pesado e quase agarrado nele. Ela teve que retirá-lo de sobre os ombros dele, sentindo o calor dos músculos firmes sob os seus dedos.

— Parece que conseguimos nos molhar bastante.

— É o campo.

Ele deveria estar com frio.

— O senhor encontrará a morte.

— Não sou assim tão frágil — respondeu ele depois de um momento. Ela tinha ficado tremendo e com muito frio quando se molhou, e tinha precisado do calor dele. Uma emoção fez vibrar o seu ventre com aquele pensamento.

— Posso pedir a Wellswar para lhe providenciar um banho. — A camisa dele não estava completamente molhada, só algumas partes. O calção devia estar, ao menos perto dos joelhos.

— Parece pior do que é, e eu não acho que Minette vá deixá-lo voltar neste momento. Ela está determinada a se intrometer.

— Foi o que percebi — disse Sophie, corando. — Ela está... preocupada com o senhor.

Eles ficaram lá por um momento, nenhum dos dois sabendo o que dizer. Mas ele não ia lá para cima se trocar.

— Acho que ela deve ter visto o beijo — disse ele finalmente.

Sophie franziu o cenho.

- Então Alfie deve ter visto também.
- Você acha que ele ficaria feliz? Se nós nos... beijássemos?
- Ele pode achar confuso.
- Você acha confuso?
- Sim — admitiu ela.

— Há uma solução muito simples para tudo isso. Bem, simples talvez seja um eufemismo. Nada sobre esse assunto tem sido simples. Mas eu acho que seria simples, no final das contas. Minette, acredito eu, pensa que é simples de se resolver.

— É mesmo?

— Acho que cheguei a uma conclusão.

Sophie abriu a boca, mas nada saiu. Ela não teve tempo de pensar em nada, porque, dando um passo à frente, ele estava lá, com os lábios pressionados nos dela. Bem, naquele contexto, talvez as coisas fossem simples. Um beijo apagava o passado e tudo o que aconteceu entre eles. Era só tomar este atalho.

O calor da boca de Tristan se infiltrou na dela. O frio da camisa molhada debaixo dos seus dedos, e a firme pressão do corpo dele junto ao dela. A língua dele explorava, provava, provocava. Cada pensamento sumiu de sua cabeça e foi substituído pela sensação: sabor, cheiro, sentimento e até mesmo o gemido baixinho que escapou da garganta dele. Parecia que cada tensão que sentia tinha desaparecido, porém, foi substituída por uma outra mais recente, mais arrebatadora.

Capítulo 38

O beijo se aprofundou. Cada parte dele estava pressionado nela e ela podia sentir que ele queria mais, precisava mais. Não havia como negar que ele a desejava.

Afastando-se, ele pôs fim ao beijo, deixando Sophie sozinha e ansiando por mais.

— Se você subir comigo agora, posso lhe garantir que não serei capaz de me conter.

Era a mesma palavra que ela tinha usado para descrevê-lo e agora ele dizia que não poderia se conter com ela. Sophie piscou, tentando desembotar a mente. Ela não queria que ele fizesse isso, ela o queria incontido; desenfreado. Ela queria a rigidez que sentiu. Queria o homem que tinha visto tantos anos atrás, o homem que a desejava também. Aqui estava ele e o seu corpo doía por Tristan.

— Meu controle sobre mim não é forte o bastante. Se você precisa proteger a sua castidade, acho melhor ficar longe de mim por um tempo.

— Nós apenas estaremos fazendo o que todo mundo acha que estamos fazendo — disse ela, ofegante. Não pôde impedir que as mãos fossem para o corpo dele, que sentissem a musculatura sólida por baixo do toque. — Exceto por aqueles que sabem que não fizemos e que desejam que estivéssemos.

— O que você deseja? — perguntou ele, aproximando-se dela mais uma vez, e ela o recebeu com um suspiro de alívio. Não era o que ela sempre quis, mas tinha se relegado a esperar menos. Não desmerecendo Doug, pois ele sempre foi amável, mas a paixão nunca tinha sido profunda como a que sentia agora.

— Neste momento, eu prefiro não pensar.

— Poderá haver consequências.

— Eu amaria as consequências — disse ela, só naquele momento percebeu que ela gostaria muito se houvesse uma consequência. Outra criança traria muita alegria, mesmo se deixasse as coisas ainda mais complicadas. Crianças eram uma bênção, um propósito na vida.

Com lábios sedentos, ele a beijou novamente, a mão segurando-a pela nuca, puxando-a para mais perto. Então ele se afastou, os lábios recuando lentamente.

— Nenhum filho meu nascerá fora dos laços do casamento. Está avisada. Eu tive muitos problemas para corrigir o acontecido da última vez.

Sophie o encarou, os pensamentos dando voltas com aquela declaração.

— Eu sinto muito por ter dificultado tanto as coisas para você.

— Acho que nós dois lidamos com as coisas do jeito errado. Não estou inclinado a fazer o mesmo. Eu quero fazer do jeito certo, você entende?

Ela fez que sim.

— Casamento — declarou ele, para que as coisas ficassem bem claras. Ela piscou. Casamento. Aquela era a condição dele e, para sua surpresa, não foi tão chocante quanto esperava que fosse. Havia uma visão dos dois na sua cabeça, e não eram as fantasias de uma mocinha, mas o consolo e a comunhão que ela buscava como mulher. Sim, eles brigariam quando fosse necessário, mas eles também poderiam ser muito mais. Quando concordavam, eles ficavam felizes um com o outro. Então, agora, eles estavam concordando? Ela concordaria em se casar com este homem caso houvessem consequências?

— Sim — disse, finalmente. Na verdade, naquele momento, ela esperava que ele não estivesse tendo ideias de um casamento antes da consumação, porque seu corpo estava pegando fogo. A tensão dentro dela precisava de alívio e ela não queria esperar que o vigário fosse chamado, ou pior, ter que esperar dias pela licença de casamento. — Podemos ir lá para cima? Agora? — perguntou ela.

Ele sorriu, um sorriso luxurioso que se espalhou pelos lábios dele, o qual ela adorou ver. Tudo nele mudava completamente quando ele sorria, e ela doeu ainda mais por dentro.

— Desde que você prometa que dirá sim no altar.

— E alguma vez eu disse não para você no altar?

Com aquele sorriso ainda nos lábios, ele se aproximou, mas então ficou distraído com os lábios dela. As mãos dele foram furtivas

até as suas coxas, puxou-as em volta dele enquanto ele subia as escadas e ia para o quarto, então fechou a porta com um chute.

— Eu, com certeza, vou prendê-la a essa promessa — disse ele enquanto a colocava sobre a cama.

Sophie amou o calor nos olhos dele, o desejo, a possessividade. Era assim que um homem deveria olhar para ela, e aquilo não tinha estado lá antes. Ele queria consumi-la, e ela queria consumi-lo também.

Com o joelho entre os dela, ele se inclinou e voltou a beijá-la, Sophie o recebeu, puxando-o para baixo. O peso dele era glorioso, as coxas dela o prendiam. Por que levou tanto tempo para chegarem a este momento, parecia tão natural agora. De certa forma, parecia como se ela estivesse se escondendo disso: um pouco assustada com o que poderia acontecer, porque, naquele instante, ela sabia que não havia como voltar atrás. Se ele a machucasse de novo, ela não tinha certeza se poderia estancar o ferimento.

Afastando-se, ele trilhou beijos pelo seu pescoço e mais abaixo. Os olhos de Sophie se fecharam com o prazer, até que as mãos dele agarraram o decote do vestido e o rasgou.

— Ôpa — disse ele. — Rasgou? O vestido está arruinado. Que vergonha. Embora eu deva admitir que ele me deixou distraído mais vezes do que eu reparei. Mas não posso andar por aí preocupado que ele tenha o mesmo efeito nos outros. Ao que parece, sou um homem ciumento e isso me fará encontrar o meu túmulo muito antes da hora.

Pairando por um momento, o calor dele a provocou antes que a boca dele envolvesse o seu mamilo e o provocasse até que o corpo dela arqueou. Sensações subiam e desciam pelo seu corpo, indo direto para o seu sexo, onde mais precisava dele. A língua firme sacudia o mamilo incansavelmente, enviando ondas de prazer por todo o seu corpo.

Sua garganta fechou, ela não podia respirar. Ela não precisava de ar, precisava dele, buscando o contato pelo qual doía. Inclinando-se ainda mais, ele rasgou o vestido mais um pouco, puxando a parte da frente até que o tecido cedeu. Então ele tirou a camisa por sobre a cabeça e ficou nu diante dela. Forte e magnífico. Saudável,

pensou com um pouco de culpa, mas ele era tão lindo. As mãos dela buscaram por ele, recebendo a pele quente enquanto ele voltava a se aproximar dela.

Eficiente, ele abriu o calção e voltou a ficar entre as suas coxas.

— Você será a minha ruína — disse ele entre arfadas. — Por favor, saiba disso. — Mas Sophie estava muito além de qualquer pensamento. Palavras não significavam nada, só a dor do desejo que sentia por ele.

Ele investiu lentamente. Era um momento de quietude, uma sensação de total desordem. Plenitude, dor e tensão. Também pareceu certo e maravilhoso, como se eles tivessem que se reunir assim. Entrando até o punho, ele se viu envolto por ela, e eles ficaram pele com pele. A plenitude dele dentro dela fez o seu corpo apertar ao redor dele.

Respirar era impossível, mas Sophie precisava de mais, precisava que ele se movesse. Com as mãos no traseiro dele, ela o fez se enterrar ainda mais e o seu corpo se agitou ao redor dele. Ondas de prazer a afogaram, mas ela precisava de mais.

Afastando-se, ele voltou a entrar. Uma nova leva de sensações tempestearam pelo seu corpo e ela buscou os lábios dele, precisando daquela intimidade. Os lábios dele roçaram nos dela enquanto ele se movia com firmeza, de novo e de novo, até que ela não podia mais aguentar.

Agora era ela quem encarava a ruína, a total e completa ruína. Era disso que precisava. Ele dentro dela. Como ela queria amá-lo, e agora eles estavam sendo arruinados no corpo um do outro. Ele era o pai do seu filho, e talvez até mesmo o cavalheiro que uma vez ela pensou que ele fosse.

Os gemidos dele reverberavam pela sua mente, alimentando a paz dentro dela; alimentando o prazer. Erguendo ainda mais os joelhos, ela o trouxe mais profundamente, querendo tudo o que ele tinha para lhe dar.

A tensão aumentou ainda mais, não sabia o que fazer com ela, até uma onda profunda e maravilhosa começar a tomá-la. Ele não se movia mais, só gemia enquanto cada parte do corpo dele enrijecia. Ele se derramou dentro dela e ela queria isso, queria ele.

Tremores profundos e reverberantes viajaram do corpo dele para o dela. As convulsões de prazer foram diminuindo aos poucos e ela se sentiu extremamente exposta a eles, seu corpo sensível a cada sensação.

A totalidade do peso dele se afundou nela e ela o envolveu com os braços e aninhou o rosto no cabelo dele. Queria ficar assim para sempre, mesmo com os pulmões implorando por ar.

Finalmente, ele virou de lado, saindo de dentro dela. De costas, ele respirou fundo, tentando recuperar o fôlego. Ele a puxou para si, para dentro dos braços dele e não permitiu que ela se afastasse.

— Ontem você comprou algo que poderia servir como vestido de casamento?

Ela parou de beijar o peito dele mesmo enquanto ainda podia sentir o gosto dele em sua língua. Ele prosseguiria com o casamento mesmo sem ser forçado pelas consequências? Parecia que sim. Talvez ele estivesse apaixonado por ela de verdade.

Não que ela tivesse duvidado das palavras dele, mas talvez não tivesse entendido a validade delas até que eles tivessem essa total intimidade, onde cada defesa estaria descansando. Naquele momento, enquanto ela olhava nos olhos dele, ela pôde ver vulnerabilidade. Os olhos dele buscavam os dela. Ele estava lhe dando tudo, podia ver nos olhos dele, e a resposta estava por conta dela. Lá embaixo, ela disse sim, mas assim, completamente nua e vulnerável, ela tinha que dar a ele a resposta definitiva e verdadeira. Ela o tomaria como marido? Mesmo depois de tudo o que tinha acontecido entre eles, ela sabia que havia mais coisa ali do que transparecia. Não havia nada nela que ela tivesse escondido dele, em partes como forma de espantá-lo, mas ali estava ele, pedindo que ela desse um salto no escuro, com ele.

Ela fez que sim.

— Tenho certeza de que um deles servirá. Não precisamos casar neste momento. Eu não vou a lugar nenhum. Prometo.

Aproximando a cabeça, ele a beijou na testa.

— Eu vou cobrar essa promessa. Mas eu acho que devemos nos casar o mais rápido possível. Acho que haverá consequências.

— Você está tão seguro assim da sua virilidade? — perguntou ela com um sorriso, provocando-o.

— Nós temos um bom histórico no que diz respeito a isso.

Aquilo era verdade e, bem, ela nunca tomou um homem tão profundamente quanto tinha feito agora. Foi o que pareceu, ao menos, ou talvez ela só precisava aceitar o homem no seu coração, assim como no seu corpo.

— Precisaremos de uma lua-de-mel apropriada dessa vez — disse ele.

— Dessa vez — repetiu ela, pensando em como aquilo pareceu engraçado.

— Para onde você gostaria de ir?

— Eu não me importo. Só quero estar aqui — disse ela, apontando para eles. Era isso o que queria, um homem que abandonasse toda a afetação e simplesmente se entregasse a ela. Não havia nada ali além de um homem e uma mulher que desejavam um ao outro.

Ele pareceu entender e por um momento, eles ficaram ali, em silêncio. Então ele sorriu, trazendo leveza àquela conversa.

— Bem, eu sempre quis viajar. Iremos os três. Mary terá que ir também. Haverá vezes que eu quereirei você só para mim. Veneza? Paris?

Sophie pensou no assunto.

— Eu sempre quis conhecer os Alpes.

Ele pensou naquilo por um momento.

— Podemos fazer isso. Iremos aos Alpes.

— Teremos que casar antes de Minette ir embora. Ela poderá ser testemunha.

Com um sorriso, Sophie percebeu que ela se casaria no momento em que seus novos vestidos chegassem, o que provavelmente seria naquela tarde. Ela não se importava, mas Tristan estava ansioso. Era fofo. Ele temia que algo desse errado? Com o histórico deles, talvez fosse compreensível, mas ele não precisava se preocupar com nada. Ela não iria a lugar algum.

Nenhum deles se moveu, estavam confortáveis demais nos braços um do outro. Eles só ficaram lá, às vezes só se olhando. Outra, repetindo o ato sexual de tirar o fôlego, totalmente incapazes de se fartarem.

Eles perderam o jantar, já que ninguém veio lembrá-los. Provavelmente, obra de Minette. Era rude deixá-la jantar sozinha, mas Sophie suspeitava que ela estava bem feliz com aquele acontecimento.

Capítulo 39

Tristan não podia fazer nada além de andar para lá e para cá. A igreja estava fria, mas o lugar não ficava aquecido nem mesmo nos dias mais quentes do verão. Alfie estava com ele, vestindo o seu pequeno terno. Não era tão formal quanto Tristan teria desejado. Apesar de parecer lógico agora, este casamento não tinha sido premeditado. Mas Alfie estava com ele, então não havia muita chance de Sophie simplesmente fugir.

Com o passado deles, o aparecimento dela no altar hoje não era algo que ele dava por garantido, mas precisava que ela estivesse. Havia um desconforto sobre não ter resolvido isso, como se um medo latente esperasse que tudo fosse dar errado. Talvez porque, no passado, foi o que aconteceu.

Dito isto, ele estava muito mais nervoso dessa vez do que da primeira que esteve no altar esperando por ela. Estivera fumegando de ódio naquele dia, embora tivesse feito um trabalho muito bom escondendo aquilo.

Virando-se de repente, ele voltou para o lugar de onde veio. O vigário estava de pé com a sua estola, esperando pacientemente. Como aquele homem conseguia lidar com casamentos com tanta frequência? Era desesperador.

Alfie também parecia nervoso, o que não era a intenção de Tristan, então ele foi até o menino e se abaixou.

— Você entende o que está acontecendo hoje?

— Você e a mamãe vão se casar — disse ele.

— Isso mesmo. Eu serei marido dela e ela será a minha mulher, e nós seremos uma família. Como deve ser.

— E quanto ao Doug?

— Bem, o Doug cuidou de Sophie quando eu não estava lá para fazer isso. Eles foram casados, porque Sophie e eu não podíamos estar. Não entrarei em detalhes. E, como você sabe, Doug estava muito doente e faleceu. Ele era um bom homem e sempre haverá um lugar para ele em seu coração, e no de sua mãe. — Na verdade, ele queria muito arrancar aquela parte e jogá-la longe, mas aquele

não seria um gesto maduro, e tanto Sophie quanto Alfie precisavam que ele respeitasse Doug Duthie e o papel que ele teve em suas vidas. — Mas agora nós vamos nos casar, porque nós também nos amamos. Pode não ter sido sempre assim — disse ele com uma risada, — mas nos amamos. E talvez se o seu pai não fosse tão cabeça dura, ele teria percebido esse fato muito tempo atrás. Você acha que devemos nos casar?

Para o alívio de Tristan, Alfie fez que sim. Para um menino de seis anos, talvez fizesse sentido que o pai e a mãe fossem casados. De certa forma, era Alfie quem a estava entregando agora, e ele pareceria feliz em fazer isso.

— Eu também acho. Irei tratá-la tão bem quanto puder, melhor, tão bem quanto ela me permitir. Porque quando sua mãe não está feliz, todos nós ficamos sabendo, não é?

Alfie fez que sim novamente, e Tristan pegou a mão dele e eles esperaram enquanto o cascalho fazia barulho lá fora. Ela tinha chegado. O alívio e a esperança o invadiram. Para ser sincero, ele não amava essas emoções que tomavam conta dele só por pensar nela, mas era bem melhor estar com ela do que sem ela. Uma questão de necessidade, foi o que pensou. Agora que ele teve permissão para entrar no corpo e no coração dela, não havia outro lugar onde precisasse estar.

Era um salto de fé da parte dela. Ela estava se colocando aos cuidados dele, ao poder dele, e ela não tinha outra razão para fazer isso a não ser por vontade. Era uma honra e um privilégio que ele reconhecia. E talvez pelo fato de ela poder estar gerando o próximo filho deles naquele momento. A satisfação o acalmou. Ele foi de dispensá-la a precisar dela muito rápido, talvez não tivesse sido assim, porque se livrou de uma dor que sentia e que nunca tinha conseguido identificar. Ela parecia estar em seus ossos, mas jamais a reconheceu porque nunca soube que as coisas poderiam ser de outra forma.

Minette apareceu primeiro com um sorriso animado. De certo modo, ela era a responsável por este desenlace. Tristan não via as coisas desse jeito, mas não viu problemas em permitir que Minette levasse o crédito. A amiga gostava e lutava por Sophie, e aquilo o deixava feliz. Atrás dela, Sophie apareceu usando um vestido azul

claro de brocado de seda. Era esplêndido. Minette tinha escolhido bem.

Olhos claros o receberam. Ela estava tendo dúvidas? Não parecia o caso. Ela sorriu para ele. Céus, ela era linda, e parecia uma lady: lady Aberley. Como ele pôde tê-la dispensado do papel quando ele se encaixava tão bem nela?

O reverendo Narstop pigarreou enquanto Sophie se juntava a Tristan, colocando a mão sobre as dele. Era isso, eles estavam se casando. Eles seriam uma família de verdade, em todos os sentidos da palavra.

No passado, tinha temido isso, fugido; temendo o poder que ela teria sobre ele. Porque ela tinha. A dor dela, o descontentamento dela, era algo que agora ele sentia profundamente. Era assustador, mas o prêmio superava o risco. Aquilo não era exatamente uma escolha. Não podia se imaginar voltando a ficar sozinho, sendo mantido longe da cama dela.

Eles brigariam, e fariam isso bastante, mas fariam as pazes.

Os olhos dela estavam claros enquanto olhavam para ele. Ele mal ouviu as palavras que o vigário estava dizendo. Só disse sim quando precisou e então colocou o anel no dedo dela. Tinha pertencido a algum familiar, mas agora era dela. O anel com o qual se unia a ela.

Não achara um anel que servisse nele. Teriam que comprar um em algum lugar, mas a ligação que ela tinha com ele nunca dependeria de um pedaço de metal.

E então estava feito. Eles eram marido e mulher. Tinha tudo transcorrido bem, nada de mal aconteceu. Ela era dele. O alívio percorreu o seu corpo.

— Parabéns — disse Minette enquanto Sophie se movia para pegar Alfie. — Acho que isso é simplesmente perfeito. Imagine todo o tempo que você desperdiçou. Se ao menos você a tivesse visto pelo que era desde o início.

— Acho que eu não estava pronto.

— Não, talvez não estivesse. É muito melhor quando um homem se casa por amor. Isso me apraz. Eu queria ver meu amigo assentado e feliz.

Tristan só podia esperar que eles fossem felizes. Ainda havia um risco de as coisas darem errado, mas nada de bom era conseguido sem algum risco. Sabia disso. Mas nunca tinha se aventurado em algo que tivesse tanto em jogo: seu coração. Talvez aquela fosse a coisa mais assustadora que já tinha feito, mas precisava confiar nela, não havia outra coisa a se fazer. Se tudo desmoronasse, aquilo iria destruí-lo e ele teria que aceitar.

— Bem, então — disse Minette. — Acredito que meu trabalho aqui esteja concluído. Preciso voltar para Londres e ver o que está sendo feito do meu marido. Eu também posso ter que regalar Cecilia com este conto. Por baixo da bravata, ela não parecia muito satisfeita. Eu não pensaria que os desejos de felicidade dela sejam sinceros.

— Eu não dou a mínima para Cecilia.

— Cuidarei dela, caso ela tente algo calamitoso. Acredito que ela tenha essa propensão.

Por muito tempo, ele tinha ficado descontente por Cecilia ter se recusado a casar com ele, mas olhando para trás, não podia sequer imaginar o inferno que aquele casamento teria sido.

Sophie estava colocando Alfie na carruagem e Tristan foi ajudar tanto ela quanto Minette a subirem. Eles tinham uma festa planejada, um tipo de recepção, mas não tinha convidado ninguém das redondezas. Não houve tempo. Então planejaram algo simples onde até mesmo a criadagem tinha sido incluída. Pouco convencional, mas tudo sobre eles era pouco convencional.

Vendo a carruagem partir, ele montou em seu cavalo e a seguiu. Poderia até dizer que agora ele via a propriedade com outros olhos. Tinha sido uma fonte de renda, mas de outra forma, era um aborrecimento: um lugar preenchido com más memórias, mas agora era o lar e a fortaleza da sua família. Era a força e a privacidade deles. Sophie poderia nunca apreciar Londres ou a sociedade a qual Minette com certeza iria apresentá-la. Talvez eles tivessem que ser uma dessas famílias que estavam sempre enfurnadas em sua propriedade do campo. Tristan nunca entendeu a inclinação que alguém tinha para se isolar dessa forma, mas agora entendia.

As damas desembarcaram da carruagem e entraram, mas Tristan notou alguém se aproximando em um fiacre; não era a

carruagem de Narstop, quem estaria vindo para a comemoração em breve. Ele não queria ninguém vindo para a casa, mas, definitivamente, alguém se aproximava.

Tristan apeou quando a carruagem estava perto, e saiu de lá um homem mais velho com os cabelos grisalhos e o rosto avermelhado. Um homem que Tristan não tinha visto antes.

— Lorde Aberley? — perguntou o homem, saindo da carruagem.
— Sou o Sr. Veech. Acredito que o senhor esteja me esperando.

— Certo, sim — disse Tristan com um sorriso. Tinha esquecido completamente que este homem estava vindo. Olhou-o com curiosidade, considerando-o. Perfeitamente pouco atraente. Ótimo.
— O senhor chegou em uma ocasião bastante auspiciosa, e de certa forma, infeliz.

— Oh, minha nossa. Espero que não — disse o homem com preocupação. Pela cara dele, ele não fez uma boa viagem.

— Eu me casei hoje, veja bem.

— Neste caso, o senhor tem as minhas mais ferventes congratulações.

— Por favor, junte-se à comemoração, e eu irei lhe apresentar, mas o fator mais relevante é que Alfred está vindo para a lua-de-mel conosco. Mas o senhor é bem-vindo a ficar e se acomodar. Ficaremos fora por alguns meses.

Veech piscou e pareceu confuso enquanto Tristan o encorajava a entrar na casa. Então, ele simplesmente se resignou. Seria um início tranquilo para o emprego dele ali, mas ao que parecia, o homem poderia muito bem cochilar na biblioteca por alguns meses, talvez mais.

Epílogo

O lago estava calmo e era lindo, espelhando as montanhas cobertas de neve dos Alpes. A pousada em que estavam ficando era perto do lago e incluía extensos jardim. O ar era puro e fresco, e Sophie respirou fundo.

Alfie e Tristan estavam jogando pedrinhas no lago, aplaudindo os resultados um do outro. A adoração que Alfie tinha pelo pai parecia aumentar a cada dia. Tristan apreciava aquele papel. Com um sorriso, ela se lembrou de quão estranho ele tinha agido perto de Alfie no início, não tinha ideia de como se relacionar com ele. Agora, Alfie parecia trazer à vida um lado mais brando e jovem de Tristan, que agora podia ser o pai que ele mesmo nunca teve quando menino. Sentia uma dor no coração ao pensar nele quando criança, sozinho e abandonado. Doía pensar no homem que ele tinha se tornado. Mas aquilo fez dele quem ele era agora, o homem que dava valor a tudo o que tinha.

Sentiu uma onda de náusea e o seu estômago embrulhou enquanto ela sentava na cadeira de jardim, pegando uma bacia para o caso de precisar dela. Toda a viagem estava indo bem até os últimos dias, quando ela começou a ser invadida por ondas de náusea.

Tristan estava certo. Haveria consequências, e Sophie gostava de pensar que eram da primeira vez que se deitaram juntos. É certo de que houve muitas vezes desde então, mas era romântico pensar que tinha sido na primeira vez que a vida que crescia dentro dela tinha começado.

Ambos perderam tantas pessoas em suas vidas, mas encontraram conforto e alegria juntos. Doug estaria feliz por ela; sabia daquilo no fundo de sua alma. Sendo o romântico que era, talvez ele entendesse que eles tiveram uma história longa e confusa, na qual os dois só enxergavam as mentiras um do outro.

A aliança brilhava no seu dedo e, mais uma vez, ela era lady Aberley, pela segunda vez na vida. Mas aquela aliança era para ficar. Ele não a deixaria ir embora novamente, e não havia outro

lugar para onde quisesse ir. Tristan era atencioso e paciente, mesmo que ele ainda fosse meio seco e tivesse sido implacável com os oficiais incompetentes que eles encontraram ao longo da viagem. Ou com qualquer outra pessoa que não fazia o que ele queria.

Casar com a ex-mulher era um belo escândalo, mas Minette estava ocupada em Londres levando o romance deles a proporções épicas. Sophie desejava que ela não estivesse fazendo isso, mas todo mundo no círculo de Minette agora a via como uma versão moderna de Isolda, que finalmente tinha se reunido com o seu amado depois de toda tragédia e adversidade. Na verdade, foram apenas eles que ficaram no próprio caminho, mas talvez isso tivesse sido necessário. Sophie não questionaria, só estava feliz por eles finalmente estarem juntos.

Em breve, quando se sentisse um pouco melhor, eles estariam indo para Rhineland. Esperava que não levasse muito tempo, mas Tristan tinha prometido que eles teriam todo o tempo do mundo. Bem, ou ao menos oito meses.

Outros livros de Camille Oster

Camille Oster

A Maldição

da

Mansão Hawke



Traduzido por Alessandra Lobo

A Maldição da Mansão Hawke

A Era Vitoriana é impiedosa em se tratando de divórcio, o que faz com que Anne Kinelly seja destituída e abandonada por seu marido. Mas seu futuro desolador é evitado graças ao seu advogado que em um golpe de sorte, encontra uma mansão esquecida e deixada sob juízo pelas gerações anteriores. Os morros desolados de Yorkshire serão agora seu lar enquanto ela se esforça para restaurar a mansão abandonada onde os ventos uivam nos beirais das janelas.

Não tardou muito até que Anne descobrisse que os alertas que ouviu dos moradores da região são mais do que superstições sem sentido. Ao descobrir a história brutal da mansão e de seu fundador, Richard Hawke, Anne descobre que podem haver mais moradores na mansão além dela mesma e sua dama de companhia.



A Governanta

Estelle Winstone nunca havia imaginado que viajaria para terras além das fronteiras da Inglaterra até que recebeu a resposta para seu anúncio oferecendo seus serviços como governanta. Então, terá que viajar até a distante Hungria mesmo que seus nervos estejam à flor da pele, e conhecer o Conde misterioso que agora seria seu novo patrão. Mesmo sem saber falar o idioma dele ou sem alguém que a oriente nos costumes locais, seu novo lar será nas montanhas remotas onde lobos famintos espreitam na escuridão de um castelo marcado com memórias de uma tragédia recente e um longo histórico familiar.



Uma Esposa Ausente

A deserção da esposa de Lord Lysander Warburton foi uma surpresa completa, embora ele tenha admitido prontamente que nunca havia se destacado como marido. A morte da esposa que ele ignorou por quase uma década foi um verdadeiro incômodo, tornando-o ainda mais forrageiro para as fofocas, e agora um alvo para todas as matrizes de design em Londres.

De acordo com o seu talento consistente para ser desagradável, Lady Adele Warburton fugiu com um tenente humilde, deixando para trás a segurança e a respeitabilidade, e depois morreu numa epidemia de cólera num país distante.

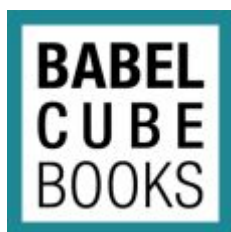
Em uma última demonstração de dever conjugal, Lysander decide recuperar seus efeitos, e relutantemente os dá ao seu amante, refazendo os passos da esposa que ele mal conhecia em metade do mundo. Mas chegando ao caos da Índia, ele descobre que nem tudo está como deveria estar.

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

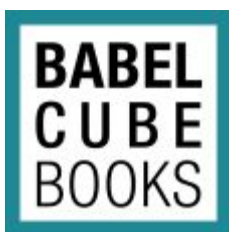
www.babelcubebooks.com

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com